

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

GISLAINE GRACIA MAGNABOSCO

**A CONSTRUÇÃO DO TEXTO OPINATIVO NO *HIPERGÊNERO* BLOG:
ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DO BLOG *PAPO DE AMIGA* DA
REVISTA *CAPRICHÔ***

MARINGÁ - PR
2011

GISLAINE GRACIA MAGNABOSCO

**A CONSTRUÇÃO DO TEXTO OPINATIVO NO *HIPERGÊNERO* BLOG:
ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DO BLOG *PAPO DE AMIGA* DA
REVISTA *CAPRICH*O**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo

MARINGÁ - PR
2011

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central
da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M196c Magnabosco, Gislaine Gracia.
A construção do texto opinativo no hipergênero blog : análise de
comentários do blog papo de amiga da Revista Capricho / Gislaine Gracia
Magnabosco. – Maringá, 2011.
161 f. : il.

Orientador: Edson Carlos Romualdo.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá,
Centro de Letras e Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação
em Letras, 2011.
Inclui bibliografia.

1. Análise linguística – Teses. 2. Gênero textual – Teses. 3. Blog – Teses.
4. Revista Capricho – Blog – Análise – Teses. 5. Internet (Redes de computa-
ção) – Teses. 5. Comunicação de massa – Mídia – Teses. 6. Usuários da
Internet – Comunicação de massa – Teses. I. Romualdo, Edson Carlos. II. Universidade
Estadual de Maringá. Centro de Letras e Ciências Humanas Letras e Artes.
Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 801:316.774

GISLAINE GRACIA MAGNABOSCO

**A CONSTRUÇÃO DO TEXTO OPINATIVO NO *HIPERGÊNERO* BLOG:
ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DO BLOG *PAPO DE AMIGA* DA
REVISTA *CAPRICHÔ***

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo
Presidente da Banca – Orientador (UEM)

Prof^a. Dr^a. Maria Célia Cortez Passeti
Membro do Corpo Docente (UEM)

Prof^a. Dr^a. Esther Gomes de Oliveira
Membro Convidado (UEL)

Aos meus pais, por terem me concedido à vida e por serem a fonte de amor e de apoio em absolutamente todos os momentos da minha vida.

Ao meu namorado, pela compreensão, incentivo e amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença, luz e inspiração em todos os momentos desta pesquisa;

Aos meus pais, por estarem comigo sempre: me ouvindo, apoiando, aconselhando, fortalecendo, torcendo. Pelo amor incondicional e por toda compreensão e confiança;

Aos meus irmãos, pela torcida e incentivo constante. Por sempre acreditarem em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava;

Ao meu namorado, pelo estímulo, carinho e compreensão. Por sempre estar ao meu lado em todos os momentos;

Ao professor Edson, pela orientação, dedicação, e, principalmente, por ter acreditado em minha pesquisa, me apoiando nesta etapa e me auxiliando a crescer intelectualmente;

À professora Esther, por ter aceitado fazer parte da banca examinadora, pela leitura atenta e carinhosa do meu trabalho e pelas sugestões enriquecedoras;

À professora Maria Célia, por toda atenção dedicada nos poucos, mas valiosos encontros do mestrado (projeto), pela participação na banca examinadora e pelas indicações preciosas realizadas na qualificação;

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos;

A todos os professores do programa de pós-graduação em Letras, por terem me capacitado a ser uma professora melhor;

Aos meus colegas e amigos não só do Mestrado, mas da minha vida pessoal, pelo apoio, ajuda e companheirismo contínuos;

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização dessa etapa.

RESUMO

Devido à grande quantidade de blogs disponíveis na Internet e a escassez de estudos que analisam os comentários produzidos nesse gênero virtual, esta pesquisa busca investigar a textualidade e a estruturação textual-argumentativa de comentários publicados no blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*. O blog foi selecionado não só por vincular-se a uma revista de grande circulação, como também pela considerável participação de suas leitoras, verificada pela quantidade de comentários publicados. Para concretizarmos nosso intento, nos apoiamos nos referenciais teóricos da Linguística Textual e da Teoria da Argumentação na Língua e realizamos um estudo descritivo, de abordagem qualitativa e de natureza básica, sem aplicação prática prevista. Nosso *corpus* de análise constitui-se de 1.879 comentários relacionados à temática “Adolescentes e suas relações familiares”, publicados no período de março de 2009 a agosto de 2010. Efetuamos uma análise inicial desses comentários para obtermos uma visão geral do blog e de seu funcionamento e também para verificarmos quais os gêneros utilizados para a manifestação da opinião na temática escolhida. Identificamos a constância de três gêneros empregados para a construção do dizer no blog: o comentário argumentativo *stricto sensu*; o comentário (relato) de experiência vivida e o comentário prescritivo. Optamos, então, por analisar a estruturação textual-argumentativa de 18 comentários, 6 de cada gênero, que são exemplares dos comentários postados ou apresentam algum elemento novo não contido nos outros comentários. Por meio dessa análise, constatamos que a construção da opinião não se dá, exclusivamente, via gênero argumentativo, mas ocorre também por meio do gênero narrativo e do injuntivo que, embora não sejam compostos por sequências predominantemente argumentativas, conseguem expor o posicionamento do locutor e conduzir o interlocutor a determinadas conclusões com exclusão de outras. Tal fato se justifica não só pela própria estrutura do blog (*hipergênero constelar*), mas, principalmente, porque a argumentação é inerente à linguagem, ocorrendo, pois, em qualquer sequência linguística.

Palavras-Chave: Argumentação; Blog; Internet; Fatores de textualidade.

ABSTRACT

Due to the large amount of blogs available on the Internet, and the scarcity of research that analyzes the comments produced in this virtual genre, this study aims to investigate the textuality and the textual-argumentative organization of comments which were published on the blog *Papo de Amiga* in *Capricho* Magazine. The blog was chosen not only because it is linked to a wide circulation magazine, but for the substantial participation of its readers, something verified in the large amount of published comments. In order to achieve our goal, we based this study on the theoretical references of Text Linguistics and Linguistic Argumentation Theory, and we carried out a descriptive study, of qualitative approach and basic nature, with no foreseen practical administration. Our *corpus* of analysis consists in 1,879 comments related to the topic "Teenagers and their family relationships", which were published between March 2009 and August 2010. We initially analyzed these comments in order to gain a general overview from the blog and its operation, and also to verify which genres are used to express opinions on the chosen topic. We identified the constancy of three genres applied on the construction of speech on the blog: *strict sensu* argumentative comment; comment (report) of experiences; and prescriptive comment. We chose, then, to analyze the textual-argumentative organization of 18 comments, 6 in each genre, which are examples of published comments or show any new elements that were not included in other comments. Through this analysis, we found that the construction of opinion does not happen exclusively via argumentative genre, but also via narrative and injunctive genres, which although are not made of predominantly argumentative sequences, are able to exhibit the speaker's positioning and lead the interlocutor to certain conclusions, excluding others. This event is justified not only for the structure of the blog itself (constellation hypergenre), but mainly because the argumentation is inherent to the language, happening, thus, in any linguistic sequence.

Key-words: argumentation; blog; Internet; textuality factors.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Robot Wisdom Weblog de Jorn Barger | 19 |
| Figura 2 - Interface de publicação do <i>Blogger</i> | 21 |
| Figura 3 - Exemplo de blog como diário | 25 |
| Figura 4 - <i>Blogroll</i> do blog Caminho da Lua | 29 |
| Figura 5 - Blogosfera UOL e o <i>link</i> para o blog do <i>Tas</i> | 33 |
| Figura 6 - Blog do <i>Tas</i> | 35 |
| Figura 7 - Critérios para a classificação dos Blogs | 44 |
| Figura 8 - <i>Homepage</i> da Revista <i>Capricho</i> | 47 |
| Figura 9 - Blogs da <i>Capricho</i> | 47 |
| Figura 10 - Primeira postagem do blog <i>Papo de Amiga</i> | 48 |
| Figura 11 - Descrição do blog <i>Papo de Amiga</i> | 48 |
| Figura 12 - Estrutura do blog <i>Papo de Amiga</i> da Revista <i>Capricho</i> | 49 |
| Figura 13 - Diagrama adaptado de Koch e Travaglia | 58 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Especificação das categorias de análise..... | 98 |
| Quadro 2 - Caracterização da sequência argumentativa | 99 |
| Quadro 3 - Caracterização da sequência narrativa | 99 |
| Quadro 4 - Caracterização da sequência injuntiva | 100 |
| Quadro 5 - Agrupamento de gêneros de acordo com a sequência (tipologia) dominante | 101 |
| Quadro 6 - Verbos de opinião..... | 104 |
| Quadro 7 - Principais marcas linguísticas do comentário (relato) de experiência vivida..... | 117 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| | |
| CAPÍTULO 1 - BLOG: ORIGEM E EVOLUÇÃO | 16 |
| 1.1 O SURGIMENTO E A POPULARIZAÇÃO DO BLOG | 18 |
| 1.2 O BLOG: DIÁRIO OU SUPORTE ONLINE?..... | 22 |
| 1.2.1 O Blog Como <i>Diário Online</i> | 23 |
| 1.2.2 O Blog Como Suporte | 30 |
| 1.2.2.1 O <i>Software</i> como o suporte do blog | 35 |
| 1.3 O BLOG COMO UM HIPERGÊNERO | 39 |
| 1.3.1 A Organização Constelar do <i>Hipergênero Blog</i> | 41 |
| 1.4 O BLOG PAPO DE AMIGA DA REVISTA CAPRICHÓ | 46 |
| | |
| CAPÍTULO 2 - TEXTO, COERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO NO BLOG | 52 |
| 2.1 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E O CONCEITO DE TEXTO E COERÊNCIA | 53 |
| 2.2 OS FATORES DE TEXTUALIDADE | 56 |
| 2.2.1 O Conhecimento Linguístico | 58 |
| 2.2.1.1 O Léxico e a argumentação | 60 |
| 2.2.1.1.1 <i>Os modalizadores/modificadores: advérbios e adjetivos</i> | 64 |
| 2.2.1.1.2 <i>A coesão textual e os operadores argumentativos</i> | 67 |
| 2.2.2 O Conhecimento de Mundo..... | 72 |
| 2.2.3 O Conhecimento Partilhado | 73 |
| 2.2.3.1 O <i>Topos</i> e sua relação com o conhecimento de mundo e partilhado..... | 75 |
| 2.2.4 As Inferências..... | 76 |
| 2.2.5 Os Fatores de Contextualização | 77 |
| 2.2.6 A Situacionalidade..... | 80 |
| 2.2.7 A Intencionalidade e a Aceitabilidade..... | 81 |
| 2.2.8 A Informatividade | 83 |
| 2.2.9 A Focalização | 84 |
| 2.2.10 A Intertextualidade | 85 |
| 2.2.10.1 A polifonia..... | 88 |
| 2.2.11 A Consistência e a Relevância..... | 91 |

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DA OPINIÃO NO BLOG PAPO DE AMIGA | 93 |
| 3.1 Os GÊNEROS TEXTUAIS E A MATERIALIZAÇÃO DO DIZER | 93 |
| 3.2 Os GÊNEROS E AS SEQUÊNCIAS (OU TIPOS) TEXTUAIS | 96 |
| 3.2.1 A Caracterização das Sequências e o Agrupamento de Gêneros | 98 |
| 3.3 O GÊNERO ARGUMENTATIVO: O COMENTÁRIO ARGUMENTATIVO (STRICTO SENSU).. | 103 |
| 3.4 O GÊNERO NARRATIVO: O COMENTÁRIO (RELATO) DE EXPERIÊNCIA VIVIDA | 116 |
| 3.5 O GÊNERO INJUNTIVO: O COMENTÁRIO PRESCRITIVO | 131 |
| | |
| CONCLUSÃO | 143 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 148 |

INTRODUÇÃO

Com a chamada *cibercultura* (LÉVY, 1999), um novo espaço de comunicação surgiu, trazendo consigo o advento de gêneros que, por vincularem-se a um novo domínio discursivo (a Internet), acabaram por apresentar “características próprias [...] como, por exemplo, a organização hipertextual e a multimodalidade” (LEDO, 2008, p. 12), repercutindo em “formas mais específicas, interativas, dinâmicas e potencialmente híbridas de comunicação” (LEDO, 2008, p. 25). Dentre os inúmeros gêneros virtuais que surgem com a Internet, encontramos os blogs.

Criados por Jorn Barger, em 1997, para descrever sites pessoais que fossem atualizados frequentemente e contivessem comentários e *links* (SARTORI FILHO, 2011), os blogs têm seu nome originado da junção de duas palavras: *web* (rede de computadores) e *log* (uma espécie de diários de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia).

Os blogs tornaram-se uma ferramenta interacional muito popular, expandindo-se para os mais diversos setores comunicacionais, desde a comunicação entre pessoas “comuns” até a comunicação entre as grandes empresas e seu público consumidor, entre elas, as empresas midiáticas – jornais e revistas – que utilizam esse gênero virtual como forma de manter uma interlocução com seus leitores. Tal popularidade deve-se às características dos blogs como: a) apresentam uma facilidade na edição, atualização e manutenção dos textos na rede; b) não necessitam de um especialista em conhecimentos informáticos para utilizá-los; e, finalmente, c) são gratuitos, pois a maior parte dos provedores não cobra taxa para sua hospedagem.

Devido a essa notória expansão e o fato de que, para utilizá-lo, os usuários, necessariamente, empregam a escrita para construírem seu dizer, julgamos importante estudar as produções textuais vinculadas a esse gênero, não só por termos um interesse particular¹ nas questões ligadas aos gêneros digitais, como também por averiguarmos uma carência de pesquisas com esse enfoque.

Em um levantamento prévio de pesquisas que tematizam o blog como objeto de estudo, constatamos que alguns analisam os aspectos estruturais que permitiram

¹ Esse tema é objeto de estudo da pesquisadora desde a sua primeira especialização, no ano de 2007. Na época, foi realizado um trabalho versando sobre os hipertextos e os gêneros digitais. Desde então, todas as suas pesquisas buscam investigar questões relacionadas aos gêneros digitais e à linguística textual.

sua conceituação como um diário virtual público (KOMESU, 2005a), verificando, por exemplo, como ocorre a construção do *ethos* (HEINE, 2008) e a interação por meio desse gênero digital (ESCOBAR, 2007). Outros observam o processo histórico de constituição dos blogs (MALINI, 2008) e como eles, atualmente, se tornaram ciberesferas públicas, mais especificamente, um espaço de discussão política (AGUIAR, 2006). Há trabalhos ainda que analisam como se deu a formação do sujeito jornalista-blogueiro e do leitor digital (ANDRADE, 2008); e como o blog viabilizou a concretização de uma "web viva", ou seja, uma internet redigida e interligada pelos próprios internautas (PRIMO; RECUERO, 2003).

Vemos, de tal forma, a escassez de estudos que analisam os comentários produzidos nesse gênero virtual, o que corrobora a importância desta pesquisa. cremos que, em virtude da grande quantidade de blogs disponíveis na rede e da abundância de textos publicados on-line, nos quais os internautas manifestam suas opiniões sobre assuntos diversos, faz-se necessário um estudo que busque observar a textualidade e a estruturação textual-argumentativa dessas produções, ultrapassando, assim, uma análise focada, unicamente, nos "aspectos mais superficiais do texto escrito (ortografia, pontuação)" (COSTA VAL, 1994, p. 36). Além disso, o fato de a escrita ficar registrada no blog levou-nos a questionar se haveria uma preocupação dos usuários na qualidade da construção de sua opinião e como eles as expressavam, pois, uma vez postado, seu comentário fica exposto, passível de críticas alheias.

Deste modo, propomos como objetivo geral desta pesquisa verificar quais são e como se estruturam os gêneros utilizados para a elaboração da opinião nos comentários do blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*.

Considerando as condições de produção específicas de emergência dos comentários, estabelecemos como objetivos específicos:

- a) descrever e caracterizar o gênero virtual blog, destacando suas transformações desde sua origem até sua configuração atual, apresentando suas propriedades constitutivas e comunicativas particulares que o tornam um gênero genuinamente virtual;
- b) descrever o blog *Papo de Amiga*, da Revista *Capricho*;
- c) caracterizar as sequências textuais, agrupando-as em tipos textuais;
- d) verificar as estratégias argumentativas utilizadas na escritura dos textos publicados;

e) demonstrar como tais estratégias funcionam na construção da opinião.

Selecionamos o blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho* não só por vincular-se a uma revista de grande circulação, mas também por ser um blog que, como o próprio nome sugere, busca criar um espaço no qual as adolescentes escrevem para dividir, pedir conselhos, desabafar, pois, de acordo com o blog, “ali haverá sempre alguém pronta para ouvir e ajudar”. Notamos, pelo comentário, que o blog *Papo de Amiga*, ao abordar temas vividos e relacionados ao cotidiano das adolescentes, coloca-se como um espaço propício para o diálogo e, se considerarmos a grande participação das adolescentes nas interações digitais propostas, atinge sua meta.

Assim, ao postar e comentar temas do interesse de seu público leitor, permitindo que ele se pronuncie, o blog *Papo de Amiga* acabou por se tornar uma importante ferramenta de comunicação entre a revista e seu público e entre as próprias leitoras. Identificando-se com a situação postada, as adolescentes se sentem motivadas a escrever seja para relatar sua experiência de sucesso ou fracasso frente ao problema em questão, seja para demonstrar seu posicionamento perante o tema, seja, ainda, para prescrever, partindo da sua vivência, a melhor forma de agir. Demonstra-se, desta forma, não só a grande notoriedade do blog entre o público consumidor da revista, comprovada pelo número de comentários de cada postagem, mas, igualmente, a relevância da análise dessas produções visando verificar a textualidade e a estruturação textual argumentativa desses comentários.

Nesse novo espaço de comunicação, a revista *Capricho* aborda os mesmos temas tratados no meio impresso, contudo os focaliza tendo como parâmetro as situações e os problemas enviados por suas leitoras. Entre os diversos assuntos abordados no blog *Papo de Amiga*, escolhemos os posts² relacionados à temática “Adolescentes e suas relações familiares”, primeiramente por ser uma temática menos presente no blog em comparação com outras que são constantes como, por exemplo, postagens que versam sobre namoros, amizades, dúvidas escolares (vestibular, mudança de escola), problemas de saúde (bulimia, anorexia), e, depois, por verificarmos que, quando essa temática aparecia, muitos comentários eram produzidos, instigando-nos, então, a estudá-los.

² A palavra *post*, muito utilizada na blogosfera para representar as publicações dos autores dos blogs, é uma abreviatura da palavra *postagem*.

Para contemplarmos nossos objetivos, realizamos um estudo descritivo, de abordagem qualitativa e de natureza básica (sem aplicação prática prevista), cujos procedimentos técnicos são a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso, envolvendo as técnicas de análise e observação sistemática.

Das 18 publicações³ relacionadas à temática “Adolescentes e suas relações familiares”, coletadas no período de 20/03/2009 a 26/08/2010, armazenamos um total de 1.879 comentários, que compõem o *corpus* de nosso trabalho. De posse desse material, realizamos uma leitura prévia de cada comentário com a finalidade de obtermos uma visão geral do blog e de seu funcionamento. Ao nos voltarmos para esses comentários, procuramos verificar também suas principais características e os gêneros utilizados para a manifestação da opinião nessa temática.

Após essa leitura inicial, identificamos a constância de três gêneros empregados para a construção do dizer no blog, o que nos levou, então, a dividir os 1.879 comentários em três categorias correspondentes aos gêneros levantados. Tendo em vista que a estruturação textual dessas produções raramente se diferia, selecionamos os comentários mais representativos do *corpus*, ou seja, optamos por analisar 18 comentários que, de um modo ou de outro, são exemplares dos comentários postados ou apresentam algum elemento novo não contido nos outros comentários pertencentes a um dos três gêneros a serem analisados.

Para compor nosso referencial teórico, nos baseamos nos pressupostos teóricos da Linguística Textual (FAVERO, 1991; KOCH, 1987, 2001, 2003, 2006a; MARCUSCHI, 2008) e da Argumentação na Língua (DUCROT, 1977, 1987; DUCROT; ANSCOMBRE, 1981). Partimos da concepção de texto como resultado de uma atividade verbal, intencional e interacional de indivíduos socialmente atuantes, na qual há a coordenação de estratégias no intuito de selecionar os meios adequados à realização dos objetivos propostos, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza (KOCH, 2003).

³ **1)** Tenho uma namorada e não sei como contar para os meus pais; **2)** Meu pai leu minhas conversas de MSN com o gatinho; **3)** Quero transar, mas tenho medo que a minha mãe descubra; **4)** Minha mãe não confia em mim; **5)** Como convencer a minha mãe a deixar eu dormir na casa do gatinho; **6)** O pai da minha amiga quer que a gente se separe; **7)** Meus pais não me deixam namorar, e eu não gosto de ficar. Como faz?; **8)** Minha mãe diz que eu sou gorda; **9)** Como contei para os meus pais que perdi a virgindade; **10)** Minha mãe me pressiona para perder o BV; **11)** Meus pais brigam muito e acho que eles vão se separar; **12)** Minha mãe não me dá liberdade; **13)** Como contar para os meus pais que estou namorando?; **14)** Minha irmã me põe para baixo; **15)** Tenho medo de contar para minha mãe que quero morar com o meu pai; **16)** Não aguento mais a minha madrastra; **17)** Meu pai quer que eu seja médica, mas quero fazer moda; **18)** Meu pai vai ter um bebê!

Destarte, organizamos nosso trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo, retomamos dois usuais conceitos de blog, propagados na literatura para, com base neles, apresentarmos nossa definição de blog, categorizando, por fim, o blog *Papo de Amiga*. No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico que norteia nosso trabalho, detendo-nos mais particularmente no necessário para a compreensão dos conceitos de texto, para a análise da textualidade das produções do blog e para a compreensão da orientação argumentativa dos textos.

No terceiro capítulo, abordando o conceito de gênero e o de sequência (tipologia) textual, analisamos o *corpus*, verificando como se materializa, textualmente, a opinião das adolescentes. Nesse empreendimento, procuramos mostrar os gêneros e recursos linguísticos utilizados para a construção de um texto que consiga contemplar os objetivos dessas autoras: agir sobre as outras leitoras.

Por fim, realizamos nossas considerações finais, almejando que a pesquisa aqui proposta possa auxiliar a sociedade de forma geral, e os professores de Língua Portuguesa, em particular, a compreenderem não só as características desse gênero virtual, mas, igualmente, terem uma visão da estruturação e da composição dos comentários ali confeccionados, servindo, assim, de referencial para futuras pesquisas e posteriores práticas de ensino que envolvam o blog.

CAPÍTULO 1

BLOG: ORIGEM E EVOLUÇÃO

Considerações Iniciais

Se retrocedermos à história da constituição e da consolidação da Internet, observamos que seu surgimento, em 1969, foi para fins militares e, só posteriormente, em 1992, passou a ser instalada nas universidades (FERREIRA; VIEIRA, 2007). Por essa razão, em seu início, a Internet era utilizada apenas por pesquisadores, cientistas, professores universitários e militares, principalmente para a troca de informações entre grandes laboratórios de pesquisas (XAVIER; SANTOS, 2005). Somente após a criação da *World Wide Web* (WWW) e, conseqüentemente, com a construção de interfaces⁴ mais simples que geraram uma linguagem mais acessível ao usuário não-técnico, é que a rede se popularizou e se tornou uma forma de pensamento: o pensamento informacional (LOPES, 2007).

Inicia-se, assim, a construção da chamada *sociedade da informação* (LEMOS, 2002a), da *cibercultura*⁵ (LEVY, 1999), que, por ser baseada na interconectividade, favorece a participação do usuário seja através do envio intencional de mensagens, seja pelo próprio ato de navegar na rede (GUIMARÃES JUNIOR, 1997). De consumidor de mensagens, o usuário se torna, também, produtor, transformando a comunicação *um-todos* das mídias tradicionais, para a comunicação *todos-todos* (GALLI, 2005), ou seja, na interação de muitos com muitos, em um novo espaço: o espaço virtual.

⁴ De acordo com Souza (2008) a interface pode ser vista como o *design* da página, como uma mediadora entre a linguagem da máquina e a linguagem do interactante.

⁵ Para Lévy (1999, p. 145), a *cibercultura* é “o mundo virtual” é “a universalidade [...] [que] tende à interconexão geral das informações, de máquinas e dos homens” (LÉVY, 1999, p. 113), ou, como denomina Guimarães Júnior (1997), são todos os fenômenos relacionados ao ciberespaço, ou seja, os fenômenos associados às formas de comunicação mediada por computadores.

Esse espaço, também conhecido como ciberespaço⁶, é o grande responsável pela emergência da comunicação mediada por computador (CMC) a qual ocorrerá por meio de “*novos gêneros*” (DANTAS; GOMES, 2008, p. 7).

A conceituação desses gêneros como novos não é unânime entre os teóricos da área. Para Marcuschi (2005, p. 29), esses gêneros não são originais, já que possuem suas contrapartes em gêneros prévios, isto é, se baseiam em um gênero anterior (o *e-mail* na carta, no bilhete; o *blog* no diário, entre outros). Essa mesma posição é defendida por Heine (2008, p. 150), que os vê como “uma transmutação de gêneros já existentes, como a carta, os diários secretos, etc”.

Não partilhamos de tal posicionamento, pois acreditamos que, dado o meio em que se encontram, esses gêneros apresentam características próprias, como, por exemplo, a organização hipertextual e a multimodalidade, repercutindo em “formas mais específicas, interativas, dinâmicas e potencialmente híbridas⁷ de comunicação” (LEDO, 2008, p. 25). Além disso, tendo em vista o suporte desses gêneros, os consideramos como gêneros genuinamente virtuais, ou seja, sem precedentes fora da rede.

Nesse sentido, concordamos com Souza (2007) e Souza e Carvalho (2007), para quem essa semelhança, à primeira vista, se mostra mais visível na informalidade com que alguns gêneros são trabalhados: “O que ocorre nos gêneros virtuais são traços semelhantes, mas não idênticos aos gêneros prévios [...] [e] esse distanciamento é marcado pelo suporte material desses gêneros” (SOUZA, 2007, p. 3).

⁶ Como lembra Andrade (2008, p. 39), a expressão ciberespaço, cunhada pelo escritor *cyberpunk* de ficção científica William Gibson, em 1984, é um espaço não físico ou territorial composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações circulam. Pode ser considerado, então, como uma virtualização da realidade, uma migração do mundo real para um mundo de interações virtuais, estabelecendo uma realidade social virtual, com seus próprios códigos e estruturas (GUIMARAES JUNIOR, 1997).

⁷ Como lembram Araujo e Biasi-Rodrigues (2007, p. 78), a internet nasce da mistura de serviços de telefonia com os serviços da informática, assim, está em sua gênese a vocação para a hibridização. Desta forma, os gêneros que aí nascem trazem, em sua organização composicional, temática e, sobretudo, estilística, as marcas dessa esfera.

Na perspectiva dos autores, com a qual concordamos, tentar estabelecer um paralelismo entre um gênero prévio e um gênero virtual é, no mínimo, um catalisador de equívocos (SOUZA; CARVALHO, 2007).

Dentre os inúmeros gêneros digitais⁸ que se manifestam no espaço virtual, passamos a discutir o blog.

1.1 O SURGIMENTO E A POPULARIZAÇÃO DO BLOG

Caiado (2007) comenta que o termo *weblog* foi cunhado pelo norte-americano Jorn Barger, em seu jornal online *Robot Wisdom*, em 1997, como resultado de um jargão derivado da união das palavras inglesas *web* (rede de computadores) e *log* (registro, diário de navegação). Neste momento,

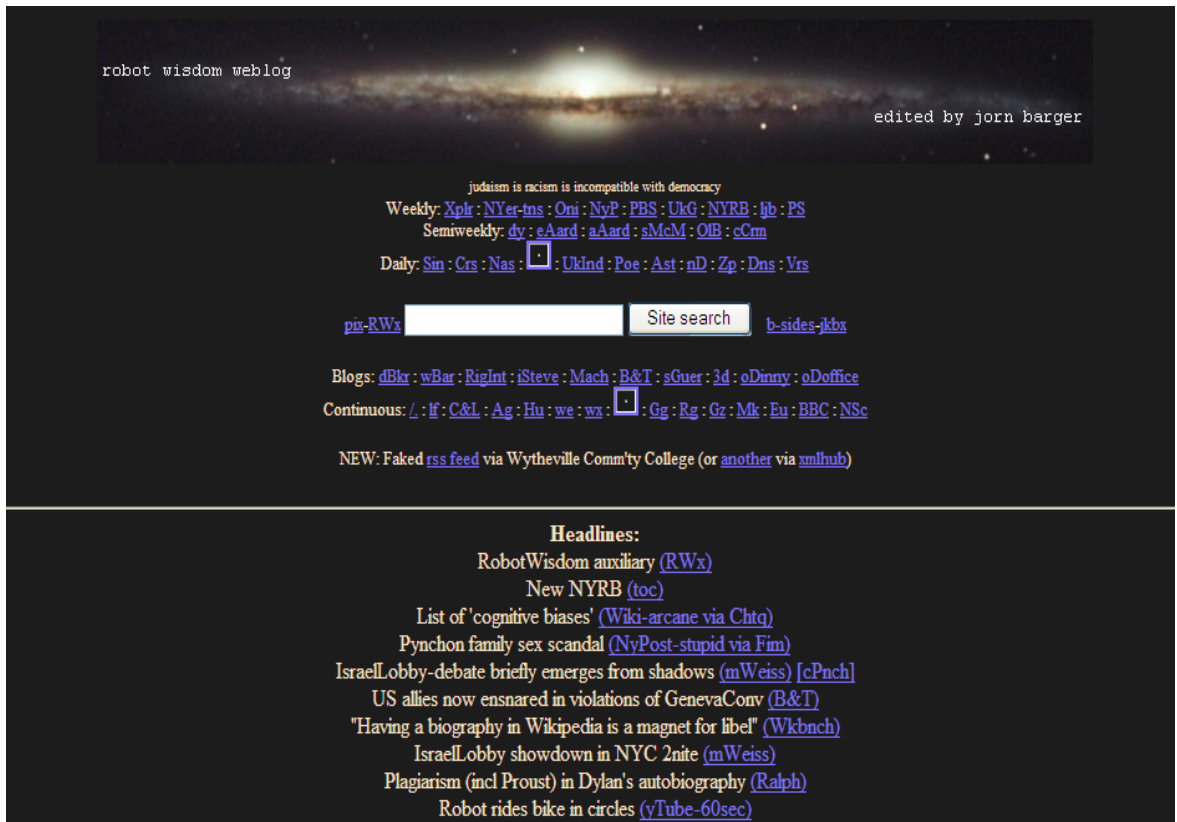
o blog [...] expressava um site que hiperligava páginas interessantes encontradas na internet. [...] Blog era, na prática, uma coleção de links com comentários breves [...] sem a existência de mecanismos de conversação com o usuário (particularmente, os comentários). (MALINI, 2008, p. 2).

Os primeiros blogs, portanto, nasceram como guias de navegação no caos da rede dos primeiros anos (AGUIAR, 2006), representando um diário de anotações de “páginas interessantes” a serem navegadas, cuja seleção era realizada por um usuário mais experiente, já que, nessa primeira versão da Internet, para se ter um blog, era necessário dominar a linguagem HTML, a linguagem de programação e de softwares.

Para Malini (2008), os blogs funcionavam como uma espécie de filtro, pois a preocupação de seu editor era a de conduzir o usuário a outros sítios de informação, sem o interesse de tornar o veículo em um instrumento de formação de opinião.

⁸ Marcuschi (2005, p. 34) enumera os seguintes gêneros virtuais: e-mail, chat aberto, chat reservado, chat agendado, chats em salas privadas, entrevista com convidados online, *e-mails* educacionais; aula *chat*, vídeo conferência interativa, listas de discussão, endereço eletrônico (e-mail, homepages), *blogs*.

Figura 1 - Robot Wisdom Weblog de Jorn Barger.



Fonte: Barger, 1997.

Pela figura acima, conseguimos observar como essa primeira versão do blog era realmente destinada à indicação de links: o usuário, especialista em programação, não utilizava muitos recursos (gráficos, imagéticos), mantendo e organizando seu blog como uma página designada à apresentação, com breves comentários, de uma lista de links que julgava relevantes para consulta.

Essa versão de *web*, mais elaborada e técnica, permanece até 1999, quando se inicia a versão da *web 2.0*⁹, responsável pela democratização e popularização dos blogs. Salatiel (2007) aponta que a *web 2.0* tinha por objetivo a socialização do conteúdo e a difusão de novas mídias em páginas dinâmicas, construídas com base em uma arquitetura de participação na qual o usuário é colocado no centro do processo comunicativo.

⁹ Segundo Salatiel (2007, p. 1), a *web 2.0* é a segunda geração de aplicativos da *world wide web*, uma interface gráfica de internet projetada com uma linguagem mais acessível aos usuários não-técnicos.

Com a *web 2.0*, algumas empresas lançam softwares que tornam automática e gratuita a publicação de blogs, desobrigando o usuário de dominar por completo a linguagem HTML. De acordo com Malini (2008), o primeiro programa desse tipo, o *Pitas*, foi criado em julho de 1999, seguido, um mês depois, pelo *Blogger*, considerado até hoje como o mais popular sistema de publicação online.

Como lembra Antunez (2007, p. 22), esses *softwares*¹⁰ são formados pelos CMS (*Content Management System* – sistema de gerenciamento de conteúdo), que permitem a qualquer usuário “gerar de maneira dinâmica os elementos que fazem parte de um *site*, desde a criação de páginas, a redação, o *design*, os arquivos e até as licenças”. Desta forma, o sistema permite que o usuário administre um *site* a partir de um painel de controle *online* que gerencia processos automatizados.

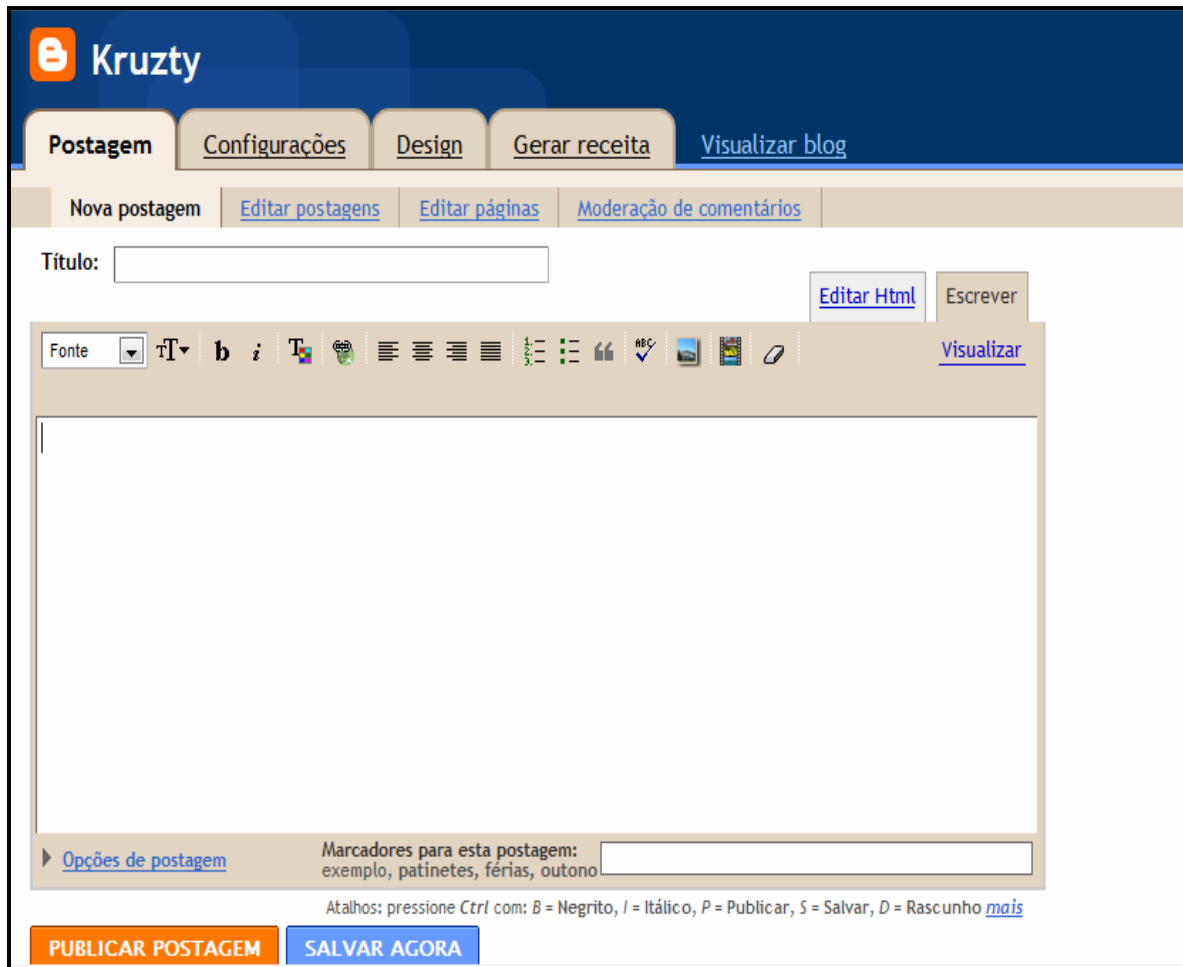
Vistos como uma opção popular para publicação de texto *online* (KOMESU, 2005a), esses *softwares* passam a proporcionar as condições necessárias para a rápida proliferação e popularização dos blogs:

De uma onda, se transformaram em uma explosão [...]. Com as interfaces trazidas pelo *Blogger* a publicação de conteúdo *online* [foi] facilitada; [cabendo] ao usuário a realização de apenas três atividades: escrever o título, o texto e depois clicar em “publicar” para imediatamente o conteúdo estar no seu *site*. (MALINI, 2008, p. 4).

A figura abaixo é uma representação da interface de publicação do *Blogger*. Observando-a, conseguimos visualizar a forma de criação e administração: agora, pautados pela *web 2.0*, os softwares que suportam os blogs fornecem sistemas automatizados de publicação, neste sentido, qualquer usuário, com o mínimo de conhecimentos em informática, pode arquitetar e gerenciar seu próprio blog com apenas um *clique*.

¹⁰ Antunez (2007, p. 29) comenta que o *blogger* é apenas uma das muitas ferramentas que possibilitam essa publicação e hospedagem gratuita de conteúdos *online*. Há, para citarmos alguns, o *Pitas*, o *Movable Type* e o *Typepad*, da empresa *Six Apart*, o *WordPress*, a *Blogia* e o *Bitacora*.

Figura 2 - Interface de Publicação do *Blogger*.



Fonte: *Blogger*, 2010.

Assim, por estarem vinculados a uma plataforma de publicação, que por sua vez já traz padrões estruturais previamente estabelecidos, ocorre uma certa unificação do formato do blog. A esse respeito, Orihuela (2007, p. 4-5) comenta:

O principal elemento de um *blog* são as anotações (*posts*) ordenadas segundo a cronologia inversa (com as mais recentes primeiro), em que cada uma possui um endereço URL permanente (*permalink* ou *link* permanente), o que facilita sua conexão a partir de *sites* externos. [...] Há, ainda, nos *posts* [...] data e, às vezes, a hora em que foram publicados, [além de] um título (normalmente curto e significativo), [e] *links* para *posts* próprios ou alheios, [para] outros *blogs* e *sites*. [...] na maioria dos casos, [há, ainda] uma seção de comentários, a qual permite que os leitores participem dando sugestões e opiniões.

A facilidade de publicação de conteúdos somada à percepção da Internet como um “lugar em que todos os dizeres são possíveis, já que o anonimato seria a garantia da preservação da identidade do sujeito” (KOMESU, 2005b, p. 56) fizeram com que ocorresse um significativo aumento da estada de usuários na Internet, especialmente os mais jovens, “blogando” sobre temas diversificados da vida, o que acabou por criar uma gigantesca comunidade: a *blogosfera*:

Com o uso popularizado dos sistemas de publicação, os *blogs* formaram um todo heterogêneo e um agregado múltiplo de experiências criativas [...] [que se interconectavam] por meio de *posts*, do *blogroll*¹¹ e dos comentários postados, [...] [uma] interconexão que acaba produzindo um espírito comunal entre os *blogs*. Por conta disso, esse ‘todo heterogêneo’ – com suas interações sociais e hiperligações – foi batizado, por Willian Quick, em 2001, como *blogosfera*. (MALINI, 2008, p. 7).

Dado o crescimento dos blogs para os mais variados fins e, tendo em vista, ainda, as diversas possibilidades de publicação permitida pelo *software* (*links*, uso em conjunto de várias semioses, como, por exemplo, texto e imagem, texto e som, texto e vídeo, entre outras), ocorre, segundo o autor citado, um deslocamento da identidade dos blogs, que passaram de simples veículos de filtragem para uma pluralidade de vozes e linguagens. Essa dispersão identitária, no que diz respeito às suas características de constituição, ocasionou divergências, por parte dos teóricos, quanto à sua conceituação.

1.2 O BLOG: DIÁRIO OU SUPORTE ONLINE?

Ao realizarmos um levantamento teórico acerca das concepções vigentes em torno do blog, verificamos que boa parte dos estudos ora o conceituam como “diário online” (BATISTA, 2008; CAIADO, 2007; CHAGAS, 2006; CORRÊA, 2007; HEINE, 2008; KOMESU, 2005a; LEMOS, 2002a; LOBO, 2007; MARCUSCHI, 2005, 2008;

¹¹ Como lembra Orihuela (2007, p. 4), o *blogroll* pode ser definido como uma lista contendo links para outros *weblogs*, recomendados pelo autor, normalmente presentes numa coluna lateral do site.

OLIVEIRA, 2002, 2003; ORIHUELA, 2007; PAZ, 2003; RIBEIRO, 2009; RODRIGUES, 2006b; SCHITTINE, 2004; SIBILIA, 2003, 2005) ora como “suporte” (DANTAS; GOMES, 2008; PEREIRA, 2007).

Diante dessa diversidade teórica, faz-se necessário que o pesquisador da *blogosfera* verifique até que ponto esses conceitos se acomodam à realidade hoje vigente, já que, como lembra Primo (2008a), os blogs evoluíram muito e, muitas das definições não contemplam a heterogeneidade das práticas na *blogosfera*. Logo, é preciso revisar esses conceitos e, apresentar, se necessário, novas definições. É o que nos propomos a fazer nos itens seguintes.

1.2.1 O Blog Como *Diário Online*

Corrêa (2007, p. 931) comenta que o blog, também conhecido como *diário na internet*, nada mais é que um “tipo de diário virtual público que contém informações específicas sobre uma determinada pessoa, lugar ou situação e que é usado para expressar ideias e opiniões em face de determinado assunto”.

Essa perspectiva conceitual também é assumida por Ribeiro (2009), que ressalta, no entanto, a mudança não apenas de ambiente do papel para o computador, mas também a de propósito de criação: se nos diários apenas seus criadores ou algumas pessoas por eles escolhidas tinham acesso às informações registradas ou escreviam ali, no blog, ao contrário, o intuito de seus criadores é tornar sua vida pública, deixando espaço para que outros, mesmo não sendo conhecidos, façam comentários sobre o que foi escrito.

Apesar da participação alheia, para Heine (2008), o blog possui um caráter intimista por ser um gênero no qual as pessoas escrevem sobre si mesmas, sobre suas vidas e ações cotidianas, o que o inscreve, na classificação proposta por Batista (2008), na categoria dos gêneros autobiográficos, juntamente com as cartas, autobiografias e memórias.

Marcuschi (2008) afirma que o diário virtual é muito praticado por adolescentes, principalmente mulheres, sendo um dado importante para nossa

pesquisa, visto que o blog *Papo de Amiga* é destinado a esse público. Suas afirmações são corroboradas pelo trabalho de Felis (2008), no qual a autora mostra que os diários virtuais já se tornaram uma ferramenta muito popular entre os jovens e já fazem parte de sua vida cotidiana. De acordo com dados obtidos em uma pesquisa informal, realizada com 180 alunos de sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental de uma escola particular da cidade de Maringá, Felis (2008) constatou que 68,7% deles se declararam cativos dessa ferramenta no cotidiano de suas interações via *web*, sendo que 74% desses *blogs* eram de meninas.¹²

Nesses tipos de blogs, como podemos observar pela figura abaixo¹³, o caráter intimista é explícito: há informações sobre a proprietária do blog (seu nome, seu e-mail, sua foto, sua origem (cidade)), links que levam a outros sítios e que podem disponibilizar novas informações sobre a dona do blog (link *visualizar meu perfil completo*, link *facebook*) e o texto é escrito em primeira pessoa, tendo como objetivo a exposição de suas ideias, opiniões, sentimentos, para um grupo de iguais (conhecidos ou não) que, não só compartilhem os mesmos interesses, as mesmas angústias, os mesmos sentimentos (os chamados *seguidores*), mas que, ao mesmo tempo, participem de tal publicação, comentando-a (link *comentário*).

¹² De encontro com as afirmações apresentadas pelos autores citados, temos o trabalho de Herring et.al. (2004), que, após uma pesquisa realizada visando verificar sobre a utilização do *blog*, comentam que “os resultados da análise de indicadores de gênero e idade revelam que o número de homens e mulheres, adultos e adolescentes, são aproximadamente iguais” (tradução nossa). Contudo, reconhecem que as mulheres utilizam mais o *blog* do tipo *jornal* (diário), enquanto os homens utilizam mais o *blog* do tipo *filtro* (sobre essa classificação, ver o item 1.3.1, neste capítulo). Embora seja uma pesquisa em um país estrangeiro, o que, por si, mereceria de nossa parte uma análise comparativa mais detida, o que nos interessa especificamente é que essa ressalva coloca a afirmação dos autores na mesma perspectiva daquela apresentada por Marchuschi (2008) e Felis (2008), pelo menos no que diz respeito à utilização dos blogs por mulheres.

¹³ Disponível em: <www.caminhodalua.blogspot.com>. Acesso: 12 ago. 2010.

Figura 3 - Exemplo de blog como diário.

Compartilhar Denunciar abuso Próximo blog» Criar um blog

Caminho da Lua

11 JUNHO, 2010

O que será de mim?

Esvaziar-se e enxer-se. Eis o sopro da vida.

Às vezes esqueço-me de algumas preocupações que foram varridas para debaixo do tapete. Deixo-as ali, nutrindo-se de um esquecimento cômodo e covarde. Então, num belo dia de hoje, elas voltam a assombrar, como quem desperta de uma morte mal resolvida, exigindo providências no primeiro respiro. Eu queria ter um livro de soluções, como quem tem uma arma secreta: um livro de receitas para um jantar inesperado. Talvez, Porque mesmo com a receita, o bolo sola. Mas seria só uma seta amarela flamante, piscando os olhos para mim, paquerando o meu destino. Então hoje, de debaixo do tapete uma escapuliu, aprisionando-me outra vez nas algemas de meus medos.

Eu já não posso voltar.

Nesse presente, meus pulmões estão comprimidos e o ar me vem em gotas.

POSTADO POR LUIZA CASTRO ÀS 8:22 PM 0 COMENTÁRIOS

MEU CAMINHO

LUIZA CASTRO
 Salvador-BA/Brasil
 Apaixonada pelo pôr-do-sol e por girassóis.

A MOÇA TECELA

[...]Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

(Marina Colasanti)

VISUALIZAR MEU PERFIL COMPLETO

FACEBOOK

Luiza Castro
 facebook

Nome: Luiza Castro
 E-mail: luizacastro@hotmail.com
 Status: Nenhum

Criar seu atalho

SEGUIDORES

Seguir
 Google Friend Connect

Seguidores (4)

Já é um membro? [Fazer login](#)

Texto Intimista - Exposição de seus sentimentos

Informações sobre a proprietária

Link

Link

E-mail

Link Comentário

Seguidores

Fonte: Castro, 2010.

No percurso de entendimento do gênero virtual blog que vimos fazendo, cabe aqui um questionamento sobre essa tendência feminina, ligeiramente maior que a masculina, de criar blogs (HEWITT, 2007). Compreender um pouco dessa

problemática pode auxiliar-nos no entendimento da participação significativa das adolescentes na temática que propomos investigar em nosso trabalho.

Para Oliveira (2002), desde o final do século XIX, os diários faziam parte do conjunto de normas de etiqueta usado na educação de garotas, permanecendo até hoje como uma forma de expressão de si mesmas. Lobo (2007, p. 107) afirma que o diário não contribui somente para a formação pedagógica feminina como também para a busca de estabilização das crises de sua existência, pois permite à mulher “expressar e liberar a profunda dor individual aprisionada nesse corpo reprimido e nessa individualidade que não podia escapar aos papéis sociais”, por meio de um estilo mais particular de escrita, que envolve uma linguagem mais corriqueira, ligada ao existencial. Na nova realidade contemporânea, calcada mais na exposição e na visibilidade do que na interioridade e na privacidade (BATISTA, 2008), o blog se coloca, por conseguinte, como uma importante ferramenta de expressão feminina.

Nos blogs, juntamente com a exposição e visibilidade, há uma grande valorização do presente e um esvaziamento do passado e do futuro, que podemos verificar na própria constituição dos posts:

A escrita de *blogs* confessionais segue a tendência do “presenteísmo” que pode ser notado de diversas formas nestes diários. A primeira delas fica evidente na organização cronológica dos *blogs*: as atualizações mais recentes encabeçam a página do diário, com data e hora (e, muitas vezes, minutos e segundos), para que o visitante saiba se o texto postado é atual ou ‘velho’. Os *posts* mais antigos ficam nas partes inferiores da página ou mesmo no arquivo, em outro *link*. (BATISTA, 2008, p. 114).

Inserido, deste modo, na história do cotidiano, o blog responde ao desejo de autocompreensão e afirmação da identidade, bem como o de recuperação de uma memória e percepção da história pessoal e cultural perdida (LOBO, 2007), pelo desaparecimento dos limites entre o domínio do público e do privado na sociedade contemporânea (KOMESU 2005b, p. 29), advindos não só da formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista (SENNETT, 1998), como também pela emergência de novos meios de comunicação que acabaram por “desvalorizar as identidades baseadas em papéis sociais para valorizar as identidades baseadas em

pertenças culturais” (CORREIA, 2004, p. 2). Na visão deste autor, na valorização da ideia de pertencimento, muitas identidades emergentes e seus respectivos imaginários e visões de mundo passaram a depender da presença de meios de comunicação para existir.

Segundo Sennett (1998), esse fenômeno pode ser explicado a partir de dois princípios organizadores: o narcisismo e a vida em comunidade. O primeiro princípio teria nascido da busca do “eu”, em uma sociedade de massas que valoriza o coletivo em detrimento das subjetividades (LOBO, 2007). Desta forma, o narcisismo, para Rodrigues (2006b), seria mais uma forma de fragmentação social e cultural, mas, ao mesmo tempo, seria uma forma do sujeito se adaptar e se inserir na comunidade.

A publicização de si e da intimidade, na escrita dos blogs, derivam das condições sócio-históricas de produção desse discurso, marcado, por um lado, pela necessidade incessante de falar, e, por outro, pela impossibilidade histórica de dizer. Falar qualquer coisa – ainda que pouco ou quase nada – garante a permanência dos sujeitos no espaço da enunciação da Internet, ou seja, no campo da visibilidade social. Komesu (2005b), defensora desse ponto de vista, afirma também que não há apenas a busca constante de si, mas principalmente do outro, cuja participação é fundamental, pois o outro funciona, no ambiente virtual, como índice de visibilidade desse sujeito:

A função do texto do *blog* [seria] a ‘busca do outro’ no espaço interacional, [...] [visando] ao acabamento do outro (no outro), ao mesmo tempo em que a finalidade do gênero (e a dos parceiros legítimos nele inscritos) é *fazer ver e ser visto*, mediante o jogo enunciativo entre a publicização de si e a intimidade construída entre enunciador e co-enunciador (KOMESU, 2005b, p. 191, grifo do autor).

Vemos que muito mais do que formas de exibição do sujeito, os diários *online* são formas de apresentação do eu no ciberespaço e de conexão com outros sujeitos, visando nada mais que à simples interação e à expressão da vida comum:

O que parece estar em jogo é a tomada do pólo de emissão pelo usuário comum. A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. E não se trata de

nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura. [...] A máxima é: 'minha vida é como a sua, logo tranquilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano'. (LEMOS, 2002b, p. 12).

Os blogs funcionam, deste modo, “como uma dramatização pedagógica para a existência” (LOBO, 2007, p. 56), como um prolongamento de si, através do outro, já que o que todos realmente querem é ler sobre si mesmos, se verem refletidos no outro como um espelho (SCHITTINE, 2004, p. 151).

Por meio dessa correspondência e troca de emoções surge o segundo princípio comentado por Sennett (1998): a vida em comunidade. Para ele, a ideia de comunidade está envolvida com a crença de que, quando as pessoas se abrem umas com as outras, é criado um tecido que as mantém unidas. Neste sentido, o blog seria “uma ‘econômica’ terapia em grupo via internet” (KOMESU, 2005b, p. 49), impulsionada não só pela confiança de que, ao escrever e se reconhecer nos relatos autobiográficos ali postados, é possível construir uma significação que possa dar conta das questões de sua própria existência, vivenciando uma experiência de construção de si mesmo (CAIROLI LOPES; POLLI, 2005), como também que, por meio dessa escrita, é possível criar laços, mesmo que virtuais, com sujeitos iguais e desconhecidos. Esta possibilidade apresenta-se pelo próprio sistema do blog, que permite a formação de redes sociais através dos comentários, conversações, recados e pelas conexões recíprocas (*links*), lista de amigos (*blogroll*) (RECUERO, 2009), formando, assim, uma extensa comunidade *via* blogs.

Na figura abaixo, conseguimos observar como se dá a formação dessa rede social por meio do *blogroll*: a autora lista os principais blogs que consulta/comenta e estes, por sua vez, também podem criar uma lista, gerando, então, as conexões recíprocas por meio de links.

Figura 4 - Blogroll do blog Caminho da Lua

SEGUIDORES

Google Friend Connect

Seguidores (4)



Já é um membro? [Fazer login](#)

CAMINHO DO OUTRO

Utilidade Feminina » Cinza!!!
Pink Vigarista – Risqué
Penélope Chamosa
10 horas atrás

Teatro da Vida
12 horas atrás

Salve Jorge
Saramago...
19 horas atrás

Blog da Linn!
20 horas atrás

Andréa Beraldo
Aêlle
1 dia atrás

Marta Galvão
1 dia atrás

Diários de Uma Educadora
Da série: Desabafos de Uma Educadora em Eterna Crise
4 dias atrás

Um mundo novo aos corações corajosos!
6 dias atrás

Antes do Prejuízo
Os tipos
4 semanas atrás

Taís Almeida
Bons ventos me trouxeram aqui
2 meses atrás

O Mundo Pequeno
Não sei se caso ou se aceito a máquina de costura

Blogroll

Fonte: Castro, 2010.

Contudo, como lembram Primo e Smaniotto (2010), para se formar uma comunidade *via* blogs, é preciso ir além de um simples *blogroll*, já que ele, por si só, não garante que dois blogueiros tenham um relacionamento entre si, uma vez que este listar é totalmente automatizado pelo sistema. Para os autores, a formação de

uma comunidade está totalmente condicionada à real interação¹⁴ entre os sujeitos, impulsionada pela reunião em torno de contínuas problematizações, sendo a própria relação entre eles um problema que motiva uma constante negociação.

Desta forma, a comunidade citada por Sennett (1998) só se constitui nos blogs por meio das interações reais e diárias dos sujeitos, formando verdadeiros grupos de pessoas ligadas por interesses em comum e que, juntas, constroem um público, uma identidade coletiva, um “nós somos” na sociedade de rede.

Porém, é preciso ressaltar que a formação de comunidades não se dá exclusivamente via blogs confessionais (diários), há outros blogs (educacionais, regionais¹⁵, políticos, midiáticos, entre outros) que também se propõem à construção de comunidades ligadas ou pelas conexões mútuas (*blogroll*) ou pelo debate em torno de temas e interesses afins.

A existência de tais blogs leva-nos à necessidade de repensar sua conceituação, tão difundida pelos teóricos, como diário *online*. Se observarmos atentamente a atual blogosfera, esta definição não consegue mais abarcar - seja pela defesa de uma prática imanentemente feminina, seja pelo cunho confessional - a grande heterogeneidade das práticas blogueiras atualmente existentes.

Neste sentido, concordamos com Primo (2008b) que a utilização de blogs para a escrita íntima e sigilosa é apenas um entre tantos processos interativos possíveis na blogosfera, o que torna sua definição como diário íntimo capciosa e reducionista. Vejamos, então, outra proposta de conceituação do termo.

1.2.2 O Blog Como Suporte

Marcuschi (2003) comenta que todo gênero tem um suporte que contribui para a seleção dos gêneros que ali serão fixados e para a sua forma de apresentação. O suporte seria, então, responsável não só por firmar e fixar o texto, como também por lhe dar condições para sua circulação social (COSTA, 2008).

¹⁴ Há dois tipos de interações nas comunicações mediadas por computador: síncrona (em tempo real) e assíncrona, “que diferem em relação à construção temporal causada pela mediação, atuando na expectativa de resposta de uma mensagem” (RECUERO, 2009, p. 32). Nos blogs, é mais comum o segundo tipo.

¹⁵ De acordo com Rodrigues (2006a), os *blogs regionais* caracterizam-se pela defesa de causas públicas, apontando problemas existentes, defendendo e promovendo sua terra; assumindo-se como um importante espaço de cidadania e participação cívica.

Intuitivamente, entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, 2003, p. 8).

Buscando, então, classificar os suportes, do ponto de vista de sua constituição comunicativa, o autor elenca dois tipos: os *suportes convencionais*, que seriam aqueles elaborados, tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem os textos; e os *suportes incidentais*, que seriam os ocasionais ou eventuais, ou seja, aqueles que podem trazer textos, mas não são destinados sistematicamente a esse fim.

O autor ressalta também que, embora o suporte textual tenha a ver centralmente com a ideia de *portador textual* (LOPES-ROSSI, 2006), ele não deve ser visto como um meio de transporte ou veículo, mas sim como um *locus* de fixação, que não é neutro e que pode interferir na função e nos processos de textualização do gênero, já que, como ressalta Maingueneau (2002), a modificação do suporte material de um texto modifica um gênero, intervindo, então, no seu processo de produção e recepção.

Nesse sentido, Souza (2009) assevera que o suporte é responsável por condicionar as marcas estilísticas, a constituição, o formato, o caráter estático ou dinâmico de determinado gênero, pois sua identificação se dá na relação que mantém com o suporte. Assim, para ele, não é possível falar de um gênero se não tratarmos de seu suporte, pois, como mostra Costa (2008), o suporte é relevante na interação do leitor com o texto, contribuindo para a construção de seu sentido.

Contudo, como adverte Marcuschi (2003, p. 27), “nem sempre a decisão a respeito da identificação de um suporte, um gênero, um serviço e um canal é clara. As fronteiras dependem da perspectiva da observação e do modo como encaramos os fenômenos”. E, ainda, “é fácil encontrar casos [...] em que um gênero e seu suporte são tratados como indissociáveis” (COSTA, 2008, p. 183-184), fazendo com

que os nomes com que os gêneros são designados pelos usuários sejam iguais aos seus suportes prototípicos¹⁶.

Devido à possibilidade de um mesmo gênero ser inscrito em diferentes suportes, faz-se necessário que os falantes, no processo de reconhecimentos dos gêneros, estabeleçam uma relação distintiva entre os gêneros textuais e os seus suportes. Essa relação é fundamental para o estudo e a conceituação de qualquer gênero, principalmente, os digitais.

Apoiado nesse conceito de suporte, Pereira (2007) defende que, por ser possível encontrar diferentes gêneros nos blogs, estes não devem ser vistos como gêneros, mas sim como um *locus* para a materialização de diversos gêneros. Para justificar tal posicionamento, faz uma comparação com o jornal:

Pode-se oferecer a esta discussão, como um paralelo, o Jornal. Nele aparecem diferentes gêneros – carta do leitor, notícia, receita [...] O mesmo acontece com o *blog*. Pode haver manifestações de vários gêneros que o transforma em um espaço de comunicação e não em um gênero digital emergente. (PEREIRA, 2007, p. 522).

Partindo do mesmo ponto de vista, Dantas e Gomes (2008) defendem que, embora os blogs tenham surgido como gêneros da esfera digital/virtual, construídos sobre o gênero primário “diário íntimo”, eles aos poucos foram se complexificando e perdendo o estatuto de gênero, para se tornar um suporte, pois o blog comum exhibe diversos gêneros em sua apresentação, por exemplo, índices, *banners*, enquetes. Os autores embasam sua classificação no conceito de suporte de Marcuschi (2003), principalmente no reconhecimento das semelhanças deste com as *homepages* que o autor classifica como suportes e não gêneros¹⁷. É importante destacar que Dantas e Gomes (2008) têm como base de análise o blog *do Tas*¹⁸, um blog que não está fixado em uma plataforma de publicação de *blogs* (como por exemplo, o *Blogger*, o *Pitas*), mas sim localizado em um *link* (<http://entretenimento.uol.com.br/blogs> ou

¹⁶ Como, por exemplo, a confusão que ocorre muitas vezes entre o gênero *e-mail* e seu *software* o *Outlook* ou o “correio eletrônico”.

¹⁷ Nesse sentido, é relevante comentar que tal posicionamento não é mais mantido em Marcuschi (2008), já que o autor defende que “a *homepage* é um gênero bem estabelecido” (MARCUSHI, 2008, p. 186).

¹⁸ Disponível em: <<http://marcelotas.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2010.

http://blog.uol.com.br.) da *homepage* do UOL, conforme podemos visualizar na imagem abaixo.

Figura 5 - Blogosfera UOL e o *link* para o blog do *Tas*.



Fonte: Tas, 2010.

Como comentam Dillon e Gushrowski (apud SADE, 2007, p. 1243), “as *homepages* são os primeiros gêneros digitais sem correspondência no papel, [possuindo] características únicas e funções comunicativas próprias”. Para Bezerra (2007), trata-se de um ‘*Web-generated*’, isto é, um gênero que não possui paralelo direto fora da rede, encontrando-se, assim, “entre os primeiros textos gerados pela Web a alcançar o *status* de gênero, o que significa que a forma e o conteúdo da *homepage* agora estão se tornando convencionados¹⁹” (BEZERRA, 2007, p. 115).

Sade (2007) também compartilha deste ponto de vista. Para ela, as *homepages*, em sentido geral, podem ser consideradas um gênero porque possuem formas verbais de ação social (função comunicativa), características relativamente

¹⁹ Para Bezerra (2007), as *homepages* passaram por convenções em sua forma e conteúdo, tornando-os mais padronizados, seja pelo fato dos *web designers* adotarem outras *homepages* como modelo, seja porque eles passaram a se utilizar de livros sobre a construção de *homepages*.

estáveis situadas em um contexto social específico (o contexto digital), além de padrões que permitem inferir que seus criadores as confeccionam de acordo com um modelo mental genérico. Quanto à finalidade, as *homepages* possuiriam duas funções principais: introduzir os usuários ao conteúdo geral do *site* e funcionar como porta de entrada oficial para o *website*.

Por serem confeccionadas com base em um modelo genérico que padroniza e convenciona a sua criação, já estão assentados alguns elementos formais e interativos comuns entre as *homepages*, como, por exemplo, no caso das institucionais ou corporativas: *logotipo*, título de janela, enquetes, informações de contato, política de privacidade, informações sobre a instituição, ferramenta de pesquisa, ajuda, publicidade, menu ou barra de navegação (ARAUJO, 2003); e no caso das pessoais: título, endereço eletrônico do autor, data da última atualização, menu de conteúdo, data de criação da *homepage*, *hiperlinks* externos, mensagem de boas vindas, gráficos, fotografias, entre outros (MARSHALL, 2005).

Por todo o exposto, percebemos que a *homepage*, como outros gêneros digitais, caracteriza-se por uma *hibridização* advinda não só do suporte (*software*) que a sustenta, como também por estar inserida na grande rede. Neste sentido, acreditamos que a caracterização do blog do *Tas* como um suporte não se sustenta, uma vez que, como podemos verificar na figura abaixo, este blog, por estar acoplado à *homepage* do UOL, acaba por trazer as características constitutivas deste gênero, entre elas: os *banners*, os índices, os *links*, que são as categorias utilizadas pelos autores para sustentar a classificação do blog como um suporte. Além disso, é preciso ressaltar que a comparação com a *homepage*-suporte de Marcuschi (2003) não se sustenta mais em Marcuschi (2008).

Por fim, é preciso considerar que os blogs são immanentemente hipertextuais, já que se originaram na grande rede, tendo, pois os *links* como características genuínas e os *softwares* ou as *plataformas web*²⁰ como seus materializadores.

²⁰ Xavier (2009) comenta que as plataformas *web* consistem em sistemas que funcionam através de browser e sistemas de navegação. Nesse formato, os softwares funcionam pela Internet, assim vários programas podem ser integrados, formando uma grande plataforma.

Figura 6 - Blog do Tas.

Fragmentos da homepage do UOL: banners e links

Fragmentos da homepage do UOL

Fragmentos da homepage do UOL

17/06/2010

Nelson Trad, vítima ou vilão?

busca no blog

contato com o blog

redem@marcelotas.com.br

SIGA-ME NO TWITTER!

LINKS PATROCINADOS

UOL

Qualidade Sexual!
Resolva seus problemas sexuais e tenha mais prazer na hora H!
www.promen.com.br

Assine SKY - HDTV é Isso
Aproveite! A partir de R\$ 69,90/mês Qualidade digital de som e imagem.
www.SKY.com.br

Hospede 2 Anos Por R\$ 99
Tráfego ilimitado e muito mais. 10 dias grátis para testes
www.webhost.com.br

Churrasco na Copa?
Jogo combina com churrasco e cerveja, temos tudo pra você!
www.euhm.com.br

Fonte: Tas. 2010.

1.2.2.1 O Software como o suporte do blog

Souza (2008) comenta que a maior parte das pesquisas sobre gêneros digitais não faz menção aos *softwares* em que esses gêneros são aportados, contudo,

Muitas das particularidades vistas em um gênero digital, por exemplo, a hipertextualidade²¹, a hipermodalidade²², o caráter não linear, a capacidade de um suporte acoplar a si outros gêneros [...] só são observáveis se considerarmos a estrutura que os sustenta, que os tornam visíveis e operáveis. (SOUZA, 2008, p. 2).

Desta forma, para Souza e Carvalho (2007), o estudo de um gênero virtual deve estar combinado com o estudo do suporte de tal gênero, pois os suportes não são homogêneos, podendo modificar o gênero suportado. Segundo os autores, é importante distinguir o que é o suporte e o que é o gênero, diferenciando-os, também do veículo e do canal.

Pensando na necessidade dessa diferenciação, Souza (2009) contesta a tese defendida pelo historiador Roger Chartier, para quem a tela (o monitor do computador) seria o suporte da escrita digital. Para o autor, há dois problemas com essa tese: 1) um problema de conceituação do ponto de vista linguístico, tornando um contrasenso estudar os gêneros digitais sob um prisma bakhtiniano, pois há elementos relacionados ao estilo (o tamanho, as cores, a forma) que estão ligados ao suporte; 2) a homogeneização do suporte, o que traria, em tese, homogeneidade aos gêneros suportados, inviabilizando o estudo do estilo de um gênero digital, já que não poderíamos admitir toda a heterogeneidade existente, bem como a particularidade de cada gênero. Por isso, o autor defende que,

o *software* seja o suporte dos gêneros digitais, funcionando a tela como canal. A tela possui um dispositivo, que recebe sinais da CPU, chamado de ‘canhão de elétrons’. As intensidades desses sinais são transmitidas e decodificadas pelo ‘controlador de vídeo’, que comanda a voltagem do canhão de elétrons e sincroniza o sistema de placas defletoras [...] Desse modo, a tela funcionaria como o canal em que as informações oriundas do computador são mostradas. (SOUZA, 2009, p. 5).

A consideração, então, da tela como canal, do computador como veículo (SOUZA; CARVALHO, 2007), e do *software* como suporte, auxilia na compreensão da heterogeneidade dos gêneros digitais existentes, inclusive para a ocorrência de

²¹ Por hipertextualidade, Souza (2008) entende uma estrutura não-sequencial ou não linear de acesso (através de links) e escrita de informações.

²² A hipermodalidade pode ser entendida como “partes constituintes que se unem a uma interface de *software* (desde uma imagem, até uma animação em *flash* ou um vídeo)” (SOUZA, 2008, p. 4).

um mesmo gênero em suportes digitais diferenciados²³ ou de mais de um gênero em um mesmo suporte.

O que é explicado pela natureza hipertextual do *software*, responsável não só pela diferenciação na forma de apresentação do gênero – por exemplo, o blog acoplado ao *blogger* ou em uma *homepage* (suportes diferentes) – como também na possibilidade de materialização de mais de um gênero ao mesmo tempo – por exemplo, em uma plataforma *web*, a possibilidade de materialização de traços da *homepage* (*banners*, ícones), no blog que nela se insere, como no blog do *Tas*.

Podemos dizer, então, que “muito do que o usuário da língua faz com um gênero digital é tributado do *software*” (SOUZA, 2008, p. 1), pois ele será o responsável por dar a esses gêneros as características de hipertextualidade e hipermodalidade.

O hipertexto e a hipermídia são partes constituintes de um só organismo (o *software*) e fazem parte de uma relação dialógica amparada por signos - linguísticos ou não – e determinam certos modelos de interação. A forma como um gênero se apresenta, a função que esse gênero venha a adquirir em determinado contexto, é debitado do *software* e de sua interface. O que um usuário da língua faz com um gênero digital – a interação, as funções (enviar, anexar algo) [...] é de certa forma já fabricado e vem pré-instalado em um *software*. (SOUZA, 2008, p. 4).

O estudo do gênero digital não pode estar desvinculado do suporte que o materializa, pois, pelo exposto, observa-se que tanto a forma de apresentação de um gênero como a interatividade, a hipertextualidade, a hipermodalidade que o constitui estarão condicionadas ao *software*.

Além disso, para Primo (2008b), um estudo que se atente ao *software-suporte* consegue desfazer grandes equívocos em torno das classificações do *blog*, como a redução deles a um único gênero.

Isso porque um *blog/programa*, pela própria natureza técnica que o constitui, não é capaz de determinar se um *blog/texto* deverá ou não seguir um determinado gênero ou outro, ou ainda,

²³ Os autores defendem a existência de vários *softwares* que funcionam ora como um suporte protótipo (como o *software* do *blogger*, por exemplo) ora como um suporte não protótipo (como as plataformas *web*, por exemplo).

[por] não compreender o que é publicado (se trata-se de uma poesia, uma foto ou um conjunto aleatório de caracteres) já que a semântica lhe é estranha, não pode impor que os *posts* sejam, necessariamente, curtos nem que sigam um certo gênero discursivo. Logo, as definições de *blogs* como publicações de microconteúdo ou como diário íntimo na Internet revelam suas limitações, pois relacionam um tipo específico de *blog/texto* ao uso do *blog/programa*²⁴. (PRIMO; SMANIOTTO, 2006, p. 232).

Por todo o exposto, concluímos que não é possível conceituar o blog como, unicamente, um *diário online*, nem, tampouco, dizer que ele é, simplesmente, um *locus* para a ocorrência de outros gêneros, desconsiderando, desta forma, todos os diferentes suportes (*softwares*) existentes, que além de permitirem sua emergência podem alterar sua forma de manifestação.

Assim, neste estudo, optamos por considerar o blog como um *hipergênero constelar* materializado por um *software* (ora um programa de hospedagem – *Blogger, Pitas*; ora por uma plataforma *web* mais geral²⁵), que, por possuir *permalinks*²⁶, pode se apresentar em um local específico na grande rede.

²⁴ Primo e Smaniotto (2006) afirmam que o termo *blog* designa não apenas um texto, mas também um programa e um espaço. Para eles, para se ter um *blog* enquanto texto e espaço utiliza-se normalmente um programa de *blog*. Nessa mesma linha, Escobar (2007) comenta que o “*blog/texto* [seria um] conjunto de todo o conteúdo produzido pelo blogueiro, disponibilizado em *posts*, geralmente, escritos, mas que podem conter imagens, áudio, vídeo [...] O *blog/programa* [seria] um *software* responsável pela emergência e materialização do *blog/texto* [...] [e] *blog/lugar* [seria] a localização do *blog/texto* na *www*, indicada por um endereço específico [...] [como] um lugar simbólico situado no ciberespaço. (ESCOBAR, 2007, p. 11). Utilizando as palavras de Primo e Smaniotto (2006), exemplificaríamos da seguinte forma: “a) *blog* como programa: “Parei de usar o *blogger*. Instalei o Movable Type”; b) como lugar: “Não encontrei teu *blog* no Google. Qual o endereço dele?”, c) como texto: “Li ontem teu *blog*”. (PRIMO; SMANIOTTO, 2006, p. 230-231).

²⁵ Entenda-se por ‘*plataforma web* de maneira geral’ sistemas (de browser e navegação) que permitem o funcionamento de softwares pela internet, integrando vários programas, formando, assim, uma grande plataforma (XAVIER, 2009). Seriam, então, suportes hipertextuais (MARCUSCHI, 2008) que permitiriam a materialização de diversos gêneros. No caso do blog aqui estudado: o blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*, optamos por designar *plataforma web* todos os programas que permitem a materialização do domínio da *abril.com* que hospeda a *homepage* da Revista *Capricho* e que, por sua vez, acopla o blog *Papo de Amiga*.

²⁶ *Permalink* é um recurso que permite que cada *post* de um blog tenha seu próprio *link*, que aponta diretamente para ele (e não para a página principal do blog), apresentando-o no topo da janela do *browser*. (PRIMO; SMANIOTTO, 2010).

1.3 O BLOG COMO UM *HIPERGÊNERO*

Antes de iniciarmos nossas considerações acerca do que entendemos por *hipergênero*, realizaremos um breve²⁷ retrospecto do conceito de gênero textual.

Bakhtin (2003) defende que todos os campos da atividade humana são formados por um repertório de gêneros que lhes são próprios. Neste sentido, a língua efetuar-se-ia na forma de enunciados orais ou escritos, relativamente estáveis que, por apresentarem determinado conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional, refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo.

Para Bakhtin, todo o nosso discurso moldar-se-ia na forma de gêneros, que seriam “mediadores das atividades sociais” (BAZERMAN; PRIOR, 2007, p. 167), operando como “ponte entre discurso (uma atividade mais universal) e texto (peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável)” (DELL’ISOLA, 2007, p. 1696) e que condicionariam e limitariam nossa ação na escrita (MARCUSCHI, 2008).

Por estarem ligados ao momento histórico-social em que surgem e circulam, os gêneros não se configurariam como entidades estáticas e puras (MARCUSCHI, 2006), mas dinâmicas (MARCUSCHI, 2008) que podem sofrer alterações, inovações, hibridismos. Isso nos leva, então, à necessidade de compreendê-los dentro dos sistemas e das circunstâncias para as quais são desenhados (BAZERMAN, 2006). Assim, para Marcuschi (2006), é necessário, no processo de sua identificação e conceituação, observar sua função, organização, conteúdo, meio de circulação, atores sociais envolvidos e atividades discursivas implicadas que contribuiriam para as distinções entre os diversos gêneros existentes.

No caso do blog, que nasce em novo domínio discursivo²⁸, mais especificamente na esfera digital (COSTA, 2009, p. 23), essas observações são fundamentais, já que ele traz, em sua constituição, um hibridismo próprio da rede e

²⁷ Tendo em vista que no capítulo 3 retomaremos esse conceito, não aprofundaremos, então, agora, essa temática, realizando, apenas, uma breve contextualização.

²⁸ Para Marcuschi (2008, p. 24), o domínio discursivo designa uma esfera ou instância da atividade humana, constituindo práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos).

das possibilidades tecnológicas da hipermídia que repercutirá em uma constituição genérica particular.

Ao analisarmos o blog, observamos que ele, à semelhança de outros gêneros (tradicionais ou digitais), não é puro, único, trazendo, pois, em sua própria constituição a emergência de outros gêneros que se somam a ele, para lhe constituir hipertextualmente. É por isso que defendemos que o blog seja um *hipergênero*.

O termo *hipergênero* não é novo. Bonini (2003a, 2003b), por exemplo, já usou esse termo ao se referir aos gêneros que compreenderiam vários outros, servindo como seus suportes. Para o autor, as revistas, os jornais são exemplares de *hipergêneros*, porque são, simultaneamente, grandes gêneros que suportam e se constituem por outros gêneros.

É preciso ressaltar, contudo que, em nossa acepção, não entendemos *hipergênero* tal qual postulado por Bonini, pois, como defendido anteriormente, acreditamos que os blogs (como os demais gêneros digitais) sejam *suportados* por *softwares* que, inclusive, são os grandes responsáveis por lhe darem características hipermidiáticas.

Assim, ao conceituarmos o blog como um *hipergênero*, o entendemos como um gênero virtual ou digital que, por *alocar-se* em um *software hipermidiático*, configura-se como um gênero híbrido, formado pela junção (sobreposição) de outros gêneros (materializados ora explícita ora implicitamente por meio de *links*) que convergem, coerentemente, para sua constituição formal, funcional e interacional.

Neste sentido, entendemos que o blog seja formado a partir: **1)** do *post* inicial (que por sua vez traz uma diversidade de gêneros: depoimentos, desabafos, contos, comentários, reportagem, entre outros); **2)** dos *links* dos *comentários*²⁹ (que, também, podem trazer uma diversidade de gêneros: debate, discussão, conversa, opinião); **3)** dos *links* que levam a outros sítios (como ao *perfil* do (a) mantenedor (a) do *blog*; a *links patrocinados*, ao *blogroll*, aos *posts* anteriores, *links* para contato³⁰, *links* de imagens (animações, vídeos), entre outros), que, se conectariam, para formar um único gênero.

²⁹ Como lembra Primo (2008a), o *link* de comentários é opcional, já que há a possibilidade de ativá-lo ou não.

³⁰ No caso do *Papo de Amiga*, materializar-se-ia pelo gênero *e-mail*.

Essa constituição pode ser verificada tanto nos exemplos reproduzidos anteriormente, como no blog deste estudo - o blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*³¹.

Tal composição, além de especificar o blog, mostra-se proeminente para atender aos propósitos interacionais e comunicativos do produtor/autor, já que deixa transparecer o papel que cada membro possui nessa interação: **a)** blogueiro - controle da estrutura da página, escritura e publicação de novos *posts*, moderação de comentários; **b)** leitor – participação apenas concordando, criticando, polemizando.

Além disso, esse arranjo atende a novos interesses comerciais que surgem a partir da popularização e autoridade³² dos blogs - verificado na grande inclusão de *links* (como por meio do *Google AdSense*) que exibem certos anúncios³³, tendo em vista a semelhança entre a categoria/temática do blog e os produtos anunciados pelos patrocinadores.

Por todo o exposto, gostaríamos de ressaltar que, ao conceituarmos os blogs como *hipergêneros*, visamos não só reconhecer e valorizar todo o aparato tecnológico que permite sua emergência, dando-lhe propriedades constitutivas e comunicativas particulares; como também propendemos defendê-lo como um gênero genuinamente virtual, ou seja, sem precedentes fora da rede³⁴.

1.3.1 A Organização Constelar do *Hipergênero* Blog

Pela grande utilização nas mais variadas instâncias e para os mais variados fins, não é mais admissível defender a existência de um único tipo de blog. Há blogs

³¹ Ver caracterização no item 1.4 neste capítulo.

³² Como comenta Recuero (2009, p. 114), a autoridade de um blog pode ser medida a partir da quantidade de *links* que um determinado *post* recebe. Ou seja, a autoridade é relacionada à influência, à capacidade de um blog de gerar conversações na *blogosfera* a partir daquilo que diz (medido, por exemplo, pelo número de visitas/comentários que um blog recebe).

³³ Como lembra Alonso (2007, p. 112), “os blogs começam a experimentar cada vez mais a idéia de incluir publicidade em suas publicações”. E isso se dá porque “anúncios em blogs estão entre os mais eficazes e baratos anúncios no mundo para atingir um público específico” (HEWITT, 2007, p. 164-165).

³⁴ Embora reconheçamos que muitas de suas funções comunicativas se aproximem de outras práticas realizadas por meio de outros gêneros tradicionais, as características *hipermidiáticas* que lhe dão forma e que norteiam sua função não são possíveis fora da rede.

educacionais, políticos, regionais, midiáticos, entre outros que, mesmo divergindo em relação às temáticas e interesses, mantêm traços estáveis que permitem irmaná-los, tais como: a estrutura composicional, seu contexto de uso, a escrita mais subjetiva e menos monitorada, o compartilhar de pontos de vista, a interação por meio de *links*, entre outros. Nesse sentido, entendemos que o blog seja um *hipergênero* organizado em *constelação*.

O termo *constelação* é utilizado por Araújo (2010) para analisar os *chats* da *web*. Para ele, um gênero organizado em *constelação* é um gênero maior (“gênero mãe”) a partir do qual outros gravitam. Assim, embora divirjam em suas respectivas funções sociais, esses gêneros são cognatos, uma vez que trazem marcas do “gênero mãe”, o que os tornariam membros de uma mesma *constelação* genérica, entendendo por *constelação*,

Um conjunto de gêneros que são irmanados pela relação genérica que existe entre eles, ou seja, todos pertencem à mesma família e, por isso, são variedades de um único gênero que, por ser complexo, atende a propósitos comunicativos distintos. [...] O fato de serem membros de uma constelação, no entanto, não tornam homogêneos esses gêneros. Cada um possui seu ‘brilho’ próprio e atende a uma função social distinta. (ARAÚJO, 2010, p. 4).

Por meio desse conceito fica mais fácil entendermos a grande heterogeneidade da *blogosfera*, repercutida nas diversas classificações dos blogs - que ora são distribuídos, tendo em vista os tipos de publicação; ora tendo em vista critérios sociais, estruturais, autorais, entre outros.

Conhecer a heterogeneidade dessas classificações torna-se relevante não só para a compreensão do conceito de *constelação*, uma vez que, embora tais blogs sejam distribuídos de forma heterogênea (dependendo do critério utilizado); todos eles estão interligados por sua relação genérica, ou seja, todos eles são um *hipergênero*; mas, igualmente, porque tais classificações nos auxiliarão para a posterior qualificação do blog *Papo de Amiga*.

Assim, dentre as inúmeras³⁵ classificações existentes, podemos citar a de Cipriani (2006), que classifica os blogs quanto às categorias dos *posts*. Sua classificação leva em conta a produção de textos novos independentes com as ideias do autor; os comentários sobre acontecimento da vida cotidiana; a publicação de um *link* para algo que alguém falou em outra página ou blog. Esses critérios também são seguidos por Recuero (2004b), que os classifica em três categorias quanto à *postagem*:

1. **Diários Eletrônicos:** são os *weblogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários. O escopo desta categoria de *weblogs* não é trazer informações ou notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão de seu autor;
2. **Publicações Eletrônicas:** são os *weblogs* que se destinam, principalmente, à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral, o escopo do *blog*. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam;
3. **Publicações Mistas:** são aquelas que efetivamente misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal. (RECUERO, 2004b, p. 3-4).

Herring et.al. (2004), também, se baseiam no tipo de publicação, contudo, classificam os blogs em quatro categorias: **1) Journal:** o conteúdo publicado é relativo ao mundo interior do autor (diários *online*); **2) Filter:** o autor do blog filtra materiais da *web* que julga ser de interesse de seus leitores e os publica com referências (*links*); **3) K-log:** blog com a finalidade de disseminação de conhecimentos (educacionais, tecnológicos, entre outros); **4) Mixed:** blogs que pertencem a duas ou mais categorias.

E, por fim, citaremos a classificação de Primo (2008a) que, a nosso ver, congrega todas as demais categorizações e que, por isso, será o arquétipo utilizado para a análise do blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*.

Tendo por parâmetro a *forma de produção* do blog (individual ou coletivo), o *tipo da produção* (reflexão, relato), o *tipo da interação* (formal, cotidiana) bem como

³⁵ Citaremos, aqui, apenas algumas classificações, contudo, caso o leitor tenha interesse, há outras nas obras de Fumero (2010); Komesu (2005a); Schittine (2004); Silva (2003).

o *foco* do blog (interno, externo), o autor elenca dezesseis modalidades de blogs representadas na tabela abaixo.

Figura 7 - Critérios para a classificação dos Blogs.

| | | INDIVIDUAL | | COLETIVO | |
|--------|---------------------|-------------------------|-----------------------|-------------------------|----------------|
| | | Profissional | Pessoal | Grupal | Organizacional |
| DENTRO | Auto Reflexivo | 1 | 5 | 9 | 13 |
| | Informativo Interno | 2 | 6 | 10 | 14 |
| | Informativo | 3 | 7 | 11 | 15 |
| | Reflexivo | 4 | 8 | 12 | 16 |
| FORA | | | | | |
| | | INTERAÇÕES FORMALIZADAS | INTERAÇÕES COTIDIANAS | INTERAÇÕES FORMALIZADAS | |

REFLEXÃO (top right), RELATO (middle right), REFLEXÃO (bottom right)

Fonte: Primo, 2008a.

Pela tabela exposta, é possível verificar que Primo (2008a) classifica os blogs em quatro categorias, que se subdividem em outras quatro. Deter-nos-emos na explicação apenas das quatro grandes categorias e na subdivisão que, a nosso ver, é suficiente para caracterizarmos o blog *Papo de Amiga*. Além disso, cremos que a própria nomenclatura apresentada para as subdivisões é suficiente para o entendimento da natureza dos blogs denominados. Assim, temos:

A. Blog Profissional – blog escrito por uma pessoa com especialização em determinada área, na qual atua profissionalmente. Por ser um especialista, seus *posts* carregam um argumento de autoridade e, mesmo apresentando um tom informal, o que é dito é apresentado como um conhecimento aprofundado sobre os

temas abordados. Esse tipo de blog divide-se em³⁶: **1. Profissional auto-reflexivo; 2. Profissional informativo interno; 3. Profissional informativo; 4. Profissional reflexivo.** (PRIMO, 2008a, p. 6).

B. Blog Pessoal: trata-se de uma produção individual marcada pelo prazer de se expressar e interagir com os outros sem que, necessariamente, tenha que apresentar a identidade verdadeira do autor. Pode narrar histórias ficcionais, rumores, piadas ou até mesmo funcionar como um repositório de informações encontradas em outros sites. Esse tipo de blog subdivide-se em: **5. Pessoal auto-reflexivo; 6. Pessoal informativo interno; 7. Pessoal informativo; 8. Pessoal reflexivo.** (PRIMO, 2008a, p. 08-09).

C. Blog Grupal: são aqueles produzidos por pelo menos duas pessoas, as quais publicam temas de interesse do grupo, sendo que essa publicação pode ser tanto individual (onde cada participante escreve seus textos em separado) quanto assinada por todos os participantes. Esse tipo de blog subdivide-se em: **9. Grupal auto-reflexivo; 10. Grupal informativo interno; 11. Grupal informativo; 12. Grupal reflexivo** (PRIMO, 2008a, p. 09-10).

D. Blog Organizacional: são blogs cujos *posts* são escritos em nome de uma organização, segundo o foco de sua atuação e conforme os objetivos traçados e assumidos por todos os membros; ou seja, tudo o que é ali redigido deve ser tomado não como a postura de alguém em particular, mas como fala da organização. Problemas que eventualmente decorram dessa produção podem comprometer não apenas a imagem da organização, como também a de todos os seus membros, já que tanto a publicação como as interações que ali ocorrem possuem repercussões políticas e econômicas, cujo impacto retroage sobre a organização como um todo. Neste tipo de blog, há uma divisão bem estruturada de tarefas e cargos (editores, atendimento de anunciantes, etc.). São subdivididos em: **13. Organizacional auto-reflexivo** (reflexão e discussão sobre as atividades da organização); **14. Organizacional informativo interno** (voltado para a publicação de notícias e avisos sobre o funcionamento da organização); **15. Organizacional informativo** (registra as informações sobre o segmento de atuação da organização,

³⁶ Toda a numeração acompanha aquela apresentada na tabela anteriormente exposta.

sem que ela manifeste seu parecer sobre os fatos); **16. Organizacional reflexivo** (por meio do blog a organização manifesta suas opiniões sobre os temas de seu interesse (fazendo críticas, defendendo propostas, dando sugestões, entre outras)). (PRIMO, 2008a, p. 12).

No próximo item, utilizaremos essa classificação de Primo e todo o percurso teórico até agora realizado para analisarmos o funcionamento e as características do blog deste estudo – o blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*.

1.4 O BLOG *PAPO DE AMIGA* DA REVISTA *CAPRICH*O

Para Oliveira (2004), a adolescência é considerada a chamada fase da crise de identidade, na qual os adolescentes partem em busca de processos de identificação, para encontrarem outros ‘iguais’ e formar um grupo com o intuito de dividir angústias, sentimentos, experiências, uma vez que há, entre eles, uma regularidade no modo de agir, sentir e pensar. Além disso, atualmente, muitos adolescentes estão inseridos e conectados à Internet, trocando experiências e formando grupos por intermédio desse novo veículo. Atenta às características e necessidades de seu público-alvo, a revista *Capricho* cria uma *homepage*, com o mesmo nome, visando aproximar e manter suas leitoras nesse novo espaço de comunicação.

Assim, ao navegar pela internet e digitar o endereço eletrônico da revista: <<http://capricho.abril.com.br>>, as adolescentes encontram uma página virtual repleta de *links*, como podemos visualizar na figura 8. Esses *links* não só direcionam as leitoras para outros sítios vinculados ao domínio da *abril.com*, como também conduzem para “locais” específicos da Revista *Capricho* como, por exemplo, aos blogs³⁷, e mais especificamente, no caso deste estudo, ao blog *Papo de Amiga*.

³⁷ A Revista *Capricho* possui 22 *blogs* que tratam de temas variados, indo desde programas televisivos às dicas sobre moda e beleza.

Figura 8: Homepage da Revista *Capricho*



Fonte: Capricho, 2011.

Figura 9 - Blogs da *Capricho*.

Fonte: Capricho, 2011

Criado em 2008, o blog *Papo de Amiga* (BASTOS, 2008) nasce visando ser um local virtual apropriado para a busca de “iguais” na Internet. Essa afirmação é possibilitada não só pela análise de sua primeira postagem (figura 10), como também pela elucidação do seu nome e descrição do seu propósito (figura 11).

Figura 10 - Primeira postagem do blog *Papo de Amiga*.



Fonte: Bastos, 2008.

Figura 11 - Descrição do blog *Papo de Amiga*.



Fonte: Bastos, 2008.

Desta forma, fica mais fácil entender o porquê da estrutura de suas postagens: há sempre um “problema” enviado por uma leitora, seguido de um texto

da revista (comentando ou prescrevendo algo sobre este “problema”), abrindo, posteriormente, espaço para os comentários das outras leitoras:

Figura 12 - Estrutura do blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*.

The image shows a screenshot of the 'Papo de Amiga' blog page from the magazine 'Capricho'. The page is annotated with red boxes and arrows pointing to specific elements:

- Links abril.com**: Points to the 'Abril.com' logo in the top left navigation bar.
- Links Revista Capricho**: Points to the 'Capricho' logo and navigation menu.
- Localização do blog**: Points to the 'Blogs' link in the main navigation bar.
- Descrição do blog**: Points to the 'Papo de Amiga' title and subtitle.
- Início da postagem**: Points to the article title 'Meu pai vai ter um bebê!'.
- Problema enviado**: Points to the main text of the article.
- Link**: Points to the author's name 'Fernanda Bastos'.
- Link Comentário**: Points to the 'Comentários' section with a count of 37.
- Links**: Points to social media icons and sponsored links at the bottom.

The article text includes:

Oi meninas,
 Nos dias de hoje, nada é mais comum do que famílias com pais separados que acabam se casando de novo e começam novas famílias. A gente vai se acostumando a lidar com essas situações mas é super natural que de vez em quando fiquemos aflitas sem saber o que fazer. É o caso da T.:

*Meus pais são separados e de uns tempos para cá tenho me aproximado mais do meu pai (antes eu tinha raiva dele). Porém, no último fim de semana que passamos juntos, descobri que a esposa dele está grávida. Agora, estou com medo que ele me esqueça. Será que eu posso acabar perdendo o meu pai?**

Nossos pais às vezes nos dão tanto trabalho, não? Humpf!

Sentir raiva de pai e mãe é um dos sentimentos mais doloridos e também dos mais difíceis de superar. Todo mundo sai um tanto machucado, e as feridas, às vezes, demoram muito pra fechar.

É por isso que eu acho que essa insegurança toda que a T. está sentindo tem muito mais a ver com o relacionamento dela mesma com o pai do que com o bebê que está a caminho. Como eles ainda estão em fase de reaproximação, depois do que parece ter sido um período difícil, é normal que ela sinta que a relação deles ainda é frágil. E talvez seja mesmo.

Mas, acho sinceramente que não há motivo para preocupação. Muito pelo contrário, curtir a idéia de um novo irmão/irmã com o pai pode ser uma ótima oportunidade para a T. continuar se reaproximando dele.

Por outro lado, T. querida, quando o bebê nascer, seu pai terá que dividir a atenção dele entre mais gente. Então, alguma mudança virá sim, mas ela definitivamente não precisa ser dolorida. Fique por perto, diga que você faz questão de participar da vida dele e faz questão que ele participe da sua. Com o tempo, tudo se acerta.

Quem é que já lidou com uma situação parecida?
 beijo grande

Fé

Comentários 37

Categorias: Sem categoria

Links Patrocinados

Fique Bonita com Seda
 Seda tem Produtos Ideais p/ Deixar Seu Cabelo mais Bonito. Saiba Mais!
www.Seda.com.br

Cirurgia Plástica Em SP
 Há 15 Anos Facilitando Sua Vida. Tire Suas Dúvidas (11) 3372-1900.
www.MasterHealth.com.br

Cursos Técnicos Senac
 Técnico em Estilismo e Coordenação de Moda. Faça

Form fields for user registration:

Mande um e-mail pra gente

* Campos obrigatórios

Nome completo:*

Data de nascimento:*

Telefone:*

Celular:

E-mail:*

Mensagem*

Enviar

Fonte: Bastos, 2008.

Pela figura 12, conseguimos visualizar que o blog *Papo de Amiga*, à semelhança do blog do *Tas*, não está fixado em uma plataforma de publicação de *blogs* (como por exemplo, o *Blogger*, o *Pitas*), mas sim, como já comentado, está alocado em uma plataforma *web*, mais especificamente em um *link* da *homepage* da Revista *Capricho*. Assim, por inserir-se em uma *homepage*, o blog acaba trazendo, em sua apresentação, as características constitutivas deste gênero: *banners*; índices (*links*) da *abril.com*; *links* de outros sítios (*facebook*, *twitter*, *links patrocinados*); entre outros.

Além disso, pela representação acima, conseguimos visualizar o porquê da conceituação do blog como um *hipergênero*: além de ser formado pela postagem inicial - que, na temática exemplificada, é composta pelo gênero narrativo (problema da leitora) e pelo gênero prescritivo (sugestões da *Capricho*); o blog *Papo de Amiga* apresenta outros gêneros em sua constituição: o gênero descritivo (exposição do seu propósito e nome), o gênero e-mail, o *link* dos *comentários* (que, também, podem trazer uma diversidade de gêneros: debate, discussão, conversa, opinião) e os *links* que levam a outros sítios, como o *link* que leva ao perfil da Fernanda Bastos (mantenedora do blog) e o *link* da imagem do blog, que conduz o leitor a postagens anteriores.

Observamos, assim, como o blog *Papo de Amiga* possui uma configuração híbrida, ou seja, como sua formação está vinculada à junção (sobreposição) de outros gêneros (materializados ora explícita ora implicitamente por meio de *links*) que convergem, coerentemente, para sua constituição formal, funcional e interacional.

Além disso, este blog classifica-se como um *blog organizacional reflexivo* (PRIMO, 2008a), não só porque é um *hipergênero* que se caracteriza pela construção de uma postagem que expresse, textual e explicitamente, a opinião da Revista frente aos problemas, dúvidas e preocupações enviadas por suas leitoras; mas também porque todas as suas publicações são feitas *em nome da e pela* Revista *Capricho*, ou seja, desde a seleção do “problema” a ser exposto e comentado na postagem, até o que é publicado nos comentários, está, de certa forma, sob o seu comando³⁸ e responsabilidade.

³⁸ A revista *Capricho*, por meio de ferramentas específicas de moderação e controle, pode moderar/excluir qualquer comentário produzido no blog.

Desta forma, por *postar* e comentar temas do interesse de seu público, permitindo que este se pronuncie, seja pelo compartilhar de experiências seja pela posição frente aqueles enunciados; o blog *Papo de Amiga* acabou por se tornar uma importante ferramenta de comunicação entre a revista e seu público, obtendo grande notoriedade entre elas, verificada pelo número de comentários de cada *post*. Daí nosso interesse de pesquisa: sendo um espaço propício para o diálogo e, tendo em vista a grande participação das adolescentes nestas interações digitais, este trabalho, como já comentado na introdução, pretende verificar quais são e como se estruturam os gêneros utilizados para a elaboração da opinião dos comentários do blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*.

Como teremos oportunidade de visualizar, na análise do corpus (capítulo 3), a própria estrutura do blog, comentada neste capítulo, favorecerá a compreensão do porquê da variedade dos gêneros textuais utilizados pelas produtoras para confeccionarem seus comentários: por ser um *hipergênero constelar*, o blog permite, em um mesmo espaço, a materialização de diversos gêneros que, embora distintos, conseguem contemplar os objetivos comunicacionais das autoras: agir sobre o outro, persuadindo-o à adesão de determinada tese, ação, entre outros.

Assim, antes de realizarmos a análise desses gêneros, apresentaremos, no próximo capítulo, a teoria que nos orientará: a Linguística Textual e a Teoria da Argumentação na Língua, indispensáveis para a compreensão da textualidade dessas sequências linguísticas e, igualmente, para a orientação argumentativa destes textos.

CAPÍTULO 2

TEXTO, COERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO NO BLOG

Considerações Iniciais

No capítulo anterior, retomamos dois usuais conceitos de blog propagados na literatura e, refletindo sobre eles, definimos o blog como um *hipergênero constelar*, categorizando o blog da Revista *Capricho* como um blog organizacional reflexivo (PRIMO, 2008a).

No presente capítulo, apresentaremos o referencial teórico que norteará nosso trabalho, a saber: a Linguística Textual (FÁVERO, 1991; KOCH, 1987, 2001, 2003, 2006a; MARCUSCHI, 2008) e a Teoria da Argumentação na Língua (DUCROT, 1977,1987; DUCROT; ANSCOMBRE, 1981). Procuramos, à medida que apresentamos o referencial teórico, exemplificá-lo com alguns comentários do blog, demonstrando algumas características de seu processamento textual.

Apoiamo-nos na Linguística Textual uma vez que seu aparato teórico nos auxiliará para a compreensão do conceito do texto e da contribuição dos fatores de textualidade para o estabelecimento da textura das sequências linguísticas do blog. Entendemos que, orientadas por um objetivo, as adolescentes produzem e utilizam-se da elaboração textual para a obtenção da finalidade principal de sua interação: agir sobre as outras leitoras.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que toda produção textual é constitutivamente argumentativa já que, ao nos comunicarmos, permeamos nossos dizeres de orientações axiológicas.

Por esse motivo, nos fundamentamos, também, nos conceitos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), imprescindível para a compreensão e análise das marcas linguísticas da argumentação.

2.1 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E O CONCEITO DE TEXTO E COERÊNCIA

Fortemente influenciada por uma perspectiva pragmático-enunciativa, para Marcuschi (2009), a Teoria do Texto³⁹ define a língua como uma forma de ação, considerando a interatividade, a dialogicidade e seu caráter sócio-histórico. O foco de investigação dessa corrente linguística são os “textos em funções” (MARCUSCHI, 2009), ou seja, os textos são apreendidos como elementos constitutivos de uma atividade complexa, instrumentos de realização de intenções comunicativas e sociais do falante. Observa-se, assim, o texto em uso, analisando sua constituição, seu funcionamento, os processos de produção e recepção textuais (KARNOPP, 2006), valorizando todo o seu entorno extralinguístico (BENTES, 2006).

Por este viés, o texto é visto como o próprio lugar da interação, como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais⁴⁰ (BEAUGRANDE, 1997). Ele resulta de uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas, uma vez que, para atingir determinado objetivo, o enunciador realiza atividades linguístico-cognitivas com o intuito de garantir a compreensão e estimular ou causar a aceitação (KOCH, 2006a). O enunciatário, por sua vez, busca compreender o objetivo fundamental do enunciador, aceitando (ou não) colaborar na realização de seu objetivo e mostrar a reação desejada.

O processo de produção textual é concebido como atividade interacional de sujeitos sociais, tendo em vista a realização de determinados fins. [...] [há] um sujeito planejador/organizador que, em sua inter-relação com outros sujeitos, vai construir um texto, sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as

³⁹ O desenvolvimento da Linguística Textual, como lembra Bentes (2006), pode ser dividido em três fases com preocupações teóricas bastante diversas entre si: a *análise transfrástica*, a *gramática de texto* e a *teoria do texto* que, progressivamente, foram se afastando da influência estruturalista e adotando, em seus estudos, uma preocupação com os “processos de produção, recepção e interpretação dos textos; reintegrando o sujeito e a situação de comunicação em seu escopo teórico” (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 16). Assim, de uma disciplina de inclinação primeiramente gramatical (análise transfrástica, gramática textual), depois pragmático-discursiva, ela transforma-se em uma disciplina com forte tendência sócio-cognitivista (KOCH, 2001).

⁴⁰ “It is essential to view the **text** as a ‘*communicative event wherein linguistic, cognitive, and social actions converge*’, and not just as the sequence of words that were uttered or written”. (BEAUGRANDE, 1997, grifo do autor).

crenças, as convicções, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções sócio-culturais (KOCH, 2003, p. 7).

O texto é, então, resultado de um tipo específico de atividade consciente e interacional de sujeitos numa situação dada, com vistas a certos resultados (KOCH, 2003), fazendo com que o processamento textual seja uma atividade estratégica já que se reconhece que os parceiros da comunicação, ao produzirem seu dizer, realizam certas escolhas e mobilizam sistemas de conhecimento que, de acordo com Heinemann e Viehweger (apud KOCH, 2003), podem ser assim enumerados:

1. **Conhecimento linguístico:** conhecimento gramatical e o lexical – responsável pela articulação som-sentido; pela organização do material lingüístico na superfície textual, pelo uso de elementos coesivos (remissão ou seqüenciação textual); pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados;

2. **Conhecimento enciclopédico (de mundo):** é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo. Pode ser do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo), do tipo episódico (os 'modelos cognitivos' socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência);

3. **Conhecimento sócio-interacional:** é o conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de *inter-ação* através da linguagem. Engloba os conhecimentos:

I. **Ilocucional:** permite reconhecer os objetivos ou propósitos que um falante, em uma dada situação de interação, pretende atingir. Trata-se de conhecimentos sobre *tipos de objetivos* (ou *tipos de atos de fala*).

II. **Comunicacional:** diz respeito a normas comunicativas gerais, como as máximas descritas por Grice (1969), a seleção da variante lingüística adequada a cada situação de interação e à adequação dos tipos de texto às situações comunicativas (entre outros).

III. **Metacomunicativo:** trata-se do conhecimento sobre os vários tipos de ações lingüísticas que permitem, de certa forma, ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação, pelo parceiro.

IV. **Superestrutural:** permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo, envolve também o conhecimento sobre a ordenação ou seqüenciação textual, bem como sobre a conexão entre objetivos, bases proposicionais e estruturas textuais globais.

4. **Conhecimento de tipo procedural:** é o conhecimento necessário para colocar os outros conhecimentos em prática – adequando-os à necessidade dos interlocutores no momento da interação. Engloba, também, o saber sobre as práticas peculiares ao

meio sociocultural em que vivem os interactantes, o domínio das estratégias de interação (como a preservação da face, representação positiva do *self*, polidez, negociação, entre outras). (HEINEMANN; VIEHWEGER apud KOCH, 2003, p. 32-34).

Nesta perspectiva, mobilizando diversos tipos de conhecimentos e estratégias, um texto se constitui como tal porque apresenta coerência (GUIMARÃES, 2009), sendo definida como um princípio de interpretabilidade⁴¹ (CHAROLLES, 1983) que incorpora, além dos fatores sintático-semânticos, uma série de fatores de ordem pragmática e contextual.

A coerência resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerada o fator fundamental de textualidade porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do *partilhar* de conhecimentos entre os interlocutores (COSTA VAL, 1994, p. 5).

A coerência diz respeito, então, ao “modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentido” (KOCH, 2003, p. 52).

Desta forma, ela não se caracteriza como mera qualidade ou propriedade empírica do texto, mas sim como resultado de uma construção feita pelos interlocutores numa situação de interação dada. Verificamos, então, a importância do leitor/destinatário para/no estabelecimento da coerência, uma vez que, embora não haja textos incoerentes em si, tendo em vista o princípio cooperativo de Grice (1975)⁴², o leitor/enunciário, se não souber adequar o texto à situação

⁴¹ Por ser um princípio de interpretabilidade, Koch (2006a) lembra que não há textos incoerentes em si, visto que, numa interação, é sempre possível construir um contexto em que uma sequência, aparentemente incoerente, passe a fazer sentido. Contudo, pode ocorrer *incoerências locais* (KOCH; TRAVAGLIA, 2009) que, se muito acentuadas, podem prejudicar a unidade de sentido de uma sequência linguística. Para Marcuschi (2008), estas incoerências podem ser vistas como *processos de textualização inadequados*, que ocorrem quando não conseguimos oferecer condições de acesso a algum sentido, seja por ausência de informações necessárias, ou por ausência de contextualização de dados ou, então, simplesmente por inobservância de restrições na linearização.

⁴² Grice (1975) estabeleceu como postulado básico da comunicação humana o *Princípio da Cooperação*: faça sua contribuição conversacional tal como é requerida no momento em que ocorre pelo propósito ou direção do intercâmbio em que está engajado. Desse princípio decorrem quatro máximas: **Máxima da quantidade** – faça que sua contribuição seja tão informativa quando

comunicativa, atentando-se para os objetivos, para as regras socioculturais e outros elementos importantes da situação, pode julgar uma determinada produção textual como incoerente.

Podemos constatar, desta forma, que a simples decodificação do código linguístico não é suficiente para o estabelecimento da coerência, já que ela depende, também, de outros fatores (cognitivos, socioculturais, interacionais). Portanto, na análise de um texto, importa observar os fatores de textualidade vistos como “um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de um evento interacionalmente comunicativo” (KOCH, 2001, p. 16), ou, nas palavras de Marcuschi (2008), um conjunto de critérios de acesso à construção do sentido.

Como observaremos ao longo da exposição que se segue, tais fatores são imprescindíveis não só para a confecção dos comentários do blog da Revista *Capricho*, mas também para a compreensão dessas produções uma vez que, por meio desses fatores, as sequências linguísticas ali publicadas tornam-se textos coerentes e relevantes para o propósito comunicativo em curso: revelar sua posição frente ao tema em discussão, persuadindo as outras leitoras à adoção de uma determinada verdade e de um modo específico de ser e agir perante a situação postada.

2.2 OS FATORES DE TEXTUALIDADE

Propostos por Beaugrande e Dressler (1981), os fatores de textualidade podem ser vistos como o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma sequência de frases (COSTA VAL, 1994),

for requerido para o propósito corrente da conversação (“*Make your contribution as informative as is required (for the current purposes of the exchange)*”); não a faça mais informativa do que o requerido (“*Do not make your contribution more informative than is required*”); **Máxima da Qualidade** – não diga o que acredita ser falso, não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada (“*Do not say what you believe to be false; Do not say that for which you lack adequate evidence*”); **Máxima da relação** – seja relevante, pertinente (“*Be relevant*”); **Máxima do modo** – seja claro (“*Avoid obscurity of expression, avoid ambiguity*”) (GRICE, 1975, p. 45-46). Por esse princípio, os interlocutores sempre são cooperativos e buscam, de início, interpretar determinada sequência linguística como um texto dotado de sentido.

revelando uma conexão entre as intenções, as ideias e as unidades linguísticas que compõem o texto através do encadeamento de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação. (KOCH, 1987).

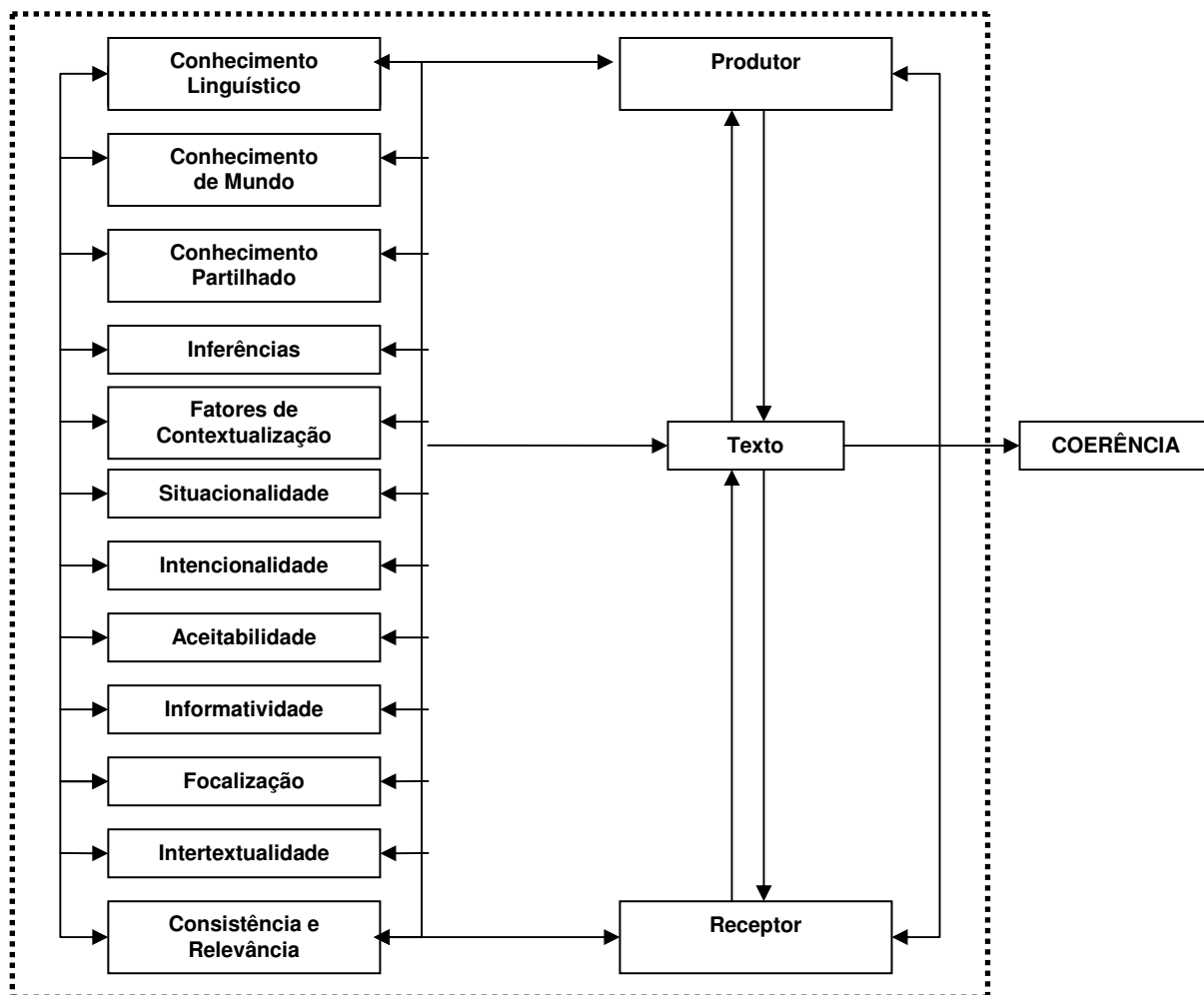
Em sua elaboração inicial, eram divididos em sete categorias: duas centradas no texto (coesão e coerência) e cinco centradas no usuário (situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade). Contudo, tendo em vista o atual momento da Teoria do Texto, no qual os estudos apóiam-se em uma perspectiva pragmático-cognitiva, essa divisão torna-se problemática uma vez que “não faz sentido a divisão entre fatores ‘centrados no texto’ e ‘centrados nos usuários’ já que todos eles estão centrados simultaneamente no texto e em seus usuários” (KOCH, 2006a, p. 43). Além disso, não é possível categorizar a coerência como mais um critério de textualidade e, ainda, centrado no texto, pois, como vimos, ela constitui o resultado da confluência de vários fatores, aliados a mecanismos e processos de ordem cognitiva numa dada situação.

Assim, com base nessas constatações, Koch e Travaglia (2003) realizam uma revisão dos fatores de textualidade elencados por Beaugrande e Dressler e sugerem outra classificação na qual a coerência, sendo a responsável pela textura do texto, se torna o *macrofator*, estando subordinada não só à relação texto-produtor/receptor, mas também aos outros fatores que, interligados, convergem para o estabelecimento da unidade de sentido das sequências linguísticas.

No diagrama abaixo, ilustramos essa classificação de Koch e Travaglia. Pela imagem, conseguimos observar todos os fatores que contribuem para o estabelecimento da coerência.

Nos próximos itens deste capítulo, passaremos a discutir cada um desses fatores, exemplificando-os com alguns comentários do blog, buscando, assim, demonstrar algumas características de seu processamento textual.

Figura 13 – Diagrama.



Fonte: Koch e Travaglia (2003, p.103)

2.2.1 O Conhecimento Linguístico

Guimarães (2009, p. 96) chama nossa atenção para a subjetividade da linguagem, “uma vez que é expressa por sujeitos dominados por intenções e propósitos definidos, que se exprimem com o intuito de convencer o outro a chegar a determinadas conclusões”. Norteados por diferentes objetivos, os produtores utilizam-se das mais diversas estratégias linguísticas, visando construir textos que consigam concretizar seus intentos.

Nesse sentido, um dos requisitos básicos para estabelecimento do sentido de um texto é o conhecimento da língua, pois sem ele os processos de produção e interpretação textual tornam-se impossíveis. O conhecimento da língua engloba, por

sua vez, o conhecimento gramatical e lexical, a organização do material linguístico na superfície textual, o uso de elementos coesivos (remissão ou sequenciação textual); a seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados, entre outros.

Nos comentários do blog *Papo de Amiga*, conseguimos vislumbrar a importância desse conhecimento, não só porque ali é utilizada, muitas vezes, além da língua materna uma linguagem criada e adaptada para o meio digital (o *Internetês*⁴³, os *emoticons*⁴⁴), mas também, e principalmente, porque o sujeito opera sobre o seu conhecimento linguístico, incluindo estratégias e material que tem a sua disposição, fazendo escolhas significativas para representar e concretizar seu projeto de dizer. Desta forma, a seleção lexical utilizada nos comentários do blog, por exemplo, evidencia o posicionamento do locutor frente à temática em questão, transformando-se em pistas para o cálculo do sentido, norteando, ainda, a progressão informacional do texto. Vejamos:

(1)⁴⁵

Natalia

29/04/2010 14:57

Me desculpe aqueles que falaram de Deus, mas acho não tem nada a ver esse negócio de bíblia. Acho que o homossexualismo deve ser respeitado, assim como qualquer outra opção sexual. Muitas pessoas vêem o amor entre duas pessoas (não só sentimento, mas falando de algo físico também) como um pecado, e **bla bla bla**. Amor é amor gente, chega de ser **cabeça fechada**. **Vai fundo** e conte pros seus pais com cuidado. Ou, comece com algum parente que você tenha mais confiança. PAZ E AMOR =) vou torcer por você e que pra o amor de vocês duas dê certo. (grifo nosso).

Pelo fragmento exposto acima, conseguimos observar que, para materializar seu ponto de vista - diverso dos anteriormente apresentados -, a adolescente utiliza-se de uma estrutura textual específica: a retomada, sob a forma de síntese em um único enunciado, de argumentos já defendidos por outras produtoras para negá-los e, a partir da negação, expor sua posição. Seu conhecimento linguístico permeia

⁴³ A linguagem utilizada nos ambientes virtuais, mais especificamente, nos gêneros digitais, apresenta um intenso hibridismo: além da junção de escrita, som, imagem, há o uso de uma linguagem abreviada, muitas vezes próxima do oral. Essa linguagem é conhecida pelos internautas como *Internetês*.

⁴⁴ Carinhas que expressam emoções: ☺ (sorriso); ☹ (tristeza), etc.

⁴⁵ Post **Tenho uma namorada e não sei como contar para os meus pais** (13/04/2010 às 18:29).

todo o comentário, pois envolve, entre outros elementos, a capacidade de síntese dos outros comentários; a escolha de estratégias argumentativas como, por exemplo, o emprego do operador argumentativo *mas*, para conduzir a argumentação a um direcionamento diferente da primeira direção; e conhecimento lexical adequado àquele espaço enunciativo, demonstrado com o uso das expressões *bla bla bla*, *cabeça fechada* e *vai fundo*. Observamos, assim, a importância do léxico para a orientação argumentativa⁴⁶ dos textos.

2.2.1.1 O Léxico e a argumentação

Frasson (1992) comenta que a argumentação poderia ser descrita como a apresentação de raciocínios através dos quais buscamos modificar ou reforçar disposições com vistas à obtenção de determinados resultados. Nesse sentido, o objetivo de toda argumentação é o de provocar ou aumentar a “adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50).

Para Ducrot (1977, 1987) e Ducrot e Anscombre (1981), a argumentação é inerente à linguagem, assim, na Teoria da Argumentação na Língua, os autores tentam demonstrar que “as instruções contidas na significação das palavras seriam as responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados⁴⁷” (CAMPOS, 2007, p. 142).

Partiremos da observação, bastante banal, que muitos atos de enunciação têm uma função argumentativa, que eles objetivam levar o destinatário a uma certa conclusão, ou dela desviá-lo. Menos banal, talvez, seja a ideia de que essa função tem marcas na própria estrutura do enunciado: o valor argumentativo de uma frase não é somente uma consequência das informações por ela trazidas, mas a frase pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, a conduzir o destinatário em tal ou qual direção. (DUCROT; ANSCOMBRE, 1981, p. 178).

⁴⁶ De acordo com Guimarães (2007), orientar argumentativamente com um enunciado X é apresentar seu conteúdo A como devendo conduzir o interlocutor a concluir C (também um conteúdo), ou seja, orientar argumentativamente é dar A como uma razão para se crer em C, é apresentar A como sendo o que se considerar como devendo fazer o interlocutor concluir C.

⁴⁷ Para Ducrot (1987), é preciso distinguir *frase*, entidade linguística abstrata, idêntica a si mesma em suas mais diversas ocorrências, e *enunciado*, ocorrência particular, realização *hic etc nunc* da frase. Para o autor, somente o enunciado produz sentido, pois é um fenômeno que envolve a compreensão de toda a situação de enunciação (CABRAL, 2010). Enunciação vista aqui como o processo pelo qual o indivíduo põe em uso o sistema linguístico, ou seja, “acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (DUCROT, 1987, p. 168).

Se o sentido de qualquer enunciado é argumentativo⁴⁸, não é possível dizer que a linguagem é referencial, ou seja, que há nela uma parte objetiva, uma descrição da realidade, se há descrição, ela é feita pelos aspectos subjetivo e intersubjetivo, tornando-se o tema de um debate entre o locutor⁴⁹ e o interlocutor (RYPL, 2010).

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor [...] [tentando] influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões constitui o ato lingüístico fundamental. (KOCH, 1987, p. 19).

Podemos dizer então que nunca interagiremos com vistas, unicamente, a fornecer uma informação ao nosso interlocutor, mas sempre com a intenção definida de persuadi-lo e de obter adesão prática, intelectual ou afetiva (FIORIN; SAVIOLI, 2007). Desta forma, um enunciado, muito mais que informar sobre algo, visa orientar o destinatário a certas conclusões, desviando-o de outras. Essa orientação é, para Ducrot e Anscombre (1981), estribada na estrutura linguística subjacente.

Considerando, então, que todas as nossas escolhas linguísticas tem um alcance argumentativo, podemos afirmar que a linguagem nunca será neutra, já que, como lembra Citelli (2003), sempre a utilizaremos para cumprir certos objetivos e realizar determinadas intenções. Nesse sentido, falamos ou escrevemos porque desejamos elaborar uma rede de significados com vistas a discordar, aconselhar, ordenar, ou seja, desejamos, em última instância, influenciar nos conceitos, ideias e opiniões das pessoas.

⁴⁸ Plantin (2008) defende que, se a argumentação é um procedimento que visa intervir sobre a opinião, a atitude e até mesmo sobre o comportamento de alguém, até um enunciado informativo clássico como 'são 8 horas' é argumentativo, isto porque, como explica Ducrot (1987), o sentido deve ser descrito em relação aos prolongamentos futuros da enunciação. Assim, enunciar "são 8 horas" poderia servir para levar o interlocutor a pensar, concluir ou, até mesmo, agir de determinada forma em exclusão de outra.

⁴⁹ Ducrot (1987) distingue *locutor* de *enunciador*: o locutor de um enunciado seria o autor da enunciação. Este autor pretendido da enunciação é o ser a quem fazem referência o *eu* e as marcas de primeira pessoa. Os enunciadores seriam as personagens que são apresentadas pelo enunciado, seriam os "argumentadores" em relação aos quais o locutor assume atitudes (de concordância, de identificação, de rejeição, etc.). Veremos mais detalhadamente esta distinção no item 2.2.10.1 Polifonia.

Quando interagimos através da linguagem, temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos *atuar* sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obtendo dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 29).

Assim, todos os nossos textos serão persuasivos, ou seja, por meio dos nossos dizeres representaremos o desejo de prescrever a adoção de alguns comportamentos, de algumas ideias, valores (CITELLI, 2005), utilizando, para tal, os mais diversos recursos da língua, visando produzir um enunciado ou um conjunto de enunciados que faça(m) admitir um outro (ou um conjunto de outros) (CABRAL, 2010).

A argumentação é definida como direcionamento para uma possível continuação, dito de outra maneira, a *orientação argumentativa* de um enunciado é descritível pelo conjunto de conclusões para as quais ele aponta e que sua aparição possibilita. (ZOPPI-FONTANA, 2010, p. 196).

Para Ducrot e Anscombre (1981), esse conjunto de conclusões é favorecido, dentre outras formas, pelas *classes argumentativas* (CA), que são enunciados cujos conteúdos representam argumentos capazes de levar a uma determinada conclusão. Para os autores, a *classe argumentativa* (CA) ocorreria quando,

um locutor – entendendo-se por essa palavra um sujeito falante inserido numa situação particular – coloca dois enunciados p e p' na classe argumentativa determinada por um enunciado r , [...] [considerando] p e p' como argumentos a favor de r . (DUCROT; ANSCOMBRE, 1981, p. 180).

A utilização de CA é uma estratégia usual nos comentários do blog, como podemos verificar na produção abaixo, na qual, para demonstrar a desconfiança de sua mãe, a produtora apresenta argumentos cada vez mais fortes para conduzir à conclusão pretendida, formando uma escala argumentativa. Para Ducrot e Anscombre (1981), uma escala argumentativa ocorre quando, em uma sequência linguística, conseguimos considerar uma ordem entre os argumentos, no sentido de

argumentos mais fortes e mais fracos que outros em relação a uma mesma conclusão: “diremos que um enunciado p' é mais forte que p se toda classe argumentativa que contém p contém também p' , e se p' é nela, cada vez superior a p ” (DUCROT; ANSCOMBRE, 1981, p.180). Nesse sentido, o conceito de escalas argumentativas permite avaliar os argumentos em termos de força, isto é, há argumentos que são mais fortes do que outros em relação a uma mesma conclusão. Nessa perspectiva, a argumentação não constitui um fenômeno absoluto, mas gradual (CABRAL, 2010):

(2)⁵⁰

Luuh ;* • • RS • 15

23/02/2010 • 16:38

meeu, eu sempre fico pensando: por que os pais fazem isso ? custa eles chegarem na gente e pedir o qe querem ? dá pra ver que é muito difícil pra eles **confiarem em nós** --' cara uma vez quando eu tinha 12 anos, eu tinha um diário (tonga) e aí lá eu sempre escrevi sobre um menino da escola qe eu era super afim, mas ele gostava da minha BEST, pronto foi só eu sair um dia e **minha mãe leu TUDO!** dps ela **ainda ficou mandando indiretas e pá.** fiquei super brava com ela, mas ela não se contetou em ler apenas o diário, como **fuxicou meu celular** :/ não tem jeito, já qe eu sabia qe ela não ia mudar, resolvi eu mesma mudar, joguei fora o diário e nunca mais usei nenhum, e as msg e ligações do meu celular eu apago todas. foi a única solução! **e mesmo assim quando to no msn ela sempre passa pelo quarto e pede com quem eu to falando,** haja paciência com esses pais :s (grifo nosso)

No percurso argumentativo produzido – que passa pela leitura do diário, as indiretas, o “fuxico” do celular –, o argumento mais forte é a insistência constante da mãe em questionar com quem a adolescente está falando no *msn*. Para o encadeamento desses argumentos, são utilizadas palavras com essa finalidade, como *dps* (depois), *mas, não apenas [...]* *como, e mesmo assim*. Além de direcionar seu leitor para a conclusão pretendida, a adolescente busca ainda, por meio do seu texto, prescrever a adoção do melhor comportamento frente ao problema postado: *como as mães não mudam, não tem jeito: jogue fora o diário e nunca mais use nenhum e apague todas as mensagens e ligações do celular. É a única solução!*

⁵⁰ Post *Meu pai leu minhas conversas de MSN com o gatinho* (10/02/2010 às 11:20).

Verificamos que o conceito de classe argumentativa corrobora para vislumbrarmos a orientação argumentativa de uma sequência linguística, orientação totalmente atrelada à estruturação e, igualmente, ao léxico empregado.

Nesse sentido, podemos dizer que a língua contém imposições que regem a apresentação dos enunciados e as conclusões a que eles conduzem.

Na constituição dos sentidos [adotamos] certos procedimentos que vão desde a escolha dos vocabulários até as relações entre eles e as frases. [...] Optar por um termo em detrimento de outro é gesto menos arbitrário do que imaginamos e costuma significar o cruzamento de planos estilísticos e ideológicos na direção de discursos persuasivos. (CITELLI, 2003, p. 70).

É por isso que, para Ducrot e Anscombre (1981), a interpretação semântica dos enunciados sempre estará condicionada ao funcionamento de determinadas formas da língua que operam como instruções relativas à continuação e ao encadeamento dos enunciados: os *modalizadores/modificadores* e os *operadores argumentativos*.

2.2.1.1.1 *Os modalizadores/modificadores: advérbios e adjetivos*

Como vimos, todo enunciado é inerentemente argumentativo e tal argumentação é marcada na língua por palavras que demonstram o posicionamento do produtor do texto frente ao seu dizer. Dentre as palavras existentes que cumprem essa função citamos, inicialmente, os adjetivos.

De acordo com Neves (2000), os adjetivos são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria denominada por um substantivo. Tal atribuição ocorreria de dois modos: a) qualificando o substantivo, o que pode implicar em subjetividade; b) e subcategorizando o substantivo, qualificação que traz em si uma indicação objetiva acerca do nome determinado. Dependendo da posição em que estão (antepostos ou pospostos ao substantivo), os adjetivos modificam o sentido do enunciado, exprimindo uma *caracterização objetiva* (posposto) – descrição de um elemento; ou uma *caracterização subjetiva* (anteposto) – expressão de uma avaliação feita pelo indivíduo de acordo com um determinado ponto de vista. Na mesma direção, Cordeiro (2007) afirma que, quando o adjetivo está logo depois do

substantivo, há uma conservação do valor próprio, objetivo, intelectual do substantivo, quando está antes, há uma suavização, adquirindo matização afetiva.

Os adjetivos, então, colaboram para a expressão da subjetividade da linguagem já que, “dotados de grande expressividade, estão intimamente relacionados com a intenção de quem produziu o texto” (CORDEIRO, 2007, p. 62). Vejamos um exemplo em nosso *corpus*:

(3)⁵¹

C.

26/05/2010 13:14

Cara, meus pais são **MEEGA-CAREETAS**! Meu pai nunca falou disso para mim, mas minha mãe me enche o saco, principalmente porque namoro. Eu não sou mais virgem, e minha mãe nem sonha com isso, mas eu acho bem melhor guardar isso para mim. (grifo nosso).

No comentário do blog materializado acima, constatamos a importância do adjetivo *careta* para a orientação argumentativa pretendida pela produtora. Ao selecionar esse adjetivo e não outro, a adolescente busca, pelo próprio significado do termo (algo antiquado, retrógado, com ideias atrasadas), levar as demais leitoras a concluírem que a atitude do pai não é adequada. Tal orientação é reforçada pelo prefixo intensificador *mega*, que acoplado ao adjetivo, atribui-lhe o superlativo absoluto. O valor superlativo ainda se expressa pela duplicação dos *e* (**MEEGA-CAREETAS**), pois demonstra um alongamento da vogal na fala/leitura, recurso usado quando se quer destacar algo; a caixa alta também é outro mecanismo de destaque utilizado na escrita dos blogs. Esse adjetivo, de acordo com Ducrot (1987), pode ser classificado como um *modificador realizante*.

Para Ducrot (1987), tendo em vista que tanto os adjetivos quanto os advérbios podem reforçar, atenuar e até mesmo inverter a força argumentativa dos predicados dos enunciados, eles devem ser vistos como *modificadores*. Há dois tipos de modificadores: os *desrealizantes* que são aqueles que atenuam, enfraquecem a força argumentativa de uma palavra, podendo, inclusive, modificar a

⁵¹ Post **Quero transar mas tenho medo que a minha mãe descubra** (24/05/2010 às 18:35).

orientação argumentativa, e os *realizantes* que reforçam o valor contido no enunciado.

Segundo Cabral (2010), essa classificação de Ducrot permite caracterizar, por exemplo, o modificador *muito* sempre como realizante e *pouco* e *um pouco* como desrealizantes, isto é, seja qual for o enunciado em que eles se encontram, eles sempre vão atuar desse modo. Outra classe de palavras que também tem a propriedade de marcar o grau de adesão do locutor ao conteúdo do enunciado, funcionando como modalizador, é o advérbio.

De acordo com Neves (2000), os advérbios são palavras que modificam o sentido do verbo ou do adjetivo, expressando um julgamento de verdade (*talvez, sem dúvida, certamente*) ou, ainda, um julgamento de realidade (*realmente, efetivamente*), demonstrando, igualmente, o grau de adesão do locutor ao conteúdo enunciado.

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2007), os advérbios sinalizam o modo como o que se diz é dito. Neste sentido, podem ser vistos, também, como *modalizadores*, pois “ao conteúdo proposicional é acrescentada uma indicação da modalidade sob a qual ele deve ser interpretado” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 52). Para a autora, são modalizadores os advérbios (*talvez, certamente, possivelmente*) e algumas orações (*tenho a certeza de que, não há dúvida de que, há possibilidade de, todos sabem que*). Visto que nosso interesse é apenas mostrar como os adjetivos e advérbios funcionam, em um projeto de dizer nos comentários dos blogs, não nos detemos nas classificações propostas por Koch, Bentes e Cavalcante (2007) e Neves (2000). Vejamos o uso dos modificadores em um exemplo de nosso *corpus*:

(4)⁵²

Mari castelli

27/08/2010 12:33

[...] eh so chegar sexta feita que começa o **clima ruim** em casa. **eh muito ruim** isso. **e o pior eh** o meu pai que não faz nada, porque tudo que minha mãe fala em casa prevalece manja? **me irrita muito isso**. só para terem uma noçao, nem no shopping ela nao deixa eu ir!!!! andar no shopping! qual o problema? tem segurança e paa. mas ela nao deixa. nao sei, **REALMENTE**, qual o problema. ja perguntei varias vezes, mas eh sempre a mesma coisa: porque nao! (grifo nosso).

⁵² Post *Minha mãe não confia em mim* (25/08/2010 às 21:08).

Pelo fragmento do comentário do blog acima, observamos a importância dos adjetivos e advérbios. A adolescente contrapõe a desconfiança/preocupação da mãe com a atitude inversa do pai. Esse problema de sua casa atinge o ápice na sexta-feira, quando a atitude da mãe ganha contornos extremados. A partir desse momento há uma escala argumentativa construída a partir do adjetivo *ruim*, que, em suas formas no superlativo analítico, portanto, com o advérbio intensificador *muito* (*muito ruim*) e superlativo relativo (*o pior*), caracterizam o *clima* que a adolescente enfrenta em casa. O adjetivo *pior*, por definição gramatical, é o superlativo de *mau*, e vemos claramente o seu uso para indicar o argumento máximo na escala. Desta forma: o clima é *ruim*; é *muito ruim* ter o clima *ruim* na sexta-feira; *o pior* é que o pai não faz nada para contrariar a mãe e desfazer o clima ruim. Em *me irrita muito isso*, o advérbio *muito* funciona como intensificador do conteúdo de um verbo (NEVES, 2000), indicando uma gradação de força argumentativa: não irrita, irrita, irrita muito. Há, ainda, o uso do advérbio epistêmico em *não sei, REALMENTE, qual o problema*, que mostra a opinião da adolescente (NEVES, 2000) em relação ao problema levantado, ou seja, a falta de argumentos para a atitude da mãe, demonstrada no enunciado seguinte: *ja perguntei varias vezes, mas eh sempre a mesma coisa: porque nao!*

Observamos, assim, que os advérbios e os adjetivos são significativos para a construção dos comentários do blog já que permitem ao locutor fornecer ao interlocutor ‘pistas’ quanto às suas intenções (KOCH, 1987), interferindo não só na força argumentativa de um substantivo ou verbo como também na força de um argumento, de uma conclusão (SANTOS, 2010).

No próximo item, abordaremos outros elementos linguísticos que produzem argumentação e que auxiliam na tessitura e na progressão informacional do texto: os operadores argumentativos.

2.2.1.1.2 A coesão textual e os operadores argumentativos

De acordo com Marcuschi (2008), a coesão é o processo responsável pela estruturação da sequência superficial do texto, constituindo os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos.

A coesão textual envolve uma quantidade de diferentes relações lingüísticas (lexicais, junção, referência, substituição) que, em conjunto, são responsáveis pela formação da textura. [...] É imprescindível que haja, entre [as partes do texto], ligações, formando uma unidade. [...] Essa conexão é garantida pela [...] coesão textual. (PALADINO *et al.*, 2006, p. 03).

Para Fávero (1991) há três tipos de coesão:

1. Coesão Referencial – tem por função estabelecer referência a alguma coisa necessária a sua interpretação. Pode ser obtida por meio da *substituição* e da *reiteração*.

Substituição - Há uma *pro-forma* (elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; que se caracteriza por baixa densidade sêmica) que retoma (anáfora) ou precede (catáfora) um componente.

Reiteração - obtida por meio de repetição de expressões no texto (repetição do mesmo item lexical, sinônimos, hiperônimos (relação todo-parte, classe-elemento), hipônimos (parte-todo, elemento-classe), expressões nominais definidas, nomes genéricos);

2. Coesão Recorrencial: tem por função levar adiante o texto, articulando informação nova à velha. Ocorre por meio da recorrência de termos, paralelismo, paráfrases;

3. Coesão Sequencial: *stricto sensu* tem a função de fazer o texto progredir. Difere-se da recorrencial por não retomar itens, estruturas. Pode ocorrer por:

a) **Sequenciação temporal** – embora todo texto coeso tenha uma sequenciação temporal já que a coesão é linear, o termo é usado em seu sentido estrito: para indicar o tempo do “mundo real”. Pode ser obtida por: ordenação linear dos elementos (*levantou cedo, tomou banho, saiu*); expressões que assinalam a ordenação ou continuação das sequências temporais (*primeiro* vi a moto, *depois* o carro); partículas temporais (não deixe de vir *amanhã*), correlação dos tempos verbais.

b) **Sequenciação por conexão** – refere-se à interdependência semântica e/ou pragmática entre os enunciados, expressa por operadores dos mais variados tipos.

Observamos que a coesão é responsável não só por interligar itens, mostrando que tal referente é ou não conhecido, mas também é responsável por fazer progredir o fluxo informacional, estabelecendo, por meio dos operadores, relações semânticas e argumentativas entre as partes do texto.

Para Koch (2005), a coesão referencial está estritamente relacionada com a argumentação já que as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual, que se realizam por meio delas, constituem escolhas do sujeito em

função de um querer dizer. Além disso, ao reativar e reconstruir referentes, formando cadeias coesivas, a referência, “como uma estratégia textual, colabora de forma determinante para a construção de pontos de vista sobre dado tema da conjuntura sócio-histórica-política do mundo” (SILVA, 2008, p. 56), assinalando direções argumentativas, orientando o leitor para a construção de determinada conclusão.

- Entre os inúmeros operadores que sinalizam a argumentação, podemos citar:
- ⇒ **Até, mesmo, até mesmo, inclusive** – operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007);
 - ⇒ **No mínimo, ao menos, pelo menos** – operadores responsáveis por assinalar o argumento mais fraco de uma escala (CABRAL, 2010);
 - ⇒ **E, também, ainda, nem (= e não), não só mas também, tanto.. como, além de... além disso, a par de..** etc. – operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão, isto é, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007);
 - ⇒ **Aliás** – introduz um argumento adicional a um conjunto de argumentos já enunciados, mas o faz de maneira “sub-reptícia”: ele é apresentado como se fosse desnecessário, como se se tratasse de simples “lambuja”, quando, na verdade, é por meio dele que se introduz um argumento decisivo. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 34);
 - ⇒ **Portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente, etc** – operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007);
 - ⇒ **Ou, ou então, quer quer, seja seja, etc.** – operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007);
 - ⇒ **Ou...ou** – operadores que articulam argumentos ou conclusões. Quando articulam enunciados cujos conteúdos são argumentos, eles articulam argumentos que vão na mesma direção e que, pelo fato de, se não funcionar um argumento, funciona o outro, dá à argumentação um caráter mais forte, quase irrefutável. (GUIMARÃES, 2007);

- ⇒ **Mais que, menos que, tão.. como**, etc. – operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos com vistas a uma dada conclusão. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007);
- ⇒ **Porque, que, já que, pois**, etc. – operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007);
- ⇒ **Mas (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.), embora (ainda que, posto que, apesar de (que), etc.)** – operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias. A diferença entre os dois grupos diz respeito à estratégia argumentativa utilizada pelo locutor: no caso do *Mas* ele emprega a “estratégia do suspense”, isto é, faz com que venha à mente do interlocutor a conclusão *r*, para depois introduzir o argumento que irá levar à conclusão $\sim r$; ao empregar o *Embora*, o locutor utiliza a estratégia de antecipação ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado, “não vale” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 35-37);
- ⇒ **Já, ainda, agora** – operadores que têm por função introduzir no enunciado conteúdo pressupostos (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007);
- ⇒ **Um pouco, pouco** – operadores que se distribuem em escalas opostas, isto é, um deles funciona numa escala orientada para a *afirmação total* e o outro, numa escala orientada para a negação total. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007);
- ⇒ **Finalmente, de qualquer modo** – operadores que realizam a *conclusão* de um movimento enunciativo. De um ponto de vista argumentativo, apresentam o interesse em “assegurar coerência final”, colocando os enunciados anteriores como coorientados em relação àqueles que devem servir de conclusão. (MAINGUENEAU, 1997, p. 179);
- ⇒ **Enquanto** - operador que, além de expressar concomitância entre as ações, estabelece uma comparação entre as ações, podendo, ainda, apresentar um valor positivo de um e negativo de outro. Marca, também, uma oposição entre as ações e indica um julgamento do locutor. (CABRAL, 2010, p. 106);

⇒ ***Em primeiro lugar, em segundo lugar, como veremos, neste ponto, no próximo capítulo*** - operadores que organizam o espaço e o tempo textual (MARCUSCHI, 2008, p. 118).

As adolescentes utilizam vários operadores para a construção do seu dizer no blog. O comentário abaixo é um exemplo dos possíveis usos dos operadores:

(5)⁵³

Lorranah -- Rio de Janeiro – RJ – 16
07/07/2010 às 1:09
Bom, posso até ser muito julgada pelo que vou falar, **mas** sou um pouco conservadora, rs. Acho que tudo se deve levar em consideração para chegar ao ponto de falar com os pais sobre dormir na casa do namorado: o tempo de namoro, se os seus pais conhecem os pais dele, se você conhece o seu próprio namorado e **acima de tudo**, a sua idade. Pode até parecer bobeira, **mas** para os pais é muito complicado permitir com ‘facilidade’ que uma filha durma na casa de um namorado, **até pqe**, com isso, eles abrem oportunidade de muitas coisas acontecerem, sendo elas boas ou ruins. **Então**, do meu ponto de vista, é um caso que se deve ser pensado com muita calma antes de chegar ao conhecimento dos seus pais, **até mesmo** para você não aborrecer eles e nem se aborrecer. **Enfim**, eu pensaria bastante antes de tomar essa atitude, **afinal**, não estou dizendo que você não pode dar umas ‘escapadas’ pra casa dele algumas tarde e etc. Boa sorte, beijosmil ;* (grifo nosso).

O texto nos permite observar a importância dos operadores para a materialização das cadeias coesivo-argumentativas e, de tal modo, do posicionamento da produtora: é preciso pensar bastante antes de pedir para os pais para dormir na casa do namorado. Contrapondo argumentos, a adolescente procura, pelo uso do operador *mas*, marcar sua posição argumentativa (*um pouco conservadora*) e a dificuldade dos pais frente ao posicionamento apresentado em outros comentários (*muito complicado versus bobeira*). Por meio do operador *acima de tudo*, a produtora apresenta o elemento que julga mais relevante para tomar a decisão: a idade da menina. O operador *até pqe* (até porque) introduz a justificativa para a dificuldade dos pais (*com isso, eles abrem oportunidade de muitas coisas acontecerem, sendo elas boas ou ruins*); o que a leva a utilizar o operador *então*,

⁵³ Post ***Como convencer minha mãe a me deixar dormir na casa do gatinho?*** (06/07/2010 às 21:32).

que introduz a conclusão sob o ponto de vista da produtora do comentário: *é um caso que se deve ser pensado com muita calma antes de chegar ao conhecimento dos seus pais*. Tal conclusão vem encadeada por mais três operadores: *até mesmo*, que coloca o argumento mais forte para que a garota pense *com muita calma* sobre o assunto (*para você não aborrecer eles e nem se aborrecer*); *enfim*, que retoma sua conclusão, apresentando, desta vez, seu posicionamento pessoal (*eu pensaria bastante antes de tomar essa atitude*); e *afinal*, que introduz também um argumento favorável à conclusão pretendida, embora seja de outra natureza argumentativa, pois não nega a possibilidade de a garota dormir na casa do namorado, mas somente a de os pais dela saberem disto: *não estou dizendo que você não pode dar umas ‘escapadas’ pra casa dele algumas tarde e etc.*

Pelo uso desses operadores, a produtora estrutura um texto de modo a apresentar uma escala argumentativa apregoada pela coesão referencial catafórica para elucidar *“tudo o que se deve levar em consideração para chegar ao ponto de falar com os pais sobre dormir na casa do namorado”*.

Os operadores argumentativos, portanto, desempenham um papel importante na atividade de compreensão e produção textual, não só porque conectam as partes do texto, contribuindo para a sua tessitura, mas também porque são os responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, orientando o interlocutor para certa direção, indicando, ainda, a força argumentativa dos enunciados.

2.2.2 O Conhecimento de Mundo

Koch e Travaglia (2009) comentam que o nosso conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência, podendo ser conceituado como uma espécie de dicionário enciclopédico do mundo e da cultura armazenado em nossa memória em forma de *modelos cognitivos*, “que seriam blocos completos que organizariam nosso conhecimento de mundo em um conjunto bem interligado” (GARRAFA, 1987 apud KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 63).

Entre os diversos tipos de modelos cognitivos Koch e Travaglia (2009) citam:

Frames: conjuntos de conhecimentos armazenados na memória sob um certo ‘rótulo’, sem que haja qualquer ordenação entre eles;

Esquemas: conjunto de conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal;

Planos: conjunto de conhecimentos sobre como agir para atingir determinado objetivo;

Scripts: conjunto de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem;

Superestruturas ou esquemas textuais: conjunto de conhecimentos sobre os diversos tipos de textos, que vão sendo adquiridos à proporção que temos contato com esses tipos e fazemos comparações entre eles. (KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 72-73).

Esse conhecimento de mundo é relevante em toda e qualquer produção textual já que norteia tanto a confecção do texto, como, por exemplo, balanceamento informacional, uso ou não de implícitos, quanto à sua compreensão, como a seleção dos conhecimentos necessários para o estabelecimento do sentido.

Nos comentários do blog *Papo de Amiga*, o conhecimento de mundo é verificado quando as adolescentes, ao escreverem suas produções, tendo em vista a temática da postagem, utilizam-se desses modelos cognitivos para organizarem seu dizer. Se a temática aborda, por exemplo, questões acerca de “como contar para os pais a perda da virgindade”, as adolescentes ativam seus conhecimentos de mundo armazenados sob esse rótulo e buscam não só interpretar as sequências linguísticas do blog com base nesse conhecimento como também, adequando-se a um gênero textual que julgam mais relevante, produzem seu dizer externalizando *esquemas* ou *planos* com o objetivo de expor seu conhecimento acerca da temática e, por meio desse dizer, influenciar o outro a agir de determinada forma perante aquele tema/problema.

2.2.3 O Conhecimento Partilhado

Tendo em vista a importância do conhecimento de mundo para o processo de compreensão e produção textual, faz-se necessário que produtor e receptor tenham, ao menos, uma boa parcela de conhecimentos comuns. Esse grau de similaridade nos conhecimentos vai constituir o *conhecimento partilhado* que determina a estrutura informacional do texto em termos do que se convencionou chamar de dado e novo (KOCH; TRAVAGLIA, 2003). Desta forma, quanto maior for a parcela de similaridade, menor a necessidade de explicitude do texto, pois o receptor será

capaz de suprir lacunas, por exemplo, através das inferências (KOCH; TRAVAGLIA, 2009).

Nos comentários do blog *Papo de Amiga* da revista *Capricho*, o compartilhar de conhecimentos é muito significativo para a confecção e compreensão das produções. Vejamos:

(6)⁵⁴

Letícia ... 14

23/07/2010 16:49

Eu lembro que o meu pai queria que eu me separasse da minha BFF, mas com muita conversa e dialogo, cada um entendeu a sua posição e ele desistiu da ideia.

(7)⁵⁵

Feeeéh • • •

20/02/2010 • 11:25

aconteceu isso cmg tbm --'. Tpw eu fui lanchar e meu pai veio olhar as minhas cvs com meu namorado no msn ,ai no outro dia fui dormir na casa da minha avó e ele e minha mae abriram ate o meu orkut pra fuçar --' eu ashei ridículo pura invasão de privacidade msm ,ainda tive q ouvir um sermao e ver os dois chorando :s

Por meio desses breves comentários, podemos verificar que as adolescentes, partindo do pressuposto de que são um “grupo de iguais”⁵⁶, constroem seu dizer levando em consideração que o outro conhece, ao menos em parte, o problema que está ali sendo exposto, daí a não necessidade de tanta explicitude não só na descrição/explicação da situação vivida pela produtora do texto, como também dos elementos que compõem o texto e que servem para a identificação do grupo como as siglas BFF: *Best friend*; o *Internetês*: cmg = comigo; Tpw = tipo; cvs = conversa; msm = mesmo; os *Emoticons*: :/ = emoticon que expressa aborrecimento, --' = emoticon que expressa frustração, :s = emoticon que expressa confusão.

⁵⁴ Post *O pai da minha amiga quer que a gente se separe* (23/07/2010, às 11:45).

⁵⁵ Post *Meu pai leu minhas conversas de MSN com o gatinho* (10/02/2010, às 11:20).

⁵⁶ Ver item 1.4.

2.2.3.1 O *Topos* e sua relação com o conhecimento de mundo e partilhado

Ponderado desde as Tópicas de Aristóteles, o conceito de *topos/topōi*, utilizado pela Teoria da Argumentação na Língua, pode ser entendido como o conjunto de crenças compartilhadas por uma determinada sociedade e que reforçam a aceitabilidade de determinados argumentos utilizados pelo orador (ZOPPI-FONTANA, 2010). São, portanto, uma representação comum de crenças, um entendimento compartilhado sobre um objeto que, por ser comum a uma coletividade, garante a passagem de um argumento para uma conclusão (SOUZA, 2001), contribuindo para a persuasão do auditório.

Assim, a interpretação de um enunciado se dá por meio da evocação do *topos* utilizado pelo locutor, uma vez que a própria frase contém, em sua significação, uma instrução que consiste em pedir que o interpretante busque o *topos* no qual se fundamenta a argumentação (RYPL, 2010).

Por depender, então, de um compartilhar de crenças, o *topos* vincula-se aos conhecimentos de mundo e aos conhecimentos partilhados entre os sujeitos já que, se esse “lugar comum” não for compartilhado e reconhecido pelos interlocutores, a validação de determinada conclusão poderá ser prejudicada. Essa relação entre *topos* e conhecimentos fica mais explícita quando observamos as propriedades dos *topōi*:

[O *topos*] é universal, ou seja, é compartilhado pelo locutor e seu interlocutor, ou pelo menos apresentado como aceito por uma comunidade à qual pertencem o locutor e o interlocutor, é um lugar comum; [...] o *topos* é geral [...] pois, se é compartilhado, significa que é válido também para um grande número de situações análogas. (SANTOS, 2010, p. 57).

Observamos, de tal modo, que é o *topos*, compartilhado por uma determinada comunidade e identificado por certas opções linguísticas, que assegura os encadeamentos discursivos, dando validade a determinados argumentos de modo que conduzam à conclusão desejada.

Para Cabral (2010), a teoria dos *topōi* tem como preocupação a identificação do ponto de vista argumentativo do enunciador a partir do qual ele justifica determinada conclusão. Neste sentido, a argumentação estaria estritamente vinculada a regras de verossimilhança que determinam o que é aceitável como

verdadeiro em uma comunidade e, assim, passível de levar à determinada conclusão.

Nos comentários do blog, é possível verificar, mais explicitamente, como se materializa a utilização do *topos* para a garantia de determinada conclusão. Nos exemplos (2) e (6), comentados anteriormente, podemos observar que é a crença que vigora em nossa sociedade de que “*quando respeitamos o outro não interferimos em sua privacidade*”, ou ainda, “*que conversando nos entendemos*” que os argumentos das adolescentes são validados: pressupondo que seu interlocutor compartilha desses *topoi*, as produtoras se valem deles para construir seu texto, esperando que o seu interlocutor não só os reconheçam, mas, ativando-os em sua memória, os utilizem como base para os raciocínios necessários para efetivar o percurso entre o argumento e a conclusão pretendida; que, dentre outras formas, poderia ser assim expressa: (2) “*não é certo espionar os outros*”; (6) “*converse com seu pai e você conseguirá convencê-lo a não separá-la de sua amiga*”.

2.2.4 As Inferências

Koch e Travaglia (2009) comentam que a inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos do texto que ele busca compreender e interpretar, ou então entre segmentos de texto e os conhecimentos necessários para sua interpretação.

Para Bentes (2006), a inferência é uma operação necessária para a compreensão de todo texto já que, obedecendo ao *princípio da economia*, o produtor do texto não explicita informações que considera desnecessárias ou redundantes (KOCH; ELIAS, 2009). Cabe, então, ao seu interlocutor recorrer aos seus conhecimentos (textuais, situacionais, culturais, enciclopédicos) e, desse modo, por meio de inferências, estabelecer o sentido do texto. Nesse sentido, podemos dizer que todos os textos assemelham-se a um *iceberg*, pois há “uma pequena superfície à tona d’água (os elementos linguísticos que compõem sua materialidade) e uma imensa superfície subjacente (todos os conhecimentos que necessitam ser ativados para a produção de um sentido)” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 207).

Nos comentários do blog, as produtoras, ao se posicionarem frente à temática, também utilizam o princípio da economia e acabam não explicitando todas

as possíveis relações entre os termos, deixando a cargo do leitor o estabelecimento de tal conexão, inclusive o estabelecimento do *topos* utilizado para justificar e validar a relação argumentos-conclusão.

(8)⁵⁷

Thays BH-MG 15
28/04/2010 19:09

Nossa veey.. já fui obrigada a terminar namoros por causa do meu paai... :(é mtu complicado viiu qdo se tem pais caretaass e antigos!! E o pior de td é ki ainda gosto desse garoto, mas parece ki meus pais naum percebem ki eu tenho opinião... as vezes me sinto como uma garotinha de 3 anos e olha ki já tenho 15 : (:

No comentário (8), observamos que a adolescente espera que o leitor estabeleça a relação não explicitada de que o pai obrigar a terminar o namoro e o pai não deixar namorar correspondem a um pai careta e antigo; e que ter opinião e saber, portanto, se deve ou não namorar, tem uma ligação implícita com sua idade: *as vezes me sinto como uma garotinha de 3 anos e olha ki já tenho 15 :(:(* . Essas conexões se tornam relevantes não só para o estabelecimento da coerência da sequência linguística, mas, principalmente, para a materialização e justificativa do posicionamento da produtora do texto contrário à ação do pai.

2.2.5 Os Fatores de Contextualização

Koch (2006a) comenta que os fatores de contextualização são os responsáveis pela ancoragem do texto, em dada situação comunicativa, contribuindo para a focalização e para a seleção de determinados conhecimentos, imprescindíveis para a interpretação do texto.

São divididos, de acordo com Koch e Travaglia (2003), em: a) **contextualizadores propriamente ditos** que auxiliam na ancoragem do texto em determinada situação comunicativa: assinatura, local, data, elementos gráficos; e b) **perspectivos**, que contribuem para fazer avançar expectativas a respeito do texto: título, início do texto, autor.

No blog, de uma forma geral, os fatores de contextualização têm um papel fundamental, porque toda a produção dos comentários precisa, necessariamente,

⁵⁷ Post **Meus pais não me deixam namorar, e eu não gosto de ficar. Como faz?** (27/04/2010 às 20:45).

conter uma assinatura com o nome real ou fictício que identifica o autor do texto e porque todos os comentários são norteados pela temática da postagem, materializada em seu título. A data e a hora de publicação também são muito relevantes para a leitura e a compreensão dos textos publicados nos blogs, em função de os comentários serem organizados numa cronologia inversa da leitura canônica. Mostramos, a seguir, os contextualizadores em um post:

Título da postagem:

Minha mãe diz que eu sou gorda

Autora, data e hora da postagem:

Postado por Fernanda Bastos em 15-01-2010 às 15:44

Início da postagem:

Nossa! A mãe da J. pega pesado com ela:

Problema apresentado por uma leitora:

“Não sou gorda nem magra, mas minha mãe vive me dizendo que eu tenho que emagrecer e ainda por cima fala que não sabe o que o meu namorado viu em mim. Fico mal, mesmo gostando de ser como eu sou. Estou louca para fazer 18 anos e sair de casa logo.”

Comentário do blog *Papo de Amiga*:

Ai, ai, ai. NINGUÉM MERECE mãe que joga contra, né? Que coisa! Querendo ou não, opinião de mãe é um negócio que pesa um monte. A gente pode fingir que não está nem aí, mas a real é que quando temos o apoio e a aprovação delas ficamos mais seguras e a vida parece ser mais fácil. Por outro lado, dói demais quando elas resolvem complicar o nosso caminho.

A mãe da J. pode ser só mais uma dessas mães neuróticas com a estética que ficam regulando cada caloria consumida pela filha sonhando que um dia a pequena possa estampar uma capa de revista. Se for esse o caso, sente com ela para uma conversa séria. Diga que você está comprometida com a sua saúde, mas não tem nenhuma intenção de se submeter a uma dieta infinita só para ter uma cinturinha de modelo. Mostre que a vida é muito mais do isso e que você está feliz com o seu corpo. Vale também dar para ela as reportagens da CAPRICHÔ sobre os perigos dos distúrbios alimentares (como aqui, ali e lá).

Se nem assim ela sair do seu pé, o melhor é praticar o doloroso exercício de deixar as críticas entrarem por um ouvido e saírem pelo outro. É praticamente um treinamento zen, mas uma hora fica automático e você não vai nem ligar.

Agora...se ela for daquelas que parece ter como esporte preferido colocar a filha pra baixo, a J. tem um problemão. E eu lamento muitíssimo porque não é nada fácil lidar com uma mãe assim. Apesar de achar que as melhores soluções para esses tipos de conflito surgem de longas e sinceras conversas, entendo que nem toda relação tem espaço para isso. Daí, o melhor mesmo é tentar

manter uma certa distância, evitando brigas e discussões, deixando bem claro que essa é uma batalha que ela está lutando sozinha. O mais importante, J., é não deixar essas críticas abalarem sua autoestima. Você se gosta, está feliz e tem um namorado legal. Não se esqueça disso nunca. E enquanto espera seus 18 anos, comece a fazer planos concretos para conseguir sua independência. É uma maneira positiva de canalizar a sua mágoa!
Tem mais gente por aí com mãe que joga contra? Conta!

Beijo

Assinatura *Papo de Amiga*:

Fê

Identificação da autora do comentário:

Juh • • • 12

Data e hora da postagem:

13/03/2010 • 22:10

Comentário:

A uns 6 meses atras eu ja tava entrando na obesidade morbida e entao a medica resolveu me dar sibutramina[remedio pra diminuir o apetite]e tomando ele emagreci ums 8 quilos em 6 meses ,e agora estou mais magra e agradeço minha mae por me ajudar,mas tipo agora quando eu fico com uma barriguinha amis ou como um pedaço d chocolate ela fica falndo q eu vou engordar e vou ficar gorda de novo e assim fico ate sem apetite..

Identificação da autora do comentário:

alyne • São Paulo • SP • 14

Data e hora da postagem:

02/02/2010 • 18:36

Comentário:

Aii amore eu tenho o mesmo problema minha mãe fala a mesma coisa so que ela fala ao contrario que voce ela fala que eu tenho que emagrecer e ainda fla que eu não vo arruma namorado nuuunca fiko mto pessima e as vezes chego até chora pq é mto ruim mesmo escuta de uma mãe que voce esta gorda em vez dela te apoiar não ela deixa voce mais pra baixo =/

Essa postagem exemplifica a estrutura padrão dos contextualizadores em nosso corpus e sua relevância, pois é preciso ressaltar que, além do que já comentamos anteriormente, a presença dos contextualizadores permite que as adolescentes possam se referir a comentários específicos, citando nomes das autoras e datas de comentários postados, influenciando, portanto, na maneira como se dá a interação entre elas.

2.2.6 A Situacionalidade

Costa Val (1994) comenta que a situacionalidade diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre, isto é, a adequação do texto à situação sócio-comunicativa.

É por isso que, para Koch e Travaglia (2003), se a condição de situacionalidade não ocorre, o texto tende a parecer incoerente, porque o cálculo de seu sentido se torna difícil ou impossível. Nesse sentido, Koch (2006a) lembra que a situacionalidade pode ser considerada em duas direções:

a) refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para uma situação comunicativa em curso ou passível de ser reconstruída. É o modo como o contexto imediato da situação, o entorno sócio-político-cultural interfere na produção/recepção do texto, determinando, inclusive, no grau de formalidade, na variedade linguística a ser utilizada, etc

b) o reflexo situacional verificado tanto na produção quanto na recepção textual, uma vez que tanto produtor quanto receptor buscam construir e analisar o texto de acordo com suas experiências, objetivos, crenças, isto é, com o seu modo de ver o mundo.

Nos comentários do blog, também conseguimos visualizar como a situacionalidade interfere na produção e recepção textual, isto porque as adolescentes produzem e interpretam os comentários em conformidade com seus propósitos, convicções, perspectivas, adequando suas produções ao contexto de interação, ou seja, tendo em vista que a interação entre os membros dessa comunidade ocorre virtualmente por meio de um *hipergênero digital* o qual, embora esteja vinculado a uma instituição midiática, não possui a formalidade como característica fundamental, a linguagem utilizada nos textos é, automaticamente, menos monitorada e mais informal, com emprego, inclusive, das *netiquetas*⁵⁸, do *Internetês* e dos *emoticons*.

⁵⁸ Na comunicação mediada por computador (CMC), há certas regras de etiqueta que o usuário deve saber antes de iniciar uma interação *online*, como por exemplo: não usar caixa alta (a não ser que pretenda evidenciar alterações entonacionais e prosódicas da fala); se identificar, usar *emoticons* (ícones para expressar emoções) para minimizar a ausência do contexto; entre outras; tudo em prol de um bom comportamento interacional no convívio virtual na Internet.

2.2.7 A Intencionalidade e a Aceitabilidade

Como comenta Antunes (2005), produzir um texto é uma atividade intencionalmente definida já que o produzimos para obter determinado fim, para cumprir um determinado objetivo. É por isso que, para Bentes (2006), nenhum dizer é simplesmente um dizer, já que está sempre permeado de intencionalidade, revelando a forma como os sujeitos usam os textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados.

Desta forma, a intencionalidade está estritamente relacionada à argumentatividade uma vez que a opção por determinada estruturação textual e lexical (adjetivo, advérbio, operadores) revela certas intenções e posicionamentos do autor do texto.

O texto é constituído [...] por meio de um processo dinâmico de produção [...] Nele, há um jogo constante de intersubjetividades e confrontos. O locutor, ao falar, dirige-se a alguém e o faz com determinadas intenções e, assim, a cena da enunciação engloba também o interlocutor, que está presente [...] ou por ele é pressuposto, de modo que lhe é afeto um fazer interpretativo das intenções do locutor. Para que suas intenções tenham o direcionamento interpretativo desejado, o locutor deve usar uma argumentação cuja força persuasiva seja suficiente para convencer o interlocutor. (CORDEIRO, 2007, p. 38-39).

A aceitabilidade é a contraparte da intencionalidade. Diz respeito, nas palavras de Koch e Travaglia (2003), à atitude cooperativa⁵⁹ dos sujeitos que, frente a um dizer, buscam participar da interação em curso, aceitando a manifestação linguística como um texto coesivo e coerente, compartilhando, por fim, o propósito comunicativo. Como comenta Charolles (2002), geralmente, o receptor de um texto sempre dá um crédito de coerência ao emissor: supõe que sua produção é coerente e se empenha em reconstruir a lógica de seu texto, recobrando lacunas, fazendo deduções, enfim, colocando a serviço da compreensão do texto todo conhecimento de que dispõe. Desta forma, tendo em vista que o produtor do texto tem um projeto de dizer e o interpretador, por sua vez, tem uma participação ativa na construção do sentido, ambos são vistos como “‘estrategistas’ na medida em que, ao jogarem o

⁵⁹ A intencionalidade e a aceitabilidade são as duas faces constitutivas do princípio de cooperação de Grice e, nesse sentido, decisivas para o estabelecimento da coerência.

‘jogo da linguagem’ mobilizariam uma série de estratégias com vistas à produção do sentido desejado” (KOCH, 2006b, p. 19).

Podemos verificar, no fragmento a seguir, que a autora estrutura seu comentário (textual e lexicalmente) de modo a materializar sua intencionalidade: fazer com que as outras leitoras aceitem seu ponto de vista e ajam do modo sugerido: *contar para os pais sobre a opção sexual*.

(9)⁶⁰

FeE_Liiz • smo • SC • 14

13/04/2010 • 21:18

<http://feeliiz.blogspot.com/>

Bah, isso é complicado, mas bi, lésbica, gay ou hétero, com a maioria dos pais sempre é barra essa coisa de sexualidade dos filhos. Muitos pais não estão prontos pra ouvir: pai, sinto atração por garotas, pq a maioria tb nunca está pronta pra ouvir: pai, já sinto atração por alguém. Não sou lésbica, mas, se fosse, contaria para os meus pais. Não é uma escolha, não é algo que se possa controlar. Atração, sentimento, não podemos mandar nisso ou com quem vai acontecer. Dá pra entender pq uma menina decide ser lésbica ou bi, gostamos naturalmente de quem é parecido conosco, então é mto fácil acontecer de gostar de uma pessoa do mesmo sexo. Explique tudo isso pros seus pais. Eles podem te fechar a cara, fazer mil promessas dq vc ficará para sempre de castigo, e podem até passar anos não aceitando a situação. Mas, cedo ou tarde, vão aceitar. E se não aceitarem, vc sabe q n vai terq obedecer eles a vida inteira. Eles são nossos pais, tem o direito de não nos deixarem namorar. Mas o direito de não aceitar quem somos e como somos, isso nem nossos pais tem.

Destarte, observamos que a intencionalidade e aceitabilidade são fatores importantes para/na construção das produções do blog, uma vez que as adolescentes não só pressupõem que o outro participa do jogo linguístico, buscando ver tal sequência como um texto dotado de sentido e relevante para a interação em curso, mas igualmente que, por meio daquele dizer, é possível orientar, argumentativamente, as outras leitoras, fazendo com que elas admitam a conclusão pretendida e adotem um determinado modo de agir frente ao problema ali postado.

⁶⁰ Post *Tenho uma namorada e não sei como contar para os meus pais* (13/04/2010 às 18:29).

2.2.8 A Informatividade

De acordo com Costa Val (1994), a informatividade é responsável por determinar a seleção e o arranjo da informação no texto, designando em que medida os materiais linguísticos apresentados são esperados/não esperados, conhecidos/não conhecidos no plano conceitual e formal. Assim, um texto será tanto menos informativo, quanto maior a previsibilidade, e tanto mais informativo quanto menor a previsibilidade (KOCH; TRAVAGLIA, 2003).

Nesse sentido, é preciso que, na construção de um texto, o autor equilibre informações dadas e informações novas, pois, se apresentar unicamente informações novas, o leitor não consegue estabelecer o sentido do texto, pois lhe faltam âncoras para o seu processamento. Além disso, se o texto contiver apenas informações conhecidas, ele não apresenta progressão, tornando-se um texto desinteressante para o leitor. (KOCH, 2006a).

É por isso que, para Costa Val (1994), o texto com um bom índice de informatividade precisa conter uma suficiência de dados, ou seja, precisa apresentar todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido que o produtor pretende. É preciso também que realize, adequadamente, os dois movimentos responsáveis pela organização da continuidade informacional: “*retroação*, por meio do qual se retoma a informação anteriormente introduzida, que vai servir de ancoragem para o movimento de *progressão*, responsável pela introdução de uma informação nova” (KOCH, 2006a, p. 41).

Nos comentários do blog, observamos que as adolescentes, visando construir uma produção dotada de sentido e relevância para a interação e para a realização de suas intenções comunicativas, buscam balancear as informações, mesclando dados já conhecidos – seja por meio da catáfora e anáfora, seja pela intertextualidade e/ou polifonia – com dados novos que, mais particularmente, apresentam o posicionamento da produtora do texto. Vejamos:

(10)⁶¹**beemk** • SC Sul • SP • 14

19/01/2010 • 14:33

<http://twitter.com/beemk>

Querida J., vc não está sozinha no mundos, pois minha mãe é assim, e às vezes PLOOOOR !!!! Bom, tudo começou por uma gravidez indesejada, certo ? Este pode não ser o seu caso, mas querendo ou não, isso foi super difícil para ela, independente de ela estar certa ou errada. Mas eu, querendo ou não, sou uma consequencia de uma irresponsabilidade dela, então nestes momentos é difícil ser mãe, ainda mais qdo não está preparada. **O meu conselho é o mesmo da Fernanda Bastos: praticar o exercício de entrar por um ouvido e sair pelo outro, e nunca pense nas dificuldades, pois vc não vai conseguir viver pensando negativo, comece a pensar positivo, começando pela sua independencia, tente conversar com a sua mãe nos momentos em que ela estiver super calma,** eu nunca consigo conversar com a minha, pois qdo tomo uma atitude madura ela me diz pra parar, pois não sou capaz! Querida, sucesso na sua vida e que vc consiga passar por essa com toda a força que DEUS dá pra mim, pra vc e muitas outras meninas que passam pelas nossas situações, ou até piores ! Grande Beijo, J. ! (grifo nosso).

No comentário acima, conseguimos observar que a autora do texto retoma, de forma geral, dados já conhecidos: o problema da J (tema da postagem) e o conselho da Fernanda Bastos (mantenedora do blog *Papo de Amiga*), para, por meio dessa retomada, ancorar as novas informações que pretende apresentar e, por meio delas, justificar e fortalecer sua argumentação, deixando transparecer seu posicionamento frente a melhor forma de agir nessa situação: pensar positivo e conversar com a mãe nos momentos em que ela estiver calma.

2.2.9 A Focalização

Estritamente relacionada com as questões do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado, a focalização refere-se à concentração dos usuários, no momento da interação verbal, em apenas uma parte de seu conhecimento, bem como à perspectiva sob a qual são vistos os componentes do mundo textual (KOCH, 2006a). A partir do princípio cooperativo de Grice (1975), Koch e Travaglia (2009)

⁶¹ Post *Minha mãe diz que eu sou gorda*. (15/01/2010 às 15:44).

lembram que, defronte a um texto, ambos os interlocutores vão agir como se estivessem focalizados semelhantemente.

Há vários elementos que podem auxiliar na focalização. No caso do blog, especificamente, podemos citar os títulos de cada postagem que, ao avançarem expectativas sobre o conteúdo do texto e, assim, da temática que está sendo abordada, auxiliam as leitoras-produtoras na seleção de seu conhecimento de mundo, tão necessário não só para a futura produção de seus comentários, mas, igualmente, para a compreensão dos textos já postados.

2.2.10 A Intertextualidade

Barros (1999, p. 34) defende que todo texto pode ser definido como um “tecido de muitas vozes, ou de muitos textos, que se cruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no *interior* do texto” . Para a autora, esse diálogo entre os textos e entre as vozes daria origem, respectivamente, à intertextualidade e à polifonia.

Segundo Fiorin (2006), a intertextualidade é um tipo particular de interdiscursividade na medida em que nela há um texto no qual se encontram duas (ou mais) materialidades textuais distintas. Nesse sentido, Barthes (2011) comenta que “todo texto é um intertexto: outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”⁶². Desta forma, todo texto é heterogêneo e dialoga com textos da cultura anterior e da cultura circundante, constituindo-se como um tecido de citações passadas (BARTHES, 2011).

Logo, todo e qualquer texto possui uma intertextualidade que é a própria condição de existência deles (MARCUSCHI, 2008). Essa intertextualidade, em sentido amplo, é manifestada implicitamente, sendo, também, denominada de interdiscursividade. Além da intertextualidade, em sentido amplo, há, ainda, uma intertextualidade em sentido restrito que diz respeito à relação que um texto mantém com outros previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos, que poderia se manifestar explícita ou implicitamente. A intertextualidade em sentido restrito pode ser de vários tipos, conforme Koch (2003, p. 60-64):

⁶² “[...] tout texte est un *intertexte* ; d'autres textes sont présents en lui, à des niveaux variables, sous des formes plus ou moins reconnaissables: les textes de la culture antérieure et ceux de la culture environnante; tout texte est un tissu nouveau de citations révolues”. (BARTHES, 2011, tradução nossa).

- a) **De conteúdo x de forma/contéudo:** ocorre a **intertextualidade de conteúdo**, por exemplo, entre textos científicos de uma mesma área ou corrente do conhecimento, que se servem de conceitos e expressões comuns; entre matérias de jornais (e da mídia em geral), no mesmo dia ou no período de tempo em que dado assunto é focal; entre diversas matérias de um mesmo jornal sobre tal assunto, entre outras. Tem-se **intertextualidade de forma/contéudo**, por exemplo, quando o autor de um texto imita ou parodia, tendo em vista efeitos específicos, estilos, registros ou variedades de língua, como é o caso de textos que reproduzem a linguagem bíblica, a de determinado escritor ou de um lado segmento da sociedade;
- b) **Explícita X Implícita:** a **intertextualidade é explícita** quando há citação da fonte do intertexto, como acontece no discurso relatado, nas citações e referências, nos resumos, resenhas, traduções, nas retomados do texto do parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo, na conversação. A **intertextualidade implícita** ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-lo na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrase e de ironia;
- c) **Das semelhanças X das diferenças:** Na **intertextualidade das semelhanças**, o texto incorpora o intertexto para seguir-lhe a orientação argumentativa e, frequentemente, para apoiar-se nele a argumentação (por exemplo, na argumentação por autoridade). Na **intertextualidade das diferenças**, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência ou, pelo menos, colocá-lo em questão (paródia, ironia, estratégia argumentativa da concessão ou concordância parcial);
- d) **Com intertexto alheio, com intertexto próprio ou com intertexto atribuído a um enunciador genérico** (provérbios, voz social): ao seu usar um provérbio produz-se uma ‘enuncação-eco’ de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio, cuja verdade é garantida pelo enunciador genérico, representante da opinião geral, da ‘vox populi’ do saber comum da coletividade.

Vemos que a intertextualidade revela-se como um importante fator na construção da *rede de relações* que é a textualidade (FRASSON, 1992). Interligada à intencionalidade, a intertextualidade torna-se um poderoso recurso de argumentação, já que um texto remete a outro para defender as ideias nele contidas ou para contestar tais ideias:

A intertextualidade revela-se como recurso de argumentação sempre que a utilização da palavra do outro servir de argumento a uma tese que está sendo defendida. Uma citação, uma alusão, um efeito de polifonia, uma paráfrase, uma paródia, uma apropriação são, entre outros, elementos capazes de se revelar argumentativos, auxiliando a determinar a orientação a ser dada na leitura ou na produção de textos. (FRASSON, 1992, p. 90-91).

Reconhecer, então, o texto-fonte ao qual o locutor faz remissão e identificar se essa remissão é consoante ou dissonante torna-se um importante recurso para a identificação da intenção do locutor e da função argumentativa do intertexto.

No caso do blog, a intertextualidade é um fator fundamental para a construção dos textos opinativos, pois a retomada de um texto na nova produção pode servir de argumento a uma ideia que se defende, contribuindo para a força argumentativa e para a concretização dos propósitos comunicativos da produtora do texto, como podemos verificar no comentário a seguir:

(11)⁶³

Amanda •• RS •

03/10/2009 • 22:21

[...] **sou totalmente a favor do sexo depois do casamento**, mas isso nao é uma opiniao machista, do seculo 19, é uma vontade minha, afinal casar é um passo muito importante na vida, e seu casar vai ser com o cara q eu escolhi pra ser feliz enquanto der [...] – (grifo nosso)

ma •• SP •

03/10/2009 • 21:13

é mas se essa menina esperasse até o casamento ela não iria se arrepender porque estaria com o cara da sua vida.por isso **sou totalmente a favor de sexo só depois do casamento.** – (grifo nosso)

Nos comentários acima, conseguimos verificar que, orientadas pela temática da postagem, as adolescentes posicionam-se e constroem sua argumentação a favor do “*sexo depois do casamento*” partindo de um *já-dito* que pode ser exemplificado, dentre os vários textos que circulam em nossa sociedade, por:

[...] Assim, **no plano de Deus** a vida sexual só tem lugar no casamento. São Paulo há dois mil anos já ensinava aos coríntios: “*A mulher não pode dispor do seu corpo: ele pertence ao seu marido. E também o marido não pode dispor do seu corpo: ele pertence à sua esposa*” (1 Cor 7,4). O apóstolo não diz que o corpo da namorada pertence ao namorado, e nem que o corpo da noiva pertence ao noivo. A união sexual só tem sentido no casamento, porque só neste existe um “comprometimento” de vida conjugal, vida a dois, no qual cada um assumiu um compromisso de fidelidade com o outro, para sempre, diante da comunidade e diante de Deus. (AQUINO, 2007).

⁶³ Post **Como contei para os meus pais que perdi a virgindade** (02/10/2009 às 18:44).

Vemos, desta forma, quão importante é a intertextualidade para o encaminhamento discursivo dos textos do blog, pois ela não se resume a uma simples presença do outro no texto, mas apresenta também uma postura ideológica, um trabalho de absorção e transformação de outros textos com vistas a, por meio deles, atingir determinados objetivos (FRASSON, 1992).

2.2.10.1 A polifonia⁶⁴

Koch (2003) comenta que Ducrot trouxe o termo polifonia para o interior da pragmática linguística para designar, dentro de uma visão enunciativa do sentido, as diversas perspectivas, pontos de vista ou posições que se representam nos enunciados. Ducrot (1987) visava contestar a *unicidade do sujeito falante*, mostrando que o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas põe em cena certas vozes que podem (ou não) representar perspectivas diferentes.

Neste sentido, textos polifônicos são textos em que se pode evidenciar, claramente, o dialogismo. “São textos em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem” (BARROS, 1999, p. 36). Essa dialogia interna, materializada pela confrontação das mais diversas vozes ali expressas, é que construirá o sentido do enunciado (GUIMARÃES, 2007). De tal modo, é importante distinguir, em uma enunciação, três tipos de personagens: o sujeito empírico⁶⁵, o locutor e os enunciadores.

É preciso distinguir o locutor enquanto tal e o locutor enquanto ser no mundo. O primeiro (L) é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade. O segundo é uma pessoa “completa”, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado (DUCROT, 1987, p. 188).

[...] o sentido do enunciado, na representação que ele dá a enunciação, pode fazer surgir aí vozes que não são as de um locutor. Chamo ‘enunciadores’ estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p. 192).

⁶⁴ O conceito de polifonia foi introduzido, inicialmente, por Bakhtin para caracterizar o romance de Dostoiévski.

⁶⁵ O sujeito empírico é o ser no mundo, autor do enunciado, e sua determinação não diz respeito ao linguista semânticista, a quem interessa especificamente o sentido do enunciado, o que o locutor diz. (BARBISAN, 2007, p. 123).

Temos, então, dois tipos de polifonia (DUCROT, 1987): **a) a polifonia entre locutores**: quando, no mesmo enunciado, se tem mais de um locutor – correspondendo, neste caso, ao que Koch (2003) denominou de intertextualidade explícita; e **b) a polifonia entre enunciadores**: quando, no mesmo enunciado, há mais de um enunciador que representam perspectivas diferentes, sem necessidade de se servirem de textos efetivamente existentes (recobre, neste caso, em parte, a intertextualidade implícita, sendo, porém, mais ampla).

Por esse viés polifônico, a argumentação passa a ser descrita, por meio dos vários posicionamentos possíveis do locutor, perante as vozes que dialogam em seu enunciado, isto é, o locutor pode ou não se identificar com o ponto de vista apresentado pelo enunciador. Há marcas que demonstram a adesão ou não do locutor com o ponto de vista do enunciador e que, para Koch (2003), podem ser representadas, no primeiro caso, pela marcação de pressuposição, certos tipos de parafraseamento, argumentação por autoridade⁶⁶; e, no segundo caso, pela negação, determinados operadores argumentativos, operadores concessivos, aspas de distanciamento, entre outros.

No blog também há utilização da polifonia, em especial, pelo uso da negação, que favorece a posterior materialização de um contra-argumento, aqui entendido como “qualquer idéia mencionada no curso de uma argumentação, que direta ou indiretamente enfraqueça o ponto de vista defendido pelo proponente de um argumento” (LEITÃO; ALMEIDA, 2000, p. 355).

(12)⁶⁷

carol • • •

03/10/2009 • 15:31

Sou a carol dos texto 'power pink' haushuas, respondendo pra Fernanda Bastos, Fê tudo bem que tem familias que parecem que vivem no seculo 19 mas porque isso acontece? porque as mulheres dessas familias aceitam as restrições impostas sobre a liberdade sexual das mulheres desde do inicio da era, mas se nos mulheres pararmos com esse absurdo não existirá mas familias assim, e discutir sobre sexual alem de ressaltar nossa liberdade moral e sexual, ajuda em muitas coisas como levar informação pra muitas

⁶⁶ De acordo com Koch (1987), a autoridade polifônica é um argumento que é apresentado como sendo produzido por um outro enunciador, diferente do locutor, de modo que este, embora o “mantenha”, prestando-lhe um certo grau de adesão, não assume a responsabilidade direta de tê-lo dito. É o que acontece com asserções introduzidas por expressões como *talvez*, *parece que*, ou pelo futuro do pretérito do estilo jornalístico.

⁶⁷ Post **Como eu contei para os meus pais que perdi a virgindade** (02/10/2009 às 18:44).

meninas que pensaram varias vezes antes de transar sem camisinha ou ate mesmo transar. Temos que lutar pra que essas familias do seculo 19 evoluam afinal não estamos mais nesse seculo ;) VIVA O SECULO 21. Bj.

Amanda •• RS •

03/10/2009 • 22:21

puxa vida Carol, virgindade é so o simples fato de romper o hímem? CARAMBA que falta de sensibilidade! transar pela primeira vez vai muito alem disso, é experimentar coisas novas, conhecer o seu corpo e sentir prazer, a V. super corajosa, vem e se expoe contando sua história e voce vem assim, na cara dura "TRANSAR SÓ SIGNIFICA ROMPER O HIMEM' aaaah, francamente ne?? tudo bem estamos no seculo 21, estamos sempre lutando pelos nossos direitos, e concerteza, para as mulheres vai ser assim ate o resto de nossas vidas. a V. amava o namorado e quis perder a virgindade com ele PONTO, **nao** qer dizer q pq ela perdeu a virgindade, tambem vai estar pronta para contar para os pais, nao é bem assim. sou totalmente a favor do sexo depois do casamento, mas isso **nao** é uma opiniao machista, do seculo 19, é uma vontade minha, afinal casar é um passo muito importante na vida, e seu casar vai ser com o cara q eu escolhi pra ser feliz enquanto der. acho um absurdo aquelas pessoas que conhecem uma pessoa e na mesma noite ja estao trasando. POXA MULHERADA CADE O RESPEITO A SI MESMO? O AMOR PROPRIO? cada um pensa de um jeito e devemos respeitar as opinioes dos outros. (Grifo nosso)

Pelos comentários exemplificados acima, conseguimos perceber a importância do **não** para a materialização do ponto de vista da segunda produtora e, desta forma, para a orientação argumentativa de seu texto. Como comenta Maingueneau (1997, p. 80), “para Ducrot, os enunciados negativos encenam um choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois ‘enunciadores’ diferentes”. Temos, então, nas duas ocorrências do *não* do comentário da Amanda, uma polifonia de enunciadores:

1º. Não:

E1: Pronta para transar = pronta para contar para os pais.

E2: Amanda – Perder a virgindade não é = estar pronta para contar para os pais.

2º. Não:

E1: *Carol* – Sexo só depois do casamento é uma restrição imposta sobre a liberdade sexual das mulheres; coisa do século XIX = machismo.

E2: *Amanda* – Sexo só depois do casamento é uma escolha, não uma imposição.

Os fragmentos mostram como o uso do não polifônico auxilia para a retomada e, posterior, refutação de uma ideia, contribuindo, igualmente, para a progressão e compreensão desses textos. Confirma-se, portanto, a importância da polifonia para a orientação argumentativa desses enunciados e do blog como um hipergênero favorecedor de tal manifestação.

2.2.11 A Consistência e a Relevância

Giora (1985) defende⁶⁸ que a consistência e a relevância são dois requisitos básicos para que um texto possa ser tido como coerente. Enquanto a consistência está relacionada à veracidade dos enunciados de um texto, ou seja, à sua não contradição, a relevância diz respeito à necessidade desse conjunto de enunciados serem “relevantes para um mesmo tópico discursivo, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como predicando algo sobre um mesmo tema” (KOCH, 2006a, p. 44).

Retomando todas as produções do blog exemplificadas ao longo deste capítulo, vemos que as adolescentes, selecionando o léxico e a estruturação textual que julgam mais adequadas para o tópico em andamento, buscam construir comentários cujos enunciados não sejam contraditórios e que possam ser elucidativos para a orientação argumentativa e para a progressão do fluxo informacional de seu texto.

Observamos que toda a estruturação dos comentários do blog visa produzir um texto que materialize uma tomada de posição valorativa diante da temática em questão e, igualmente, diante das outras ações que o antecederam, ou seja, dos outros comentários, o que requer consistência e relevância nos argumentos. Esse movimento cria um espaço de diálogo no sentido amplo do termo, isto é, a confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação (FARACO, 2003). Além disso, os comentários, por permitirem e proporem esse diálogo, re-alimentam a cadeia

⁶⁸ “A text is coherent if (a) it satisfies the requirement for consistency as argued for in Reinhart (1980); and (b) it satisfies the requirement for relevance” (GIORA, 1985, p. 707-708).

comunicativa, gerando novos comentários, em um diálogo que nunca está concluído, já que sempre está aberto às novas vozes, que, ao se somarem a ele, compõem outros textos e outros sentidos.

Por tudo o que foi exposto, verificamos que os fatores de textualidade são os grandes responsáveis pela tessitura dos comentários do blog, genuinamente argumentativos.

A argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer [texto], já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico, não só de coesão, mas principalmente de coerência textual (KOCH, 1987, p. 23).

Assim, estruturado de modo a contemplar as intenções pretendidas por suas produtoras, os comentários do blog, por meio de determinados recursos linguísticos, materializam sequências linguísticas que não só demonstram a apreensão argumentativa da realidade de sua produtora, mas também, e principalmente, orientam argumentativamente a progressão textual, levando o interlocutor a determinadas conclusões com exclusão de outras.

No próximo capítulo, analisamos mais detalhadamente o *corpus*, demonstrando que a materialização do posicionamento das adolescentes e a busca pela persuasão do outro não se dão, tal qual postulado pela tipologia textual e já verificado em alguns comentários expostos neste capítulo, exclusivamente, via gêneros argumentativos, mas são, igualmente, expressos via gêneros narrativos (relatos) e gêneros injuntivos (comentário prescritivo). Isso é explicado não só pela própria estrutura do blog (*hipergênero constelar*), mas, principalmente, porque, como vimos, a argumentação é inerente à linguagem, ocorrendo, pois, em qualquer sequência linguística.

CAPÍTULO 3

A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DA OPINIÃO NO BLOG PAPO DE AMIGA

Considerações Iniciais

No capítulo anterior, verificamos como os fatores de textualidade contribuem para a tessitura dos comentários do blog *Papo de Amiga*. Neste capítulo nos detemos mais detalhadamente à análise de como as adolescentes constroem sua opinião nos comentários do blog.

Para discutirmos como a opinião se materializa textualmente, abordamos o conceito de gênero e sequência (ou tipologia) textual. Esses conceitos nos permitem verificar como suas produções são estruturadas e quais gêneros as produtoras utilizam para exporem suas considerações acerca da postagem e, desta forma, tentarem agir sobre o outro.

Se observarmos os estudos que versam sobre as tipologias textuais verificamos que, embora não haja uma marcação específica de que a argumentação ocorra exclusivamente em textos argumentativos, os trabalhos se dedicam a analisar a argumentação apenas em exemplares de gêneros da ordem do argumentar. Não encontramos, em nosso levantamento do estado de arte, estudos que trabalhem a argumentação em gêneros compostos, predominantemente, por sequências narrativas, ou expositivas, ou injuntivas ou explicativas, isto é, em sequências que procuram relatar um fato ou ação, descrever um estado ou um ambiente, explicar algo, etc.

Contudo, pelo exposto no capítulo anterior, conseguimos vislumbrar que a argumentação é inerente à linguagem. Desta forma, há, também, argumentação em gêneros que não são compostos por sequências estritamente argumentativas, o que esperamos demonstrar pelas análises dos comentários do blog.

3.1 OS GÊNEROS TEXTUAIS E A MATERIALIZAÇÃO DO DIZER

O estudo dos gêneros discursivos/textuais tem como base os trabalhos de Bakhtin. Para o autor russo, cada campo de utilização da língua “elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Desta forma, todo exemplar de texto observável pode ser

considerado como pertencente a um determinado gênero (BRONCKART, 1999, p. 73) que, por moldar nosso dizer, condiciona nossas escolhas seja sob o ponto de vista do léxico, do grau de formalidade ou da natureza dos temas (MARCUSCHI, 2008).

Os gêneros são, portanto, uma atividade social de linguagem, uma maneira de significar o mundo (RODRIGUES, 2005, p. 166), operando como ponte entre uma atividade mais universal de linguagem (o discurso) e uma peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável (o texto) (MARCUSCHI, 2008). Para Schneuwly (2004), os gêneros desempenham o papel de interface entre os interlocutores, agindo como um ‘megainstrumento’ de comunicação, na medida em que definem o que é dizível e a forma de dizê-lo, condicionando as expectativas do destinatário (preparando-o para determinada compreensão e reação), permitindo ao sujeito enunciador agir, discursiva e eficazmente, numa classe bem definida de situações de comunicação.

São compostos por quatro dimensões essenciais:

[...] os conteúdos que são (que se tornam) dizíveis por meio dele; a estrutura (comunicativa) particular dos textos pertencentes ao gênero; as configurações específicas das unidades de linguagem, que são, sobretudo, traços da posição enunciativa do enunciador; e os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 44).

Como os gêneros estão diretamente relacionados às diversas esferas da atividade humana, a escolha de um gênero em detrimento de outro é, nas palavras de Koch (2006b),

uma decisão estratégica, que envolve uma confrontação entre os valores atribuídos pelo agente produtor aos parâmetros da situação (mundo físico e sociossubjetivo) e os usos atribuídos aos gêneros do intertexto. A escolha do gênero deverá levar em conta os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes. Além disso, o agente deverá adaptar o modelo do gênero a seus valores particulares, adotando um estilo próprio. (KOCH, 2006b, p. 55-56).

É por isso que, para Garcez (1998), a escolha de um gênero e o dizer que nele se materializa estão estritamente condicionados a três diferentes interlocutores: *o real* (palpável, cuja imagem é real), *o ideal ou virtual* (passível de existência), e o

supraindividual ou superdestinatário (um conjunto ideológico, um grupo a que o autor pertence ou pretende pertencer).

Nos comentários do blog, o *interlocutor real* – foco deste estudo – aparece quando, ao construírem seus enunciados, as adolescentes levam em consideração, por exemplo, além da *postagem* inicial feita com base em um problema enviado por uma leitora, os comentários já realizados nesta postagem pela revista *Capricho* e, também, os outros comentários feitos pelas outras leitoras⁶⁹. O *interlocutor virtual* manifesta-se, no momento da produção do texto, quando as leitoras-produtoras consideram todas as adolescentes que leem o *blog*, que não são conhecidas, mas virtualmente presumidas. Além disso, as produtoras têm em mente todas as normas que regem a construção dos enunciados (coesão, situacionalidade, informatividade, etc.), inclusive as *netiquetas* e os padrões ortográficos tradicionais e a ortografia virtual (Internetês) aceitáveis neste espaço. E, por fim, o *interlocutor supraindividual* é toda a ideologia que perpassa o grupo social no qual a adolescente está inserida, bem como a ideologia da comunidade virtual que sustenta o *blog*, no caso, a ideologia da revista *Capricho* que, por sua vez, influencia, por meio do seu dizer, a construção da identidade da adolescente.

Embora estejam sempre sob orientação social e sejam reconhecidos por uma certa estabilidade estrutural, Bronckart (1999) lembra que a situação de comunicação em que se encontra um produtor é, pelo menos em parte, nova ou singular, o que se reflete na maneira como o produtor organiza os tipos de discurso que constituem seu texto e na forma mais ou menos original que emprega os recursos linguísticos. É por isso que, para Rodrigues (2005), todo enunciado moldado em um gênero textual é um evento novo que carrega a postura ativa do falante. Segundo Koch e Elias (2009), os elementos do enunciado nunca são neutros, pois sempre trazem sentidos, visões de mundo de seu produtor que,

⁶⁹ Podemos dizer, assim, que os enunciados produzidos no *blog* estão sempre dialogando, encontrando-se em uma intrincada cadeia de responsividade; o que corresponde, então, à teorização de Bakhtin e Volochinov (1992), para quem os enunciados, ao mesmo tempo em que respondem ao já-dito, provocam continuamente as mais diversas respostas, como adesão, recusa, críticas. Nessa perspectiva, todo enunciado é uma resposta, pois contém sempre, mais ou menos perceptível, a indicação de um acordo, constituindo mais um elo na corrente ininterrupta da comunicação sociocultural (FARACO, 2003).

munido de uma competência genérica⁷⁰, escolhe o gênero que mais se acomoda à situação e à concretização de seus objetivos ilocucionais.

O falante de uma língua seleciona o gênero, bem como a organização sequencial (narrativa, explicativa, descritiva, argumentativa, injuntiva), historicamente determinado e que melhor atenda às suas intenções comunicativas dentro das possibilidades do uso social daquele gênero, nas reais condições em que acontece a produção daquele texto. O falante opera uma seleção dos recursos disponíveis na língua para determinadas condições e finalidades e dá formas diversas aos textos, dependendo de suas condições de produção (CORDEIRO, 2007, p. 112).

Elegidos, então, por interesses específicos, os gêneros são instrumentos de ação discursiva utilizados para a concretização das intenções do produtor que, estrategicamente, elabora seu projeto de dizer selecionando e utilizando determinadas sequências (ADAM, 2008) ou tipologias textuais (MARCUSCHI, 2008) que, para ele, são as mais adequadas para não só descreverem o mundo, como também para apresentarem seus diferentes modos de dar sentido a esse mundo.

3.2 OS GÊNEROS E AS SEQUÊNCIAS (OU TIPOS) TEXTUAIS

Koch (2006b) comenta que todo texto é formado de sequências ou tipos textuais: esquemas linguísticos básicos que entram na constituição dos diversos gêneros. Sua escolha resulta da “correlação entre os elementos linguísticos e as condições de produção, delineadas a partir de processos sócio-interacionistas” (GOMES, 2003, p. 18).

Deste modo, como salienta Travaglia (2002a), todo dizer, seja oral ou escrito, não se realiza fora de um elemento tipológico, que determina ou sobredetermina uma série de elementos na formulação do texto enquanto tal. Portanto, podemos entender a organização linear do texto como o resultado da combinação e da articulação de diferentes tipos de sequências, identificadas como “formas de

⁷⁰ Para as autoras a competência genérica possibilita, aos indivíduos, agirem de forma conveniente nas diversas práticas sociais, já que é essa competência que orienta, por um lado, a leitura e compreensão dos textos e, por outro lado, a produção escrita e oral.

organização lingüística, em número limitado⁷¹, com as quais são compostos, em diferentes modalidades, todos os gêneros textuais⁷²” (BRONCKART, 1999, p. 250). Contudo, é preciso ter claro que não existem tipos puros, já que, na realidade, um texto se define como de um tipo por questão de dominância (TRAVAGLIA, 2002b).

Neste sentido, toda definição e classificação de gêneros que tem como critério de agrupamento as modalidades recorrentes de composição (sequência ou tipos textuais), agrupam-nos tendo em vista a sequência/tipo que representa o esquema fundamental do texto. Como comenta Bronckart (1999, p. 257),

É esse procedimento de classificação indireto que parece ser utilizado quando se fala de gêneros narrativos ou gêneros expositivos. Tais classificações se realizam, de fato, por reagrupamento dos diversos gêneros que têm como tipo principal, no primeiro caso, a narração e no segundo, o discurso teórico monologado. É esse mesmo procedimento indireto que parece atuar quando se fala em gêneros argumentativos ou em gêneros explicativos gerando-se uma classificação por reagrupamento dos gêneros saturados de sequências argumentativas ou de sequências explicativas.

Vistas, então, como estratégias utilizadas para organizar a linguagem, atravessando todos os gêneros para lhe constituir (BONINI, 1999) e organizar internamente (MARCUSCHI, 2008, p. 156), as sequências ou tipologias textuais têm, para Bronckart (1999), um estatuto fundamentalmente dialógico uma vez que seu uso é baseado em decisões interativas, orientadas tendo em vista as características particulares de cada sequência, as representações sobre os destinatários e sobre o fim que se persegue.

Logo, os falantes utilizam, para a construção de seu texto, as sequências/tipos que julgam mais apropriadas para determinada interação e objetivos comunicacionais.

⁷¹ Para Marcuschi (2007) esses tipos textuais são uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais) e que abrangem cerca de meia dúzia de categorias: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e predição.

⁷² É preciso ter claro que não há uma dicotomia entre gênero e tipo textual. Trata-se de uma relação de complementaridade. Ambos coexistem e não são dicotômicos. (MARCUSCHI, 2008, p. 160).

3.2.1 A Caracterização das Sequências e o Agrupamento de Gêneros

Travaglia (2002a, 2002b, 2007) caracteriza as sequências textuais tendo como base vários⁷³ critérios, dentre os quais destacamos: *o conteúdo temático, os objetivos ou função sócio-comunicativa, a posição do produtor e do interlocutor, e as características da superfície linguística do texto.*

A análise dos 1.879 comentários de nosso *corpus* mostrou-nos que há o predomínio⁷⁴, no blog Papo de Amiga, de sequências argumentativas, narrativas e injuntivas. Em função disto, nos detemos na explicação apenas desses tipos. Para fazê-lo de forma sistemática, elaboramos, a partir da leitura de Travaglia (2002a, 2002b, 2007), quatro tabelas: na primeira explicamos o que envolve cada categoria que selecionamos para explicar as sequências; na segunda, explicamos as sequências argumentativas; na terceira, as narrativas; e na quarta, as injuntivas.

Quadro 1 - Especificação das categorias de análise.

| Categoria de análise | Especificação da categoria |
|---|---|
| Conteúdo Temático | O que pode ser dito em dada categoria de texto (a natureza do que se espera encontrar dito em um dado tipo) |
| Objetivos (função sócio-comunicativa) | Atos ou macro-atos de fala |
| Posição do produtor e do interlocutor | Modo como o locutor/enunciador e interlocutor se instauram no texto |
| Características da superfície linguística | Elementos composicionais de formulação da sequência linguística (superfície linguística) |

Fonte: Travaglia (2002a, 2002b, 2007)

⁷³ O autor elenca outros critérios de análise como, por exemplo, a *estrutura composicional* (dimensão do texto, composição deste (texto representativo versus texto expositivo - textos mistos), linguagem composicional (verbal, imagética)); *condições de produção* (quem produz o texto, para quem, quando, onde, o suporte, o serviço, etc.), *tempo referencial* (o tempo da ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica); *tempo da enunciação* (o momento da produção/recepção do texto que pode ou não coincidir com o referencial). Embora tais categorias também sejam relevantes, optamos pelas quatro já mencionadas por acreditarmos que elas conseguem elucidar as principais características das sequências enumeradas.

⁷⁴ Ainda que ocorram em proporções menores, no blog há outros tipos de comentários que acabamos excluindo de nossa análise como, por exemplo, comentários publicados unicamente para expressar a ordem da postagem: “*Fui a primeira*”, “*Fui a segunda*”; ou, ainda, comentários publicados exclusivamente para a divulgação de publicidade: “Visitem meu blog no site [...]”, “Dê uma passadinha no meu blog [...]”.

Quadro 2 - Caracterização da sequência argumentativa.

| Categoria de análise | Forma de manifestação na sequência |
|---|---|
| Conteúdo temático | O que importa (como informação) são as entidades, as proposições e as relações entre estas proposições (sobretudo as de condicionalidade, de oposição, de adição). |
| Objetivos (função sócio-comunicativa) | Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, e, principalmente, a adesão do alocutário, a participação de um certo modo de ver os fatos, os elementos do mundo (por meio do convencimento e da persuasão). |
| Posição do Produtor | O produtor põe-se na perspectiva do conhecer, busca fazer saber. |
| Posição do Interlocutor | O interlocutor instaura-se como ser pensante, que raciocina. |
| Características da superfície linguística | Contêm verbos dinâmicos (de ação), estáticos, enunciativos (de pensar). Utilizam conectores para os mais diferentes tipos de relações: causa, consequência, comparação, comprovação, etc. |

Fonte: Travaglia (2002a, 2002b, 2007)

Quadro 3 - Caracterização da sequência narrativa.

| Categoria de análise | Forma de manifestação na sequência |
|---------------------------------------|--|
| Conteúdo temático | Acontecimentos ou fatos organizados em episódios e ordenados no tempo do mundo real. |
| Objetivos (função sócio-comunicativa) | O objetivo é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos como episódios, a ação em sua ocorrência. |
| Posição do Produtor | O produtor coloca-se na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo, quer contar o que aconteceu, dizer os fatos, os acontecimentos. |
| Posição do Interlocutor | O interlocutor é visto como assistente, espectador não participante, que apenas toma conhecimento, se inteira do(s) episódio(s) ocorrido(s). |

| Categoria de análise | Forma de manifestação na sequência |
|---|---|
| Características da superfície linguística | <p>São constituídos, essencialmente, por verbos dinâmicos, enunciativos (de contar, assistir).</p> <p>Baseiam-se na certeza/verdade, uma vez que os textos dão a conhecer os acontecimentos.</p> <p>Utilização de recursos para marcar o tempo: datas, conectores, substantivos e adjetivos indicadores de tempo (atrasado, adiantado, dia, mês).</p> |

Fonte: Travaglia (2002a, 2002b, 2007)

Quadro 4 - Caracterização da sequência injuntiva.

| Categoria de análise | Forma de manifestação na sequência |
|---|--|
| Conteúdo temático | O conteúdo é sempre algo a ser feito e/ou como deve ser feito. |
| Objetivos (função sócio-comunicativa) | Objetiva-se dizer o que e/ou como fazer uma determinada ação. |
| Posição do Produtor | O produtor fica na perspectiva do fazer, posterior ao tempo ou momento da enunciação. |
| Posição do Interlocutor | O interlocutor instaura-se como aquele que realiza algo que se requer, ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça. |
| Características da superfície linguística | <p>Aparecem auxiliares modais de modalidades imperativas, sobretudo ordem, obrigação e prescrição.</p> <p>São constituídos essencialmente de verbos dinâmicos (de ação) e enunciativos executores de ações (mandar, ordenar, determinar, etc.)</p> <p>Utilizam conectores de sequenciamento de ações (instruções com diversos passos) e de justificativas (para justificar o incitamento feito para determinada ação).</p> |

Fonte: Travaglia (2002a, 2002b, 2007)

Como vimos no item anterior, o predomínio de determinada sequência ou tipo textual determina a forma como os gêneros são agrupados: argumentativos, narrativos, injuntivos entre outros. Dolz e Schneuwly⁷⁵ (2004, p. 51-52) reuniram alguns gêneros tendo como base a sequência tipológica dominante no interior de cada um. Apresentamos, a seguir, uma tabela com o agrupamento proposto pelos autores:

Quadro 5 - Agrupamento de gêneros de acordo com a sequência (tipologia) dominante.

| Domínios sociais de comunicação | Exemplos de gêneros orais e escritos |
|---|---|
| Aspectos tipológicos | |
| Capacidades de linguagem dominantes | |
| Cultura literária ficcional Narrar Mimeses da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil | Conto Fábula Lenda Narrativa de aventura Biografia romanceada Romance [...] |
| Documentação e memorização das ações humanas Relatar Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo | Relato de experiência vivida Diário íntimo Testemunho Anekdota ou caso Autobiografia Relato histórico Biografia [...] |
| Discussão de problemas sociais controversos Argumentar Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição | Textos de opinião Diálogo argumentativo Artigos de opinião Ensaio Editorial [...] |
| Instruções e prescrição Descrever Ações Regulação mútua de comportamentos | Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Comandos diversos Textos prescritivos [...] |

Fonte: Adaptado de Dolz e Schneuwly (2004, p. 51-52, grifo nosso).

⁷⁵ Os dois autores realizam tal agrupamento pensando em sua utilização nos diversos níveis da escolaridade, visando à construção de práticas escolares que promovam, nos educandos, o desenvolvimento das capacidades necessárias para dominar os gêneros agrupados.

Os autores lembram que os agrupamentos assim definidos não são estanques uns em relação aos outros. Como vimos, a escolha de um gênero em detrimento de outro está totalmente relacionada ao propósito comunicativo do produtor do texto. Por conseguinte, para levar a bom termo seus objetivos, ele pode optar por confeccionar seu conteúdo temático, utilizando um ou mais de um tipo textual (*heterogeneidade tipológica*) em um mesmo gênero. Contudo, embora a heterogeneidade seja um fenômeno comum, sempre um tipo textual se sobrepõe aos demais, permitindo classificar um determinado texto como narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo ou injuntivo. Além disso, Dolz e Scheneuwly (2004) diferenciam a *narração* do *relato*. Tal diferenciação baseia-se muito mais na capacidade da linguagem dominante e nos domínios sociais de comunicação de cada um, do que nas características que expusemos na tabela 3.

No próximo item, apoiando-nos nesses agrupamentos de gêneros e nas características das sequências tipológicas dominantes em cada grupo, analisamos os três principais gêneros utilizados para a confecção dos textos opinativos das adolescentes. Para realizar essa análise, selecionamos os comentários mais representativos do *corpus*, ou seja, tendo em vista que a estruturação textual das produções raramente se difere, optamos por analisar os comentários que, ao mesmo tempo que pudessem representar a totalidade do *corpus* em seus principais aspectos, trouxessem também, de um modo ou de outro, algum elemento novo, não contido nos outros comentários da mesma categoria. Propomos a análise de seis comentários de cada gênero (argumentativo, narrativo e injuntivo), em um total de dezoito comentários.

Nosso percurso analítico segue a ordem de leitura do blog, ou seja, uma cronologia inversa, na qual o comentário mais recente é visto antes do mais antigo. Essa ordem é rompida apenas em dois momentos da análise (comentários 15 e 17 deste capítulo), quando o comentário anterior é necessário para a compreensão do comentário mais recente.

3.3 O GÊNERO ARGUMENTATIVO: O COMENTÁRIO ARGUMENTATIVO (STRICTO SENSU)

Propulsionado por uma pergunta⁷⁶, explícita ou implicitamente instaurada no final de cada *post*, ou então, decorrente dos textos já publicados pelas outras leitoras, o *comentário argumentativo (stricto sensu)* é um dos gêneros que as adolescentes utilizam no blog e que, por agrupar-se no grupo dos gêneros argumentativos, tem por objetivo demonstrar, justificar uma tese, ideia ou valor e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese contrária (ADAM, 2008), por meio de sequências argumentativas e/ou contra-argumentos.

Os gêneros argumentativos constituem-se, predominantemente, de enunciados que visam não só definir, explicar ou interpretar, mas, principalmente persuadir pelo oferecimento de razões que convençam (GARCIA, 2006). Apresentam em sua composição, palavras valorativas (positivas ou negativas) e sequências, prioritariamente, formadas por operadores argumentativos⁷⁷ - utilizados com vistas a ordenar os “argumentos e/ou contra-argumentos, opondo um enunciado que está sendo proferido a um *já-dito*” (BONINI, 2005, p. 221).

Além disso, são gêneros permeados de elementos modalizadores que, para Maingueneau (1997), sinalizam o modo como aquilo que se diz é dito e verbos que recaem sobre o ponto de vista atribuído ao enunciador frente ao que diz (reconhecer, confessar, etc) ou, ainda verbos introdutórios de opinião, os quais estão associados valores, como podemos observar pela tabela abaixo:

⁷⁶ Murta (2005, p. 47-48) lembra que a interrogação é uma enunciação construída para suscitar uma resposta, uma vez que é uma forma de interpelar, diretamente, o interlocutor, instanciando-o no discurso a fim de estabelecer com ele um jogo enunciativo. Para a autora, essa resposta, seja ela de natureza linguística ou comportamental, sempre modifica a realidade, posto que sempre tenta levar o interlocutor a realizar um determinado tipo de ação específica. Como veremos ao longo deste capítulo, a pergunta final pode, muitas vezes, determinar o gênero utilizado pelas adolescentes.

⁷⁷ Leitão e Almeida (2000) afirmam que esses enunciados geralmente são introduzidos no discurso por orações concessivas e conectivos de oposição, por exemplo, embora, ainda que, mas.

Quadro 6 - Verbos de Opinião.

| Verbos | O verbo implica um julgamento pessoal fundado sobre uma experiência | O verbo implica uma experiência da própria coisa | O locutor mostra-se seguro quanto à opinião expressa | O locutor apresenta sua opinião como o produto de uma reflexão |
|--------------------------|---|--|--|--|
| Considerar | + | + | + | + |
| Achar, imaginar | + | + | - | - |
| Estimar, julgar, reputar | + | + | + | + |
| Julgar, decidir | + | - | + | + |
| Ter a impressão | + | - | - | - |
| Estar seguro | - | - | + | - |
| Pensar | - | - | - | + |
| Acreditar | - | - | - | - |

Fonte: Adaptado de Maingueneau (1997, p. 89).

Somado a essas características, Adam (2008, p. 233-234) lembra que as sequências argumentativas comportam dois níveis: **1) Justificativo** – no qual o interlocutor é pouco levado em conta e a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados e **2) Contra-argumentativo** – no qual a argumentação é negociada com um contra-argumentador (auditório) real ou potencial e a estratégia argumentativa objetiva uma transformação dos conhecimentos ou persuasão.

Vemos, assim, que optar pelo gênero *comentário argumentativo (stricto sensu)* é uma decisão estratégica das adolescentes já que, por meio deste gênero, essas produtoras tentam não só expor suas considerações acerca da temática em questão, mas, principalmente, convencer o leitor, pela utilização de vários recursos linguísticos, da validade da afirmação ali expressa.

Vejamos como se apresentam essas características do gênero em dois comentários de nosso *corpus*, construídos tendo como base uma postagem cuja temática girava em torno do *como pedir (e conseguir) o aval da mãe para dormir na casa do namorado*.

(14)⁷⁸

Aline 16
08/07/2010 - 16:09

tbm axo muito dificil uma mae deixar dormir na casa do namorado se ela for menor de idade [uma mae sensata, claro].. e quanto ao padastro dela, depende, se ele tbm participa da educaçao dela, eu axo q ele tem direito de mandar nela sim, pois é como se fosse filha mesmo. Bjo*

@MahPilotti – Cianorte – Pr – 16
07/07/2010 – 21:54

Eu acho que pra começar, seu padrasto não tem que gostar ou deixar de gostar. Ele se casou com a sua mãe, mas não é seu pai, apesar de você ter que respeitá-lo como. Segundo. Que idade você tem? Dependendo muito disso e da sua mãe. Conhecendo as mães como elas são, é óbvio que ela não vai deixar dependendo da sua faixa etária, e isso é pelos mesmos motivos que tem no post, e claro, pra evitar que 'o povo fale'. E meninas que dizem "POXA, JÁ TENHO TANTOS ANOS" que não seja acima de 18, querendo ou não, você não é dona do seu nariz. Então, que tal esperar mais uns anos?! Porque eu acho MUITO difícil, quase impossível, uma mãe em sã consciência deixar uma filha ir dormir na casa do namorado. :*

Nos dois comentários acima, conseguimos perceber que, operando sobre o material linguístico que tem à sua disposição, as adolescentes constroem um texto buscando evidenciar seu posicionamento sobre a temática em questão – *dormir na casa do namorado* – e influir sobre o comportamento do outro, fazendo com que ele compartilhe de suas opiniões.

Analisando o texto da Aline, verificamos que, pelo uso do *também*, em: "**tbm axo muito dificil uma mae deixar a filha dormir na casa do namorado**", há a retomada de um *já-dito*, materializado pela ocorrência de uma polifonia de enunciadores, na qual um E1 comenta sobre a dificuldade da mãe deixar a filha dormir na casa do namorado e E2 (Aline) que, concordando com tal dizer, recupera-o, incorporando-o para sustentar a construção do novo ponto de vista que quer defender: *que a dificuldade de dormir na casa do namorado está relacionada à idade e à sensatez da mãe*.

Para construir uma sequência argumentativa que consiga prescrever a adoção de algumas ideias/valores, a produtora seleciona e utiliza diversos recursos linguísticos, entrelaçados em seu projeto argumentativo: (1) verbo de opinião: *Acho*

⁷⁸ Post **Como convencer minha mãe a me deixar dormir na casa do gatinho?** (06/07/2010 às 21:32).

– que implica um julgamento pessoal; (2) indicadores modais: *difícil, claro*; (3) advérbio intensificador: *muito*; (4) operadores argumentativos: que expressam condicionalidade (*se*); que expressam adição (*e*), que expressam conclusão relativa (*pois*).

A opinião pessoal introduzida pelo primeiro *axo* é colocada na escala argumentativa da dificuldade como *muito difícil*, com o advérbio intensificador *muito*, demonstrando o alto grau da dificuldade, que está diretamente relacionada à condição expressa pelo operador *se*, que introduz a proposição base para a discussão da dificuldade: ser menor de idade. É essa proposição que também sustenta a opinião da adolescente sobre a sensatez da mãe, demonstrada pelo modalizador *claro*. O operador *e* é responsável pela progressão textual, trazendo para discussão outro ponto relevante: o direito do padrasto de interferir na educação da adolescente. O operador argumentativo *se* coloca o argumento que justifica a conclusão encabeçada pelo *pois*. A condição expressa é a participação na educação. Logo, ter o direito de mandar ou não está condicionado à participação ou não na educação da garota.

Para justificar seus argumentos, a produtora se vale de *topoi* inferidos nos trechos: (1) “*se ela for menor de idade*” e (2) “*uma mãe sensata, claro*”. Como vimos no capítulo 2, o *topos* está estritamente relacionado aos lugares comuns de uma coletividade que, por ser compartilhado e reconhecido pelos interlocutores, garante a passagem de um argumento para uma conclusão. No exemplo em questão, observamos que, apoiada em algumas das crenças que vigoram em nossa sociedade de que (1) “*peças menores de idade não podem responder pelos seus atos*” e (2) “*pais sensatos devem prezar pela educação sexual e moral de seus filhos*”, há uma autorização e uma validade do comentário, favorecendo, por meio da ativação desses lugares-comuns na memória do leitor, o percurso entre o argumento e a conclusão pretendida.

Quando se posiciona a respeito do papel do padrasto em autorizar ou não tal pedido, a adolescente apóia sua opinião em outro *topos*, que pode, entre outras formas, ser assim expresso: “*quem educa e cuida tem o direito de mandar*”. Portanto, quanto mais educação e cuidado o padrasto dedica à garota, mais direito de mandar ele tem. A produtora também retoma, por meio do pronome *quanto*, uma ideia contida no *post* inicial:

Como convencer minha mãe a me deixar dormir na casa do gatinho?

Postado por Fernanda Bastos em 06-07-2010 às 21:32

A adolescência é assim: filhos querendo crescer depressa, pais tentando de tudo para adiar o processo ao máximo. Às vezes o cabo de guerra é tanto que ficamos até sem coragem de dar o próximo passo. A J. está vivendo um momento desses:

*“Meu namorado tem muito mais liberdade do que eu, ele está acostumando a sair e chegar tarde, a viajar sozinho e já teve namoradas que dormiam na casa dele. Eu estou doida para também poder fazer isto e passar a noite com ele, mas não sei como conversar isso com a minha mãe. Ela é super legal, mas depois que ela se casou de novo nos distanciamos, e eu **ainda desconfio que o meu padrasto não vai aprovar a idéia.**”[...] (grifo nosso)*

A segunda produtora também dialoga com o *post* inicial, não só porque produz um texto dentro da temática discutida, mas porque também retoma a questão do papel do padrasto, visando demonstrar sua desaprovação nesta participação: *“seu padrasto não tem que gostar ou deixar de gostar. Ele se casou com sua mãe, mas não é seu pai”*. Em seu comentário, utiliza articuladores (KOCH, 2006a) que organizam o espaço e o tempo textual: *pra começar* e *Segundo*. Essa organização também demonstra, a nosso ver, a importância que a adolescente atribui aos pontos de vista que quer defender. Pelo *post*, percebemos que a aprovação ou não do padrasto é o último aspecto considerado pela garota que encaminha o “problema”, mas é o primeiro retomado pela produtora do comentário.

Embora utilize o operador *apesar de* para contrapor o argumento que orienta para o respeito que J deve ter pelo padrasto, a produtora do texto nega o direito do padrasto em opinar sobre a questão levantada, afirmando que o casamento não lhe atribui o papel de pai. Contrapõe, pelo uso do operador *mas*, duas proposições (*casou com sua mãe* e *mas não é seu pai*) que orientam para conclusões contrárias: *pode opinar versus não pode opinar*. O conjunto das proposições em que o *mas* aparece conduz, argumentativamente, para a conclusão cuja proposição o operador inicia, favorecendo, portanto, a conclusão de que o padrasto não tem o direito de opinar.

A continuação da argumentação da produtora do comentário é iniciada pelo marcador *Segundo*, que estabelece a coesão textual pela sequenciação temporal, introduzindo o outro ponto que quer discutir: a idade de J e as características de sua mãe (*Que idade você tem? Dependendo muito disso e da sua mãe*). Nesse

momento, a adolescente joga com o conhecimento de mundo, ativando o frame de mãe (*conhecendo as mães como elas são*), que supõe compartilhar com as demais leitoras. Pelo frame são ativados vários conhecimentos, entre eles os de que as mães sempre querem o melhor para seus filhos, se preocupam com eles, são superprotetoras. Esse conhecimento é a base para a colocação dos argumentos que justificam a negativa, que aparecem acompanhados dos modalizadores do campo da certeza *é óbvio* e *e claro: é óbvio que ela não vai deixar dependendo da sua faixa etária, e [...] e claro, pra evitar que 'o povo fale'*.

Em relação ao uso da polifonia, a produtora seleciona e utiliza: verbo de opinião (*eu acho*), modalizadores: *é óbvio, claro, muito difícil, quase impossível, sã*; operadores argumentativos: *mas, então, porque*; sequenciadores: *pra começar [...] segundo*; entre outros, visando construir um texto que não só expresse seu ponto de vista, mas convença o outro da verdade ali propagada.

Além disso, visando, igualmente, enfatizar a importância da idade e da mãe para a permissão (ou não) de dormir na casa do namorado @MahPilotti utiliza os mesmos *topõi* empregados por Aline: (1) “*pessoas menores de idade não podem responder pelos seus atos*” e (2) “*pais sensatos devem prezar pela educação sexual e moral de seus filhos*”. Vale-se, ainda, da intertextualidade para retomar ideias defendidas em outros comentários, para, por meio dela, construir e reforçar sua argumentação.

Uma das ideias retomadas é verificada no trecho entre aspas: “*POXA, JÁ TENHO TANTOS ANOS*”, que, neste caso, trata-se de um “comentário sobre a fala” (BENITES, 2002, p. 65), ou seja, uma reflexão sobre a outra fala, uma síntese do discurso anteriormente realizado, pois enfoca a unidade de sentido de todo um discurso de forma globalizante. Essa retomada globalizante é uma estratégia utilizada pela adolescente, pois ela permite que a produtora reforce a importância da idade, negando as opiniões contrárias às suas, e, ao mesmo tempo, coloque a opinião dela sobre como J deve agir (*que tal esperar mais uns anos?*). Esse “conselho” é introduzido pelo marcador conclusivo *Então*, que retoma os argumentos levantados anteriormente. Essa conclusão justifica-se pelo uso do operador *porque* que coloca em uma escala argumentativa (*MUITO difícil, quase impossível*) a realização do ato de dormir na casa do namorado. Pela escala marca-se a opinião da produtora do comentário, expressa pelo verbo achar (*eu acho*) quanto à irrealização do ato pretendido. Essa negativa, para a qual o estado psíquico da mãe

é um quesito fundamental (*uma mãe em sã consciência*), alicerça-se no frame de mãe ativado antes.

Os comentários apresentados a seguir tratam de um tema considerado polêmico pela sociedade: o sexo na adolescência.

(15)⁷⁹

Beatriz – 15

19/06/2010 - 11:51

Olha eu acho que essa coisa que proibições das religiões são ridículas. ME DESCULPE SE VOCE ACREDITA mas...cara, deus só quer te ver feliz! independentemente da sua religião, todos nós acreditamos numa força maior que é DEUS, você pode chamar de outra coisa mas é igual. Você acha que ele iria te PUNIR por você curtir a vida, amar e ser feliz? me desculpa mas a resposta é NÃO. DISSO EU TENHO CERTEZA. Então aproveite, transe se você quiser, você só tem UMA VIDA.

Mirelle

10/06/2010 - 23:06

Só depois do casamento, e mesmo assim tenho medo. Na bíblia diz que: Os fornicários não entrarão no reino dos céus (fornicar significa: fazer sexo antes do casamento)

Incitados pelo *post* abaixo, os dois comentários foram produzidos visando responder à temática proposta, no entanto, como pode ser visto, desviam-se da preocupação maior da adolescente G – o medo que a mãe descubra que ela e o namorado estão transando – para o medo da punição divina.

Quero transar mas tenho medo que a minha mãe descubra

Postado por Fernanda Bastos em 24-05-2010 às 18:35

Decidir iniciar vida sexual envolve refletir sobre várias coisas. Mas olha o que está mesmo pegando para a G.:

“Eu e meu namorado queremos transar mas tenho medo que a minha mãe descubra.” [...]

⁷⁹ Post **Quero transar mas tenho medo que a minha mãe descubra** (24/05/2010 às 18:35)

Analisando os dois comentários, conseguimos perceber que ambos buscam, novamente, persuadir o outro à adoção de determinada verdade e que Beatriz não só se posiciona perante o *post* inicial como também contra-argumenta com Mirelle e com os outros comentários que também utilizam a religião como justificativa para não transar.

Em seu texto, Mirelle, pretendendo fortalecer e validar seu posicionamento acerca do “*sexo só depois do casamento*”, constrói sua argumentação apoiada em uma ideia que afirma ser disseminada pela bíblia, daí a impossibilidade de contestação: *Na bíblia diz que: Os fornicários não entrarão no reino dos céus*. Logo, “não entrar no reino dos céus” é a punição por transar antes do casamento, da qual ela tem medo. A menção à bíblia, além de ser uma intertextualidade explícita, caracteriza-se como uma citação de autoridade, na qual “o locutor se apaga diante de um Locutor superlativo que garante a validade da enunciação. Geralmente, tratam-se de enunciados já conhecidos por uma coletividade, que gozam privilégio de intangibilidade” (MAINGUENEAU, 1997, p. 100).

Já Beatriz, não compartilhando do mesmo ponto de vista, contra-argumenta, defendendo a tese de que as proibições impostas pelas religiões são ridículas. Para sustentar seu ponto de vista, vai desqualificando os argumentos, ainda que não explicitados, de Mirelle. *ME DESCULPE SE VOCÊ ACREDITA* põe em cena um enunciador que retoma o medo da punição e que conduz à conclusão *r*: não transar antes do casamento; no entanto, outro enunciador é colocado em cena na proposição seguinte, introduzida pelo operador *mas (deus só quer te ver feliz!)*, que conduz à conclusão *não-r*: transar se quiser. Esse enunciado também retoma, intertextualmente alguns textos que circulam na comunidade cristã, dentre os quais citamos, a título de exemplificação, a canção:

Deus Está Agindo

Célio José

Deus está agindo, Deus está curando o teu coração (2X)

Não importa o que passou, os pecados que cometeu

Deus perdoa o pecador, perdoa o pecado teu

Deus dá força e capacita a quem a quem pede com fervor

Derrama graças sem medida, derrama todo seu amor

Deus está agindo, Deus está curando o teu coração (2X)
 Existem coisas nesta vida que nos machucam demais
 Existe um vazio que nada satisfaz
 Dá vontade de desistir dos sonhos que sonhamos
Mas Deus quer te ver feliz Deus quer te ver cantando
 Deus está agindo, Deus está curando o teu coração (2X)
 (JOSÉ, 2011, grifo nosso).

A partir disso, para validar seu argumento, a adolescente atribui a todos a crença em Deus, independente da religião de cada um: *Todos nós acreditamos numa força maior que é DEUS*. Novamente, pelo uso do operador argumentativo *mas* coloca em jogo dois enunciadores: E1 (*you can call it something else*) atribuído à Mirelle e, portanto, conduzindo à conclusão *r*; e E2 (*it is equal*), posição assumida por Beatriz, que conduz a *non-r*.

Há, ainda, o uso da *pergunta retórica* (PLANTIN, 2008), visando fortalecer a argumentação. Por ser uma estratégia que não prima por uma resposta, mas sim afirma ou insinua algo já sabido, a pergunta retórica torna-se um importante recurso linguístico capaz de conduzir o interlocutor a uma reflexão e avaliação do que está sendo comentado: *you think he would PUNISH you for enjoying life, loving and being happy?*. Enquanto pergunta-retórica, a resposta negativa apenas reforça o ponto de vista defendido, ainda mais com a frase seguinte em que a produtora marca sua convicção, seu saber: *DISSO EU TENHO CERTEZA*. O operador *Então* é utilizado para introduzir a conclusão (*take advantage, if you want*), justificada ainda pelo argumento final – *you only have ONE LIFE* – que, dada à unicidade da vida, não deve ser desperdiçada.

É importante ressaltar o uso da caixa alta que a adolescente faz em seu texto. Se nos voltarmos atentamente para as palavras e frases escritas em caixa alta, percebemos que elas demonstram os principais pontos de vista de ambas as produtoras: *SE VOCÊ ACREDITA, DEUS, PUNIR* (Mirelle); *ME DESCULPE, DEUS, NÃO, DISSO EU TENHO CERTEZA, UMA VIDA*. Visto sob essa perspectiva, podemos entender os pontos relevantes que Beatriz considera em seu projeto de dizer.

Mas não é só em temas sobre namoro que as adolescentes utilizam o gênero argumentativo. Tendo em vista um *post* cuja temática era *Meu pai leu minhas conversas de MSN com o gatinho*, as adolescentes também se posicionam, expondo e defendendo seu ponto de vista, utilizando, para tal, o gênero *comentário argumentativo (stricto sensu)*:

(16)

Meu pai leu minhas conversas de MSN com o gatinho

Postado por Fernanda Bastos em 10-02-2010 às 11:20

A C. se descuidou e o pai dela acabou lendo o que não devia:

“Estou saindo com um menino há um tempo e conversamos sempre pelo MSN. Falamos sobre coisas particulares, como o que já fizemos e o que ainda gostaríamos de fazer. O problema é que as conversas ficaram gravadas no meu PC e meu pai acabou lendo. Agora estou me sentindo péssima e não sei o que fazer.”

[...]

Van Hicks. • São Paulo • SP • 15

10/02/2010 • 11:29

Dá pra processar os próprios pais por ler essas conversas? I mean, é a mesma coisa que abrir uma carta que não foi destinada à você. Eu processaria sem piscar os olhos... quer saber da minha vida, pergunta pra mim. Se eu não conto tudo o que eu converso com garotos no meu msn, é porque não é para eles ficarem sabendo. Eles reclamam que a gente não mantém um diálogo digno com eles, mas se a gente conta que beijou 5 numa balada, eles ficam bravos =]

Em uma resposta direta ao *post*, para organizar seu dizer, a adolescente parte de um *topos* comum na nossa sociedade de que “é preciso respeitar os outros para ser respeitado”. Desta forma, quanto menos respeito pelo outro, menos respeito você tem em troca. Logo, o desrespeito demonstrado pelo pai ao ler as conversas no MSN, corresponde ao desrespeito de processá-lo. Essa ideia organiza os três primeiros períodos: *Dá pra processar os próprios pais por ler essas conversas? I mean, é a mesma coisa que abrir uma carta que não foi destinada à você. Eu processaria sem piscar os olhos.* A comparação da leitura das conversas

do MSN, com a abertura de uma carta que não lhe foi destinada, funciona como argumento para a ideia do processo, pois abrir uma carta que não nos pertence é uma violação legal, portanto, passível de processo. Na continuidade, a adolescente estrutura seu texto de modo a construir uma sequência linguística que não só demonstre seu posicionamento, reforçando a tese: “*quer saber da minha vida, pergunta pra mim*” – “*se eu não conto [...] é porque não é para eles ficarem sabendo*” – “*se agente conta [...] eles ficam bravos*”; mas que consiga, igualmente, persuadir o outro a compartilhar da tese defendida, admitindo a conclusão proposta: *não adianta contar nada para os pais (pois eles ficam bravos), mas nem por isso eles devem tentar descobrir algo lendo as conversas dos outros.*

Os posts mostrados até o momento abordam questões presentes da vida das adolescentes, assim, não poderíamos deixar de apresentar um que relacione dois temas recorrentes: problemas com a mãe e com o peso.

(17)

Minha mãe diz que eu sou gorda

Postado por Fernanda Bastos em 15-01-2010 às 15:44

Nossa! A mãe da J. pega pesado com ela:

“Não sou gorda nem magra, mas minha mãe vive me dizendo que eu tenho que emagrecer e ainda por cima fala que não sabe o que o meu namorado viu em mim. Fico mal, mesmo gostando de ser como eu sou. Estou louca para fazer 18 anos e sair de casa logo.”

[...]

Camila • • • 13

19/01/2010 • 13:59

NORMAL? Normal não é! Normal é uma mãe que apoia, e ao mesmo tempo dá uns toques pra não exagerar na comida! E não ofendê-la assim desse jeito! Uma Mãe é pra dar amor e carinho... conselhos. E não explanar a filha com ofensas mediocres!

ana carolina • • SP •

19/01/2010 • 13:07

Normaall, minha mãe me chama de gorda mil vezes por dia!

Como podemos verificar, o texto da Camila foi produzido visando não só se posicionar perante o fato narrado no *post*, mas, igualmente, discordar do comentário produzido pela Ana Carolina, que poderia ser assim retomado:

Ana Carolina: *O comportamento da mãe da J é normal, pois a minha mãe me chama de gorda mil vezes ao dia!*

Acreditamos que, ao duplicar a vogal *a* e a consoante *l* na escrita, que força a uma leitura diferenciada da palavra *normal*, e ao marcar hiperbolicamente a atitude da mãe (*mil vezes ao dia*), Ana Carolina imprime um ar debochado ao seu comentário, cujo significado pode ser visto como: é normal as mães implicarem com as filhas quanto à gordura. Essa parece não ser a leitura de Camila, que vê o enunciado de Ana Carolina como uma afirmação de que ofender os filhos seja uma atitude normal das mães.

Para mostrar a sua não anuência ao fato relatado, Camila inicia seu texto questionando a qualificação, feita pela Ana Carolina, sobre o comportamento da mãe: “NORMAL? Normal não é!”.

Observamos que seu estranhamento e rejeição se materializam não só pelo uso da caixa alta seguido da interrogação, mas, igualmente, pela utilização do **não**, que retomaria a voz de um outro enunciador - no caso, a voz de Ana Carolina -, para, com base nessa retomada, argumentar a favor da tese defendida:

E1: (Ana Carolina): *É normal as mães chamarem de gorda (ofenderem);*

E2: (Camila): *Não é normal as mães chamarem de gorda (ofenderem).*

Essa tese é justificada pela aceção de mãe que Camila defende e evidencia em seu texto por meio do paralelismo (estruturas reutilizadas com diferentes conteúdos) (FÁVERO, 1991, p. 27) e do operador (*e*):

Mãe é (aquela) que apóia e (que) dá uns toques;

Mãe é (aquela) que dá amor e (que) dá carinho.

Além disso, pelo paralelismo do “*e não*”, em: “[...] *E não* ofendê-la assim desse jeito! [...] *E não* explanar a filha com ofensas medíocres!”, Camila, interpreta a concepção de mãe no dizer da Ana Carolina, para, com base nessa interpretação, contrapor, pela polifonia de enunciadores (uso do *não*), duas definições de mãe:

| Camila | | Ana Carolina |
|---|--------------|---|
| Mãe é (aquela) que apóia e (que) dá uns toques (conselhos); Mãe é (aquela) que dá amor e (que) dá carinho. | <i>e não</i> | Mãe é (aquela) que ofende Mãe é (aquela) que enche a filha com ofensas (chama a filha de gorda mil vezes por dia). |

Comparando as definições propostas e pensando ainda nos encadeamentos futuros dessas definições (é normal agir assim *versus* não é normal agir assim), verificamos que as duas argumentações orientam-se a partir da interpretação da Camila, sustentando-se em *topos* antagônicos e graduais:

| |
|---|
| <p>Camila: <i>Mãe que é mãe dá amor</i> —→ quanto mais uma pessoa é mãe, mais amor ela dá; quanto menos uma pessoa é mãe, menos amor ela dá (mais ela ofende);</p> <p>Ana Carolina: <i>Mãe que é mãe ofende</i> —→ quanto mais uma pessoa é mãe, mais ela ofende; quanto menos uma pessoa é mãe, menos ela ofende (mais amor ela dá).</p> |
|---|

Constatamos, então que, Camila demonstra sua perplexidade (corroborada pelo uso do adjetivo *medíocre*) e não anuência ao comportamento da mãe (da J e da Ana Carolina), por meio de um texto argumentativo cuja validação depende do compartilhamento do *topos* mencionado, ou seja, Camila não só espera que seu interlocutor reconheça o *topos* inferido, mas ative-o em sua memória, utilizando-o para efetivar o percurso entre o argumento e a conclusão pretendida que, dentre outras formas, pode ser assim expressa: *mãe que é mãe não faz isso*.

Pelo exposto, observamos que o *comentário argumentativo (stricto sensu)* é um gênero escolhido e elaborado para persuadir o outro à adoção de determinada ideia ou valor. Assim, conhecendo as possibilidades da língua, o sujeito produtor trabalha sobre o material linguístico que tem à sua disposição (léxico, estrutura, *topos*) e confecciona um texto cujo objetivo não se restringe, apenas, à expressão do horizonte axiológico do autor perante a temática postada, mas, sobretudo, que garanta a compreensão, estimulando a aceitação da ideia-conclusão que se quer propagar.

3.4 O GÊNERO NARRATIVO: O COMENTÁRIO (RELATO) DE EXPERIÊNCIA VIVIDA

Outro gênero utilizado no blog para expressar a opinião e, por meio dele, agir sobre o outro, persuadindo-o à adoção de determinada verdade e/ou ação, é o gênero *comentário (relato) de experiência vivida*.

Embora seja constituído, predominantemente, por sequências narrativas, este gênero consegue, por meio do relato ali materializado, expor, implícita ou explicitamente, o horizonte axiológico do produtor, levando, por meio dos prolongamentos futuros da enunciação, à conclusão pretendida.

Como todo gênero permeado por sequências narrativas, o *comentário (relato) de experiência vivida* é marcado pela temporalidade e tem como foco “a representação, pelo discurso, de experiências vividas, situadas no tempo” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 51). Nele há o predomínio de sequências estruturadas em ordem cronológica “que apresentam uma sucessão temporal/causal de eventos [...] entre [os] quais ocorre algum tipo de modificação de um estado de coisas” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 63).

É por isso, então, que são constituídos de verbos que indicam processo ou ação, advérbios de tempo e lugar, conjunções (ou operadores organizacionais (MARCUSCHI, 2008)) como *depois que, em seguida, por fim*, entre outros, que auxiliam na sequenciação e ordenação dos fatos narrados.

Resumidamente, as principais marcas linguísticas deste gênero encontradas nas produções do blog são:

Quadro 7 - Principais marcas linguísticas do *comentário (relato) de experiência vivida*.

| Principais marcas linguísticas | Exemplos ocorridos nos comentários do blog |
|--|---|
| Organização em primeira pessoa (singular ou plural). Essa marca de autoria revela-se na pessoa do verbo e nos pronomes utilizados. | “ Eu perdi o bv aos 6 anos com o garoto mais bonito da minha sala [...]” ⁸⁰ |
| Utilização de advérbios de tempo e lugar, articuladores textuais que contribuem para a organização e sequenciação das ações. | “[...] ficamos mais ou menos umas 2 semanas conversando bem pouco [...] Depois de uns três meses sem ir lá [...]” ⁸¹ |
| Marcação das sensações, impressões do sujeito relator. | “meus pais se separaram faz um tempo, no começo eu achei bem chato , mas depois eu achei beem melhor [...]” ⁸² |
| Introdução de falas (seja por meio do discurso indireto ou direto - marcado por recursos como: dois pontos, aspas). | “[...] vô bem na escola, arrumo meu quarto (99% das vezes) MAS o que minha mãe sempre fala??!! “ É SUA OBRIGAÇÃO! ” [...]” ⁸³ “[...] minha mãe sempre falou: É SEMPRE MELHOR SABER AS COISAS DA SUA BOCA DO QUE DA BOCA DOS OUTROS! [...]” ⁸⁴ |
| Apresentação de marcas do diálogo do relator com o interlocutor. | “[...] Poxa acontece isso comigo tb a minha irmã mais velha faz de tudo para min ficar pra baixo sabe? [...]” ⁸⁵ “[...] desagradável sim, mais fazer o q né. [...]” ⁸⁶ |

Fonte: Autoria própria

Por possibilitar o compartilhar de histórias, sentimentos e perspectivas, é um gênero muito utilizado no blog, tendo em vista que, pelo seu uso, as adolescentes conseguem não só comentar a postagem, deixando transparecer se concordam ou

⁸⁰ Post **Minha mãe me pressiona para eu perder o BV** (05/02/2010 às 11:59).

⁸¹ Post **O pai da minha amiga quer que agente se separe** (23/07/2010 às 11:45).

⁸² Post **Meus pais brigam muito e acho que eles vão se separar** (29/09/2009 às 18:43).

⁸³ Post **Minha mãe não me da liberdade** (06/08/2009 às 11:38).

⁸⁴ Post **Como contar para os meus pais que eu estou namorando?** (23/11/2009 às 17:34).

⁸⁵ Post **Minha irmã me põe para baixo** (05/05/2010 às 19:33).

⁸⁶ Post **Como contar para os meus pais que eu estou namorando?** (23/11/2009 às 17:34).

não com ela, mas, igualmente, expressar sua experiência (argumento mais forte para a validação do seu ponto de vista).

Vejamos esta postagem que aborda a desconfiança da mãe:

(18)

Minha mãe não confia em mim

Postado por Fernanda Bastos em 25-08-2010 às 21:08

É fato que tem mãe que exagera e resolve não sair do pé. Mas será que a culpa é SÓ delas? A história da Y. pode ajudar a gente a entender melhor essa relação que, às vezes, pode ser tão difícil:

“Eu não aguento mais! Minha mãe não confia em mim. Ela não gosta dos meus amigos, fica fuxicando no meu diário, mexe no meu celular, lê os históricos do meu MSN, e quando saio, ela vai atrás de mim. Total invasão de privacidade! Estou sofrendo muito com isso e não sei mais o que fazer. Help!”

[...]

Juliene • Nilteroi • RJ • 14

26/08/2010 • 14:27

no inicio minha mãe era bem piscotica e ficaa me seguindo enchia falando mau dos meus amigos até que um dia eu fiquei tão brava que parei de falar com ela depois de um tempo nenhuma das duas aguento e voltamos a se falar... ai agente convers e combino de ter uma relação mais aberta ai desde então eu sempre explico pra ela exatamente onde eu to e oque vou fazer e ela dexa eu ir com alguns limites é claro.

ide • Belém • PA • 15

25/08/2010 • 22:03

Bom minha mãe tbm me protege d+, o bom pelo q eu estou vendo é que ela não invadi a minha privacidade, ela não gosta de mexer nas minhas coisas... o único problema dela é que ela não me deixa conhecer o MUNDO sozinha.Se que preciso disso pois nem sempre ela vai estar do me lado para me dizer o q devi fazer... Mas ela não entende isso já falei com ela e ela sempre diz a msm coisa " em quando eu puder te proteger eu te protejo" mas ela não entendi q um dia eu vou estar sozinha e não vou pode pedi para ela me ajudar. É isso é bem difícil [...]:

Observamos que as duas produtoras, identificando-se com a temática abordada pelo *post*, produzem um relato visando, por meio de seu texto, explicitar a não anuência ao tema em questão (desconfiança da mãe), persuadindo o leitor ora a concordar com o ponto de vista defendido (comentário da Ide e da Juliene) ora a adotar a ação sugerida e já realizada pelo relato em questão (comentário da Juliene).

Analisando o comentário da Juliene, observamos que ela estrutura seu texto de modo a narrar um episódio marcado por um *antes* de uma determinada ação (ação 1) e por um *depois* de uma determinada ação (ação 2). Tal marcação é realizada por meio de operadores que organizam as sequências no tempo e no espaço textual: *no início*, *depois de um tempo*.

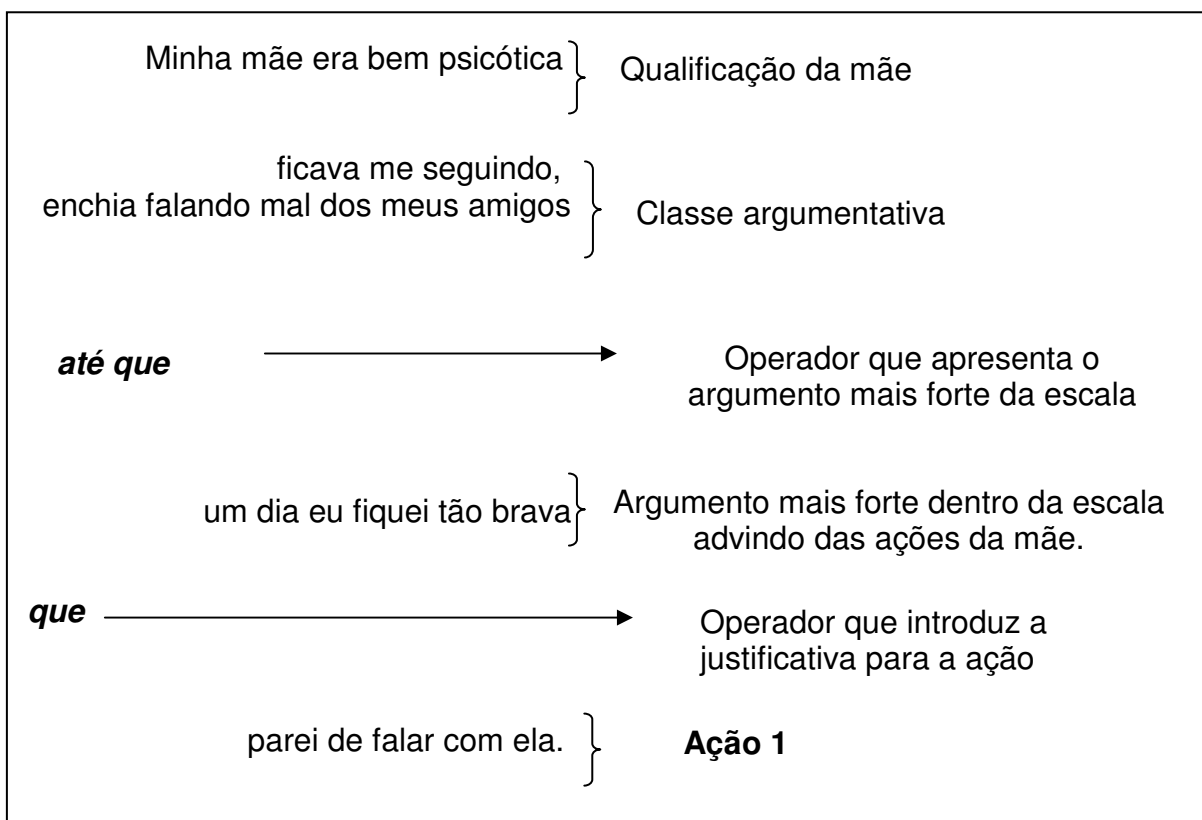
| | |
|--|--|
| Antes | <i>No início</i> minha mãe era bem psicótica [...] |
| AÇÃO 1 – Parei de falar com ela | |
| Depois | <i>Depois de um tempo</i> nenhuma das duas aguentou [...] |
| AÇÃO 2 – “A gente conversou” | |

Analisando a primeira parte do seu comentário (o *antes*), observamos que ele é repleto de pronomes e verbos na primeira pessoa (*minha, me, meus, fiquei, parei*). Tal característica, como já comentamos, é inerente ao *comentário (relato) de experiência vivida* e, por isso, aparece em todo o seu texto.

Além disso, Juliene, visando justificar o porquê da sua primeira ação (*parar de falar com a mãe*), opta por estruturar seu texto de duas formas: primeiramente, escolhendo um advérbio (*bem*) para intensificar o adjetivo escolhido para caracterizar a mãe (*psicótica*), que, pelo seu significado de pessoa alterada, obsessiva, já expressa o ponto de vista defendido: “*minha mãe era bem psicótica*”.

Em segundo lugar, a produtora opta por utilizar uma classe argumentativa para apresentar as razões que a levaram a conceituar a mãe de tal forma e,

conseqüentemente, à desaprovação de sua atitude desconfiada, o que justifica, por fim, a ação 1 de Juliene:



Na outra parte do seu texto (*depois de um tempo*), Juliene apresenta o segundo momento do seu relato: os fatos que aconteceram depois da ação 1, mais especificamente, o resultado dessa ação: “nenhuma das duas aguentou e voltamos a nos falar”, para, com base nele, introduzir a sua segunda ação: “a gente conversou e combinou de ter uma relação mais aberta”.

É pela introdução de sua segunda ação que Juliene espera convencer o interlocutor a aderir a um determinado modo de agir perante o problema postado: *converse com sua mãe*. Tal sugestão é validada não só pelo *topos gradual* (DUCROT, 1989) “conversando a gente se entende” (quanto mais conversa, mais entendimento; quanto menos conversa, menos entendimento), mas, também, pelo resultado satisfatório de seu ato:

| | | |
|--------------------|---|---------------------|
| A gente conversou | → | Ação 2 |
| <i>Deste então</i> | → | Operador Sequencial |
| Ela deixa eu ir | → | Resultado |

Observamos que Juliene persuade, implicitamente, seu leitor a agir igual à forma narrada, visando solucionar problemas similares. Assim, por meio do seu relato, a produtora consegue dar a seu texto um valor testemunhal que legitima seus argumentos, conduzindo o leitor à conclusão pretendida que, dentre outras formas, pode ser: *eu já vivi isso, sei o que estou falando, converse que tudo se resolve*.

No segundo comentário, também percebemos a discordância perante a ação da mãe, contudo opta-se por outra estruturação textual.

Inicialmente, a produtora concorda com um *já-dito* e o retoma por meio do operador *também*: **E1:** Minha mãe me protege demais; **E2: (Ide):** Minha mãe *também* me protege demais, para, com base nele, apresentar o diferencial da sua mãe: “*o bom pelo que eu estou vendo é que ela não invade a minha privacidade, ela não gosta de mexer nas minhas coisas*”.

Esse diferencial, além de ser introduzido por um modalizador (*o bom*) que já avalia positivamente a atitude da mãe, retoma aspectos do *post* (pela utilização do *não*), encenando duas vozes:

NÃO:

E1: (Problema da Y): [...] ela fica fuxicando no meu diário, mexe no meu celular, lê os históricos do meu MSN.

E2: (Ide): *O bom* é que ela *não* invade a minha privacidade, ela não gosta de mexer nas minhas coisas.

Observa-se, assim, que o “problema” da Ide com a sua mãe não se assemelha ao problema do *post* (invasão de privacidade), mas, sim, à proteção exagerada, apresentada tanto no início do texto quanto no fragmento: “[...] *o único problema dela é que ela não me deixa conhecer o MUNDO sozinha*”.

Utilizando a caixa alta no substantivo *mundo*, Ide enfatiza seu significado próprio (o mundo real e não o mundo pelos olhos de sua mãe), destacando, então, a necessidade de conhecê-lo por sua própria experiência (sozinha). Tal necessidade é reforçada pelo verbo “*sei que*” (que expressa uma segurança quanto ao conteúdo exposto) e justificada pelo operador *pois*: “*Sei que preciso disso, pois nem sempre ela vai estar do meu lado para me dizer o que devo fazer*”.

Por meio dessa estrutura, Ide evoca um *frame* relacionado à maleficência da superproteção, buscando, por meio desse conhecimento compartilhado, mostrar ao interlocutor que a superproteção materna gera dependência emocional, comportamental, entre outras, o que a tornaria, futuramente, uma adulta despreparada para a vida.

Destarte, esperando que seu interlocutor reconheça e utilize esse *frame*, Ide busca convencê-lo, por meio do seu relato, que o comportamento da sua mãe não está correto, embora a mãe acredite que esteja: “*mas ela não entende isso [...] e sempre diz a mesma coisa: ‘enquanto eu puder te proteger eu te projeto’*”.

Ao utilizar o discurso direto e aspeado, Ide reforça o posicionamento da mãe, visto que a citação nesse tipo de discurso procura reproduzir as falas relatadas tais como foram ditas. A adolescente mostra, pelo uso do advérbio temporal *sempre*, que o comportamento da mãe é recorrente e inalterável, mesmo com conversas (“*já falei com ela*”); uma vez que sua mãe continuamente assume a mesma posição.

Por fim, destacamos o uso do operador *mas* que resume toda a expressão valorativa do texto:

P: Minha mãe nem sempre vai estar do meu lado para me dizer o que eu devo fazer;

R: Por isso, preciso de liberdade para conhecer o mundo sozinha

MAS

Q: Minha mãe não entendi isso (diz que enquanto puder irá me proteger do mundo);

~R: Por isso, não tenho liberdade

A opinião da Ide em relação ao posicionamento da mãe é expressa de forma conclusiva no final do texto com o uso do advérbio *bem* e do *emoticon* que qualifica, de forma intensiva, a sua discordância.

Percebemos assim que, embora apenas estejam relatando um fato vivenciado, as adolescentes conseguem, por meio do *comentário (relato) de experiência vivida*, revelar sua posição frente ao tema em discussão e agir sobre as outras leitoras, persuadindo-as a compartilharem da tese defendida e/ou aderirem à ação já vivenciada e, por isso, proposta. Vejamos agora estes exemplos que falam sobre a relação pais-namoro:

(19)

Como contar para os meus pais que eu estou namorando?

Postado por Fernanda Bastos em 23-11-2009 às 17:34

Essa dúvida eu já recebi de monte. Parece que bastante gente se atrapalha para contar para os pais que está namorando. É também o caso da I.:

“Estou namorando há um mês, mas até agora não contei para a minha mãe. Minha irmã começou a namorar na mesma época que eu e contou, agora minha mãe vive no pé dela. E agora? Como conto que a filhinha dela cresceu?”

[...]

Táah •••

01/12/2009 • 17:52

Boom , minha mãe sempre falou: É SEMPRE MELHOR SABER AS COISAS DA SUA BOCA DO QUE DA BOCA DOS OUTROS! Desde os meus 12 anos , fico e não fico com um menino do condomínio. Quando fiz 13 aninhos , ele estava com 16. Ele me pediu em namoro. O problema é que eu sempre soube que ele é sem vergonha, galinha sabe? Mas mesmo assim eeu aceitei (decidi dar uma chance) ! Como os pais dele já foram em casa , na casa de praia (no final do ano) e eu vivia na casa dele (por causa da irmã dele) seria mais fácil contar ! Não aguentava olhar para a minha mãe com a NOTÍCIA entalada na garganta! Contei primeiro para a minha vó, e depois eu fui direta: MÃE, EU PRECISO TE CONTAR UMA COISA. EU ESTOU NAMORANDO . No começo ela não acreditou, fez mil perguntas, a ficha não tinha caído ainda. Mas depois ela aceitou normal.Apoiou mesmo sabe? De me levar na casa dele! Maaaas, como eu disse: ele não presta, eu terminei com ele na segunda semana (me deu um BOLO e foi pro shopping com o

amigo e com algumas meninas) . Mesmo assim, não me arrependo de nada, se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo !

Brenda Cerqueira • Salvador • BA • 15

24/11/2009 • 19:28

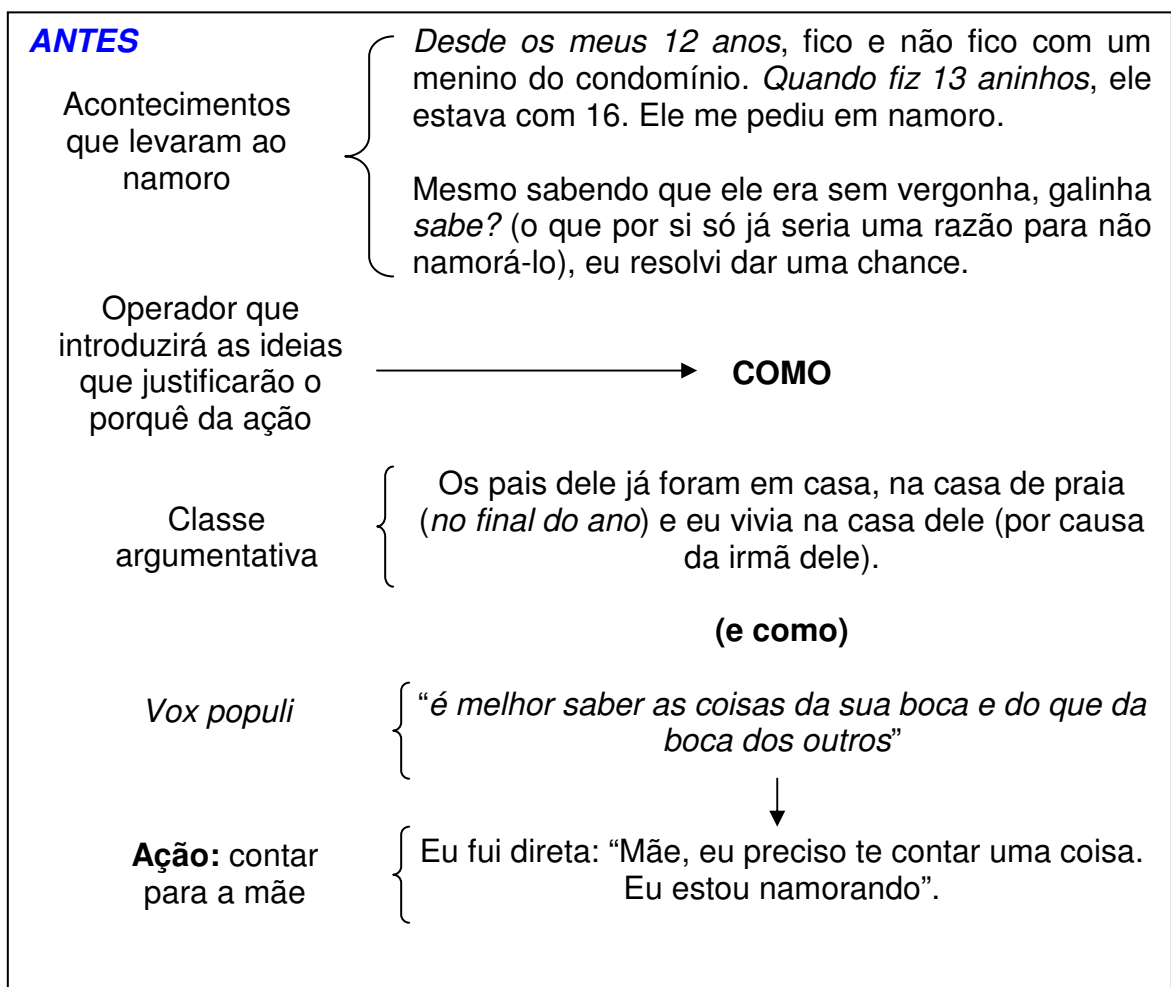
Adorei a matéria, no meu caso contar q estava namorando foi o fim do mundo, eu falei na lata mesmo, mais a reação deles não foram das melhores... eles me proibiram de ver o garoto, tiraram o pc do meu quarto, tomaram meu celular, me fiscalizavam na escola, etc... Foi muito desagradavel, e até hoje (2 anos depois) não tenho a confiança deles pra absolutamente nada! Claro q eu não deixei de viver, de ficar com os carinhas... mais dessa vez é TUDO ESCONDIDINHO. Eles realmente não conseguem entender q eu cresci .-. E sinceramente, eu já desisti de mostrar pra eles q eu não sou mais criança! deixa pra lá, eu vivo minha vida, e eles a deles, desagradavel sim, mais fazer o q né, nem tudo é como agente quer, sonho ainda com o dia q eles me apoiem ... ;x

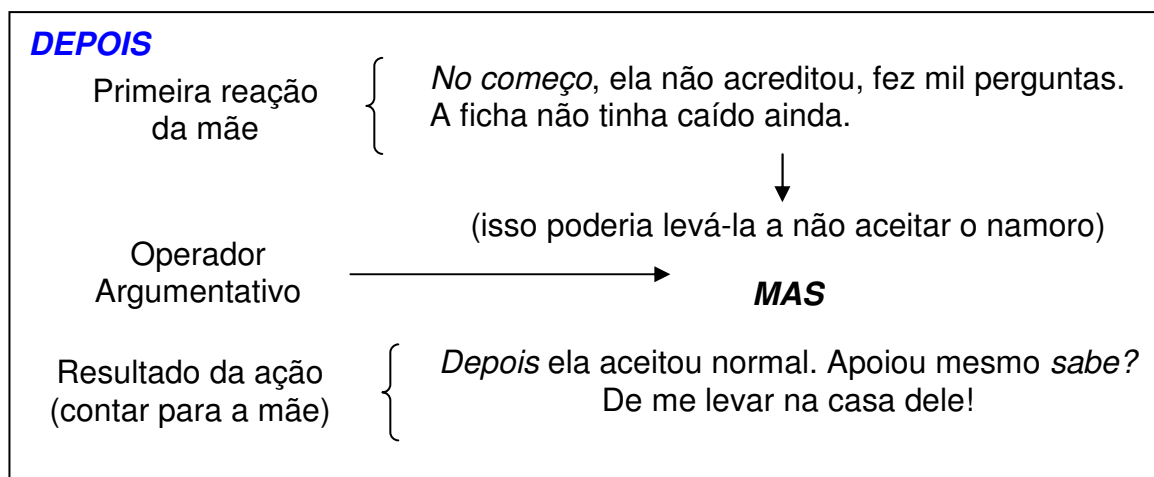
No comentário da Taah, percebemos que, para conseguir construir um texto que demonstre seu posicionamento e, assim, persuadir o leitor a contar para a mãe sobre o namoro, ela opta, inicialmente, por evocar um enunciado da *vox populi*: “*é sempre melhor saber as coisas da sua boca do que da boca dos outros!*”.

É pela evocação desse enunciado, que se configura como uma autoridade polifônica, que Taah estrutura e constrói um texto buscando não só relatar uma experiência vivida dentro desta temática, mas utilizar tal experiência como um *plano* para persuadir o leitor a adotar a ação sugerida: contar tudo para mãe e contar diretamente (utilização de um discurso direto): “*eu fui direta: Mãe eu preciso te contar uma coisa. Eu estou namorando*”. Ao utilizar a forma do discurso direto, a adolescente não só reforça a sugestão do contar, mas, também, sugere o modo pelo qual a l. deve realizar tal ação.

Essa tentativa de persuasão é estruturada textualmente por meio de uma narrativa *dialogada* com a utilização de marcas de diálogo com o interlocutor, por exemplo, o uso do marcador discursivo “*sabe?*”. O texto apresenta a sucessão dos acontecimentos *antes* do compartilhar dessa *novidade*, destacada por meio da caixa alta no termo *notícia*, e *depois* que a mãe já partilhava do acontecimento.

O relato é organizado para demonstrar essa sucessão de acontecimentos por meio dos marcadores temporais *desde, quando fiz, no final do ano, primeiro, no começo, depois, segunda semana*, e por uma classe argumentativa. Essa organização, por se basear na *vox populi*, consegue apresentar argumentos que, por serem provenientes de um fato vivido, se tornam fortes razões para fazerem com que as outras leitoras compartilhem do posicionamento e da conclusão pretendida: *conte tudo para sua mãe:*





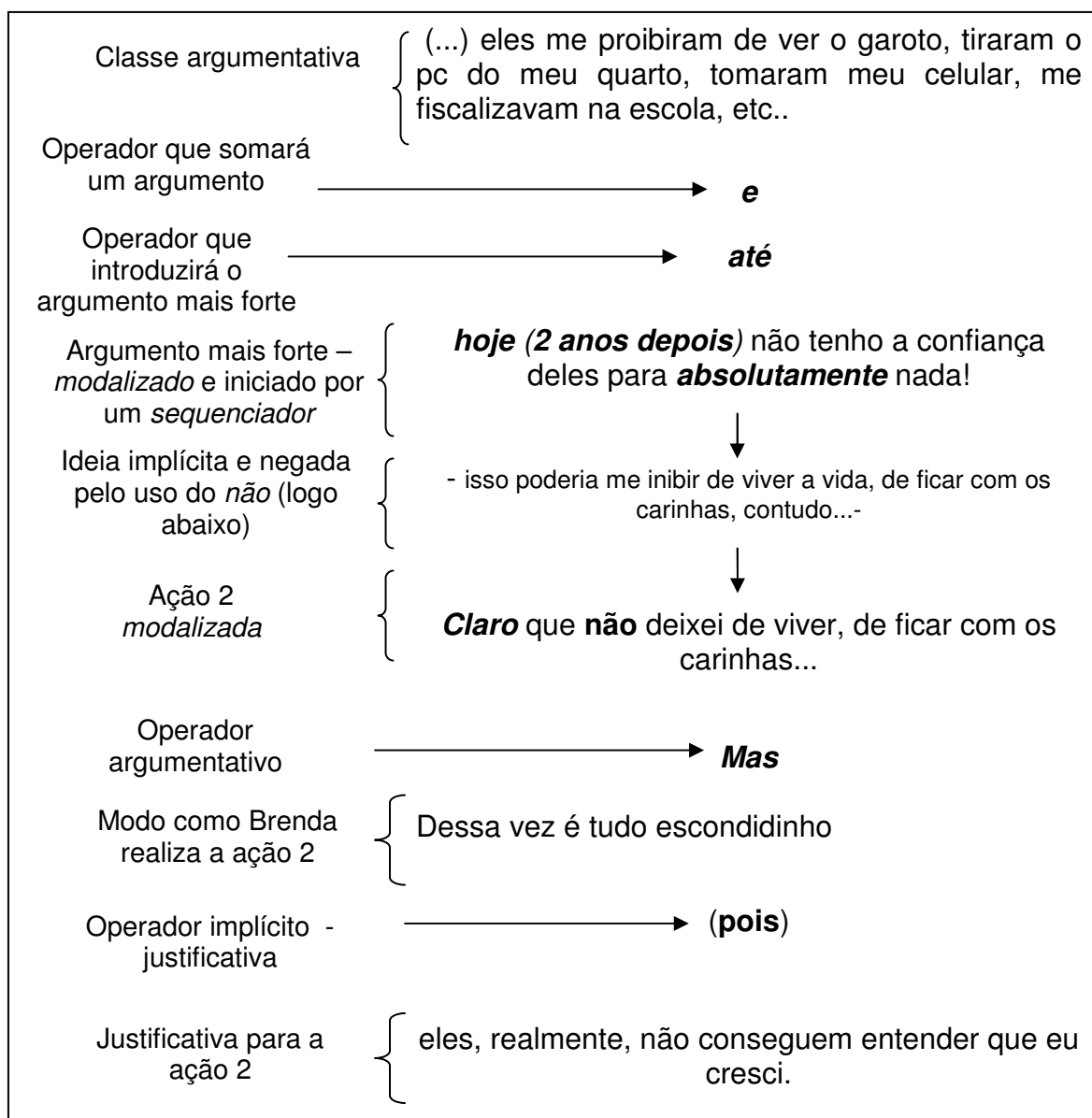
Pelo seu comentário, conseguimos perceber que Taah busca demonstrar que a decisão que tomou suscitou ótimos resultados: a mãe aceitou e apoiou o namoro, portanto é uma ação passível de ser repetida em situações similares.

Além disso, no final do seu texto, Taah mostra que não sentiu arrependimento por ter contado para a mãe, mesmo com o fim do namoro (“*mas, como eu disse: ele não presta, eu terminei com ele na segunda semana*”), pois, como ela mesma diz: “*faria tudo de novo!*”. Reafirma-se, assim, a validade da ação implicitamente sugerida no seu relato.

Já o outro comentário busca persuadir o leitor a *não contar para os pais*. Tal posicionamento é justificado por meio de um relato que expressa uma experiência mal sucedida: “*no meu caso, contar que estava namorando foi o fim do mundo*”.

Brenda, então, explicita o porquê desta afirmação, comentando que, ao contar para os pais (“*na lata mesmo*” – ação 1), eles não responderam positivamente: “*eles me proibiram de ver o garoto, tiraram meu o pc do meu quarto, tomaram meu celular, me fiscalizaram na escola, etc...*”, por isso, hoje, “*faz TUDO ESCONDIDINHO*” (ação 2, enfatizada pelo uso da caixa alta).

As razões que a levaram a agir de tal forma são apresentadas, principalmente, pelo uso de dois recursos: classe argumentativa e operadores argumentativos, como mostramos a seguir:



Por meio do seu texto, conseguimos perceber que a produtora não está satisfeita com o seu atual comportamento (“*desagradável sim, mas fazer o que, né?*”), mas, tendo em vista a não compreensão dos pais (“*eles, realmente, não conseguem entender que eu cresci*”), ela acaba por se conformar com a situação, apresentando tal conformismo por meio de uma intertextualidade de conteúdo⁸⁷ que também retoma uma *Vox populi*: “*nem tudo é como a gente quer*”.

⁸⁷ Entre os textos que circulam em nossa sociedade, poderíamos ilustrar essa intertextualidade de conteúdo pela música *Não olhe para trás* (Capital Inicial): “*nem tudo é como você quer, nem tudo pode ser perfeito, pode ser fácil se você ver o mundo de outro jeito*”. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/capital-inicial/88462>>.

Além disso, Brenda busca justificar seu comportamento utilizando para tal uma polifonia de enunciadores expressa pelo uso do *não* em: “*eu não sou mais criança*”, validade por um *topos* (“*a maturidade permite o livre-arbítrio de agir*” – quanto mais maduro, maior a liberdade de agir (como quiser); quanto menos maduro, menor a liberdade de agir):

Polifonia de Enunciadores

E1 (pais): Brenda é ainda uma criança (por isso a proibimos de agir como quiser, ou seja, namorar)

E2 (Brenda): Não sou mais uma criança, eu cresci (por isso posso agir como bem quiser, ou seja, posso namorar)

Verificamos, assim, que Brenda busca, ao longo do seu texto, construir uma sequência que relate sua experiência, convencendo o leitor a aceitar a justificativa da sua atual ação, persuadindo-o, por fim, a agir, em uma situação análoga, igual ao modo relatado: *não contar, fazendo tudo escondidinho*.

P: Eu não sou mais criança

R: Por isso posso agir abertamente

MAS

Q: Meus pais não conseguem entender que eu cresci

~R: (por isso) eu faço (agora) tudo escondidinho.

Por fim, os dois últimos exemplos que analisaremos são derivados de um *post* que aborda um tema usual nas relações familiares: a relação, muitas vezes conflituosa, entre irmãs.

(20)

Minha irmã me põe pra baixo

Postado por Fernanda Bastos em 05-05-2010 às 19:33

Lidar com gente que te põe pra baixo é punk....quando esse alguém é a SUA IRMÃ, então...Isso está acontecendo com a A.:

“Tenho problemas com a minha irmã mais velha. Ela sempre me deixa pra baixo. Já conversei com os meus pais sobre isso. Minha mãe diz que eu devo ignorar, meu pai diz que a minha baixa auto-estima não é culpa da minha irmã. Mas ela sempre me diz coisas que me deixam muito chateada, mesmo que eu tente ser legal com ela.”

[...]

Camila sjb • • •

16/06/2010 • 17:14

Minha irmã mais velha sempre me implicou, mas teve um tempo que chegou no limite, ela me chamava de chata e feio tempo todo...não aguentei rebatia até que ela parou. Hoje ainda discutimos muito por assuntos bobos, mas não deixo ela acabar coigo mais ;D

Maiih Aragão Jequié • BA • 17

07/05/2010 • 19:38

Concerteza a minha irmã é a pior do mundo. A todo tempo ela tenta me colocar pra baixo, me fala coisas horroveis, me chinga de vários nomes... Affz, são eu pra suportar tudo isso. Ninguém realmente merece!!! Mas, depois da última briga que tivemos, comecei a tratá-la mal e fingo que ela não existe... E por incrível que pareça ta dando certo, graças a Deus!!

Observamos que as duas construções, respondendo a temática: *minha irmã me põe pra baixo*, visam persuadir o leitor a, em um caso similar, agir perante as ofensas.

No primeiro comentário, Camila estabelece uma escala de argumentos que justifica a sua reação. O primeiro argumento da escala é a provocação constante da irmã, mostrada pelo uso do advérbio temporal *sempre*. O segundo argumento, mais forte que o primeiro, é introduzido pelo operador *mas*: *mas teve um tempo que chegou no limite, ela me chamava de chata e feio o tempo todo*. O limite, demarcado pela constância da agressão específica, é o que a leva a reação.

A justificativa para a transformação do seu modo de agir está implicitamente interligada à ativação de um conhecimento de mundo, resgatado pelo *frame* “*paciência tem limite*” que valida o porquê da sua nova ação.

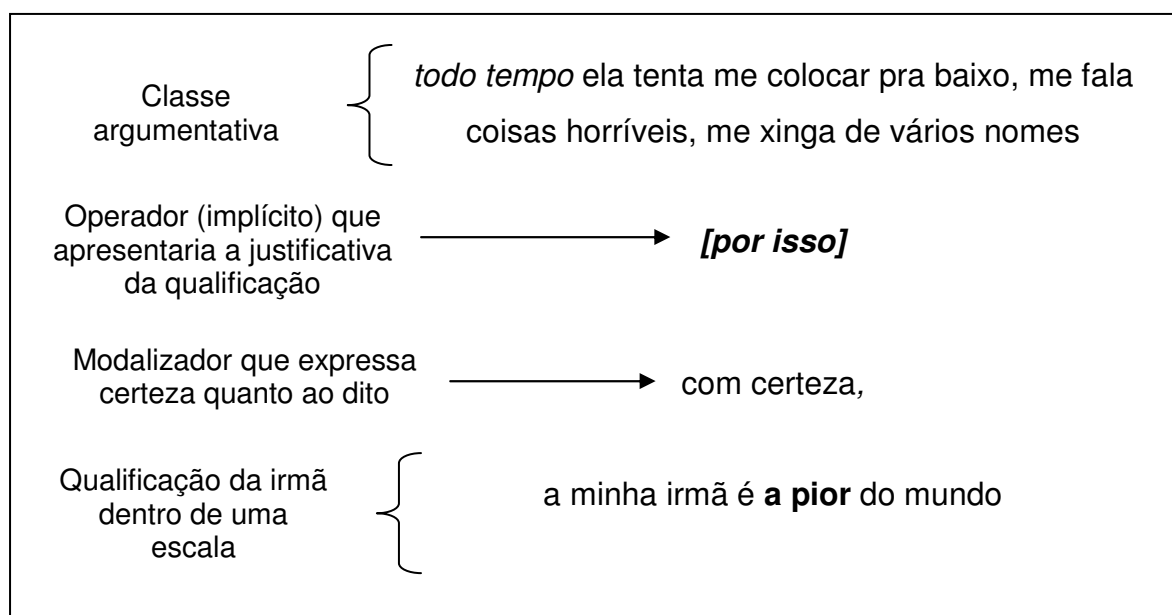
Destarte, ao relatar sua ação e o resultado satisfatório do seu ato: “*ela parou*”, Camila tenta persuadir o leitor a agir de modo similar à forma relatada, uma vez que, embora não tenha conseguido resolver os conflitos com sua irmã (*hoje ainda*

discutimos muito por assuntos bobos), agora, tendo em vista a ação adotada, a irmã não consegue mais *acabar* com ela.

Observamos, assim, que Camila busca não só construir um texto que relate um episódio vivido, mas, principalmente, que convença e justifique a razão pela qual defende um agir que promova o fim das ofensas.

O segundo comentário também busca persuadir o leitor a agir frente às ofensas. Para conseguir esse intento, a produtora, inicia seu relato afirmando, por meio do modalizador *com certeza*, que sua irmã é a “*pior do mundo*”.

Para justificar essa qualificação, a produtora organiza seu texto utilizando dois recursos argumentativos: primeiramente, utiliza uma classe argumentativa composta de articulador temporal *todo tempo* para demonstrar a recorrência dos insultos, e do adjetivo *horrível* para apresentar a qualidade das injúrias. Em seguida, emprega uma escala argumentativa, na qual a irmã, em comparação com todas as outras irmãs, está no ápice da escala, colocada como a *pior do mundo*.



O operador, mas contrapõe duas formas de agir: a primeira era uma passividade em relação aos insultos e a segunda uma ação desencadeada *depois da última briga: comecei a tratá-la mal e finjo que ela não existe*.

Ao relatar essa ação e seus resultados satisfatórios (*por incrível que pareça, ta dando certo!*), Maiih sugere, implicitamente, que o leitor aja da mesma forma.

Por todo o exposto, constatamos que, embora seja constituído, predominantemente, por sequências narrativas, o *comentário (relato) de experiência vivida* consegue, por meio do dizer ali materializado, expor, implícita ou explicitamente, o horizonte axiológico do produtor, levando, por meio dos prolongamentos futuros da enunciação, à conclusão pretendida: pense desta forma ou aja assim.

Além disso, por a temática ser próxima do cotidiano das adolescentes, elas produzem textos de maior implicação, trazendo, como justificativa para o ponto de vista defendido, seu próprio exemplo de vida, que, por apoiar-se em um ‘*eu presenciei*’, ‘*eu vi*’, ‘*eu sei*’, apresenta-se como um locutor credível” (MARTINS, 2010, p. 293), validando o percurso entre os argumentos implícita ou explicitamente demonstrados e defendidos pelo relato e a conclusão que se pretende transmitir: *isto não está certo, eu não concordo, não faça isso* ou, então, o seu contrário.

3.5 O GÊNERO INJUNTIVO: O COMENTÁRIO PRESCRITIVO

Composto, prioritariamente, de sequências injuntivas, o *comentário prescritivo* é outro gênero utilizado pelas adolescentes para exporem sua orientação axiológica frente à temática do blog e, por meio dele, tentarem convencer o interlocutor da verdade ali exposta, buscando “*fazer agir* o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção” (BRONCKART, 1999, p. 237).

A prescrição caracteriza-se pela transmissão de um saber sobre como realizar alguma coisa, mostrando um plano de ação para atingir determinado objetivo (MEN, 2007), valendo-se, para tal, de verbos (no imperativo, infinitivo ou futuro do presente/pretérito) e operadores que, juntos, constroem um texto capaz de persuadir o leitor a aderir às sugestões de atuação ali propagadas.

Agrupam-se em três categorias:

- (1) textos instrucionais-programadores, cujo objetivo é ensinar a fazer algo que não é necessariamente obrigatório; (2) texto de conselhos, cujo propósito é aconselhar alguém a fazer algo; e (3) textos reguladores-prescritivos, cuja finalidade é obrigar alguém a

fazer algo, pois, do contrário, haverá algum tipo de punição (SILVA, 2007, p. 5).

No blog, há o predomínio da categoria conselho, como podemos ver nos exemplos transcritos abaixo:

(21)

| |
|--|
| <p><u>Tenho medo de contar pra minha mãe que quero morar com o meu pai</u></p> <p>Postado por <u>Fernanda Bastos</u> em 14-06-2010 às 20:32</p> <p>Por mais que a gente não queira, separação dos pais sempre nos obriga a fazer algumas escolhas. A J. conta o que ela está passando:</p> <p><i>“Meus pais se separaram e eu tenho medo de contar para a minha mãe que quero morar com o meu pai. O que eu faço e se ela não quiser falar comigo?”</i></p> <p>[...]</p> <p>Juju ••• 13</p> <p>18/06/2010 • 13:05</p> <p>J. acho que tu deveria conversar com tua mãe e dizer pra ela tudo o que sente sobre isso. Se tu acha que vai ser mais feliz morando com seu Pai, fale com ela. Tenho certeza que ela vai te entender. Beijos espero que tenha ajudado.</p> <p>Gabi c. •••</p> <p>14/06/2010 • 20:45</p> <p>Fala com ela na boa, afinal, é sua vida, tudo bem que não vai ser fácil nada nada, mas é sua escolha e sua felicidade! (:</p> |
|--|

Observando esses comentários e os demais que apresentaremos, é possível notar que a própria estrutura do texto-problema enviado ao blog *Papo de Amiga*, finalizando sempre com uma pergunta do tipo: “como é que faz?”, “o que eu faço?”, estimula as adolescentes a selecionarem, tendo em vista suas características, o gênero *comentário prescritivo*.

Assim, produzidos com o objetivo de responder ao tema da postagem os dois comentários supracitados defendem e buscam persuadir a J a conversar com sua mãe: **Juju:** “*acho que tu deveria conversar com sua mãe e dizer tudo o que sente*”; **Gabi:** “*fala com ela na boa*”.

A justificativa e validação para a adesão de tal posicionamento ocorrem por meio do *topos* “conversando a gente se entende” e de um conhecimento compartilhado em nossa sociedade de que “*temos que lutar pela nossa felicidade*”.

Apoiando-se, então, no *topos* e no conhecimento compartilhado, as duas produtoras buscam construir um texto que resgate tal conhecimento na memória do interlocutor e, por meio dessa ativação, efetive o percurso entre os argumentos e a conclusão pretendida: converse com sua mãe e conseguirá o que pretende.

Para conseguir, então, persuadir o leitor à tese defendida, Juju inicia seu texto utilizando o verbo *acho que*, de acordo com Maingueneau (1997, p. 89), expressa um julgamento pessoal, fundado sobre uma experiência. Ressaltando, então, que o texto irá transmitir seu saber pessoal acerca de como agir para solucionar tal problema, Juju apresenta seu plano de ação validando-o por meio de três recursos:

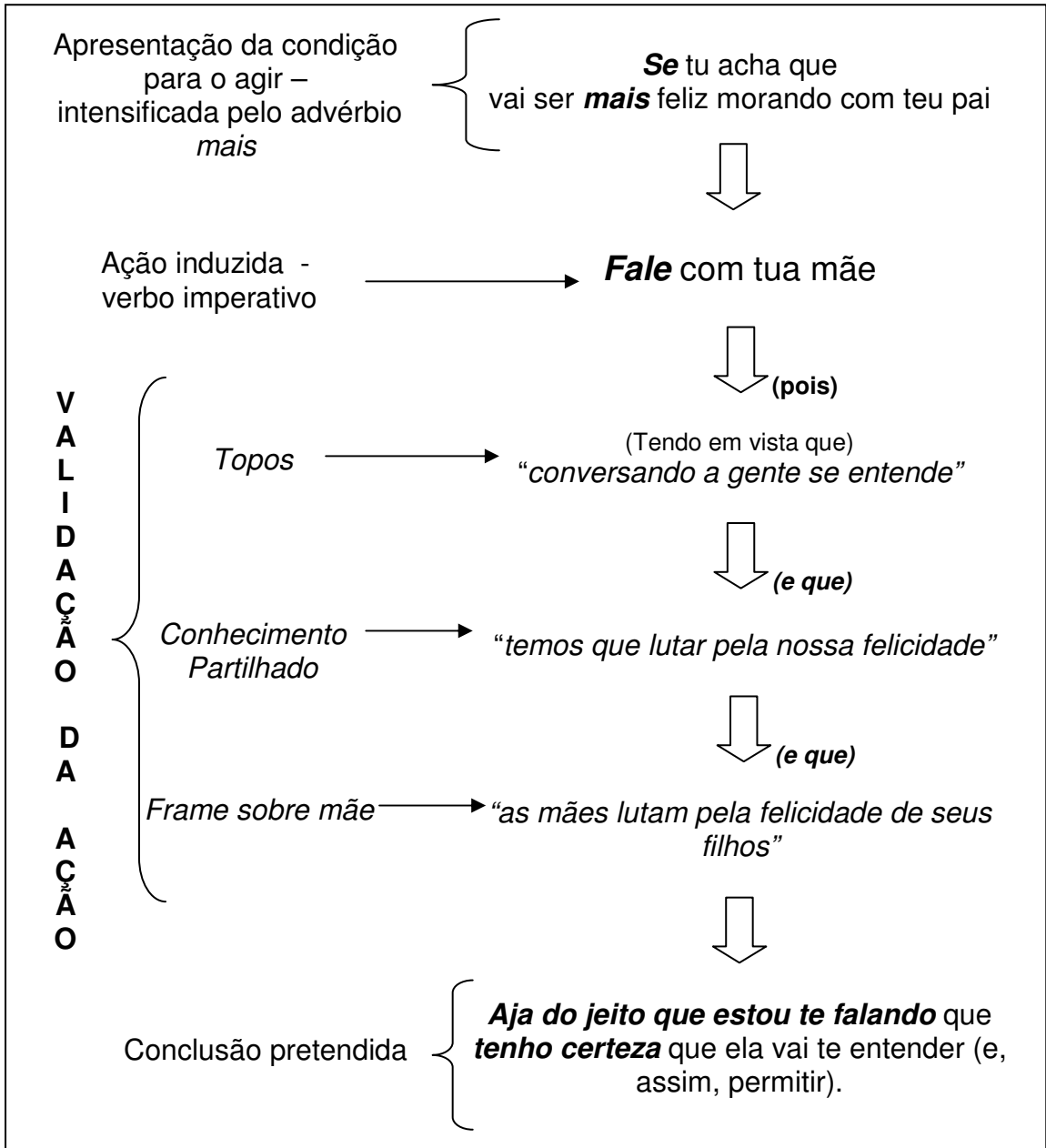
1) pelo *topos* “conversando a gente se entende”. O modo de agir proposto por Juju baseia-se na forma tópica quanto mais conversa, mais entendimento;

2) pelo conhecimento compartilhado “*temos que lutar pela nossa felicidade*”, materializado no trecho: “*se tu acha que vai ser mais feliz*”. Esse trecho representa, por meio do operador *se*, a condição para o agir sugerido: *fale com ela*;

3) por um *frame* de mãe que considera que todas as mães querem o melhor para os seus filhos, se preocupam com eles, lutam por sua felicidade.

Esses três recursos fundamentam a certeza que a adolescente tem quanto ao êxito da ação prescrita: *Tenho certeza que ela vai entender*.

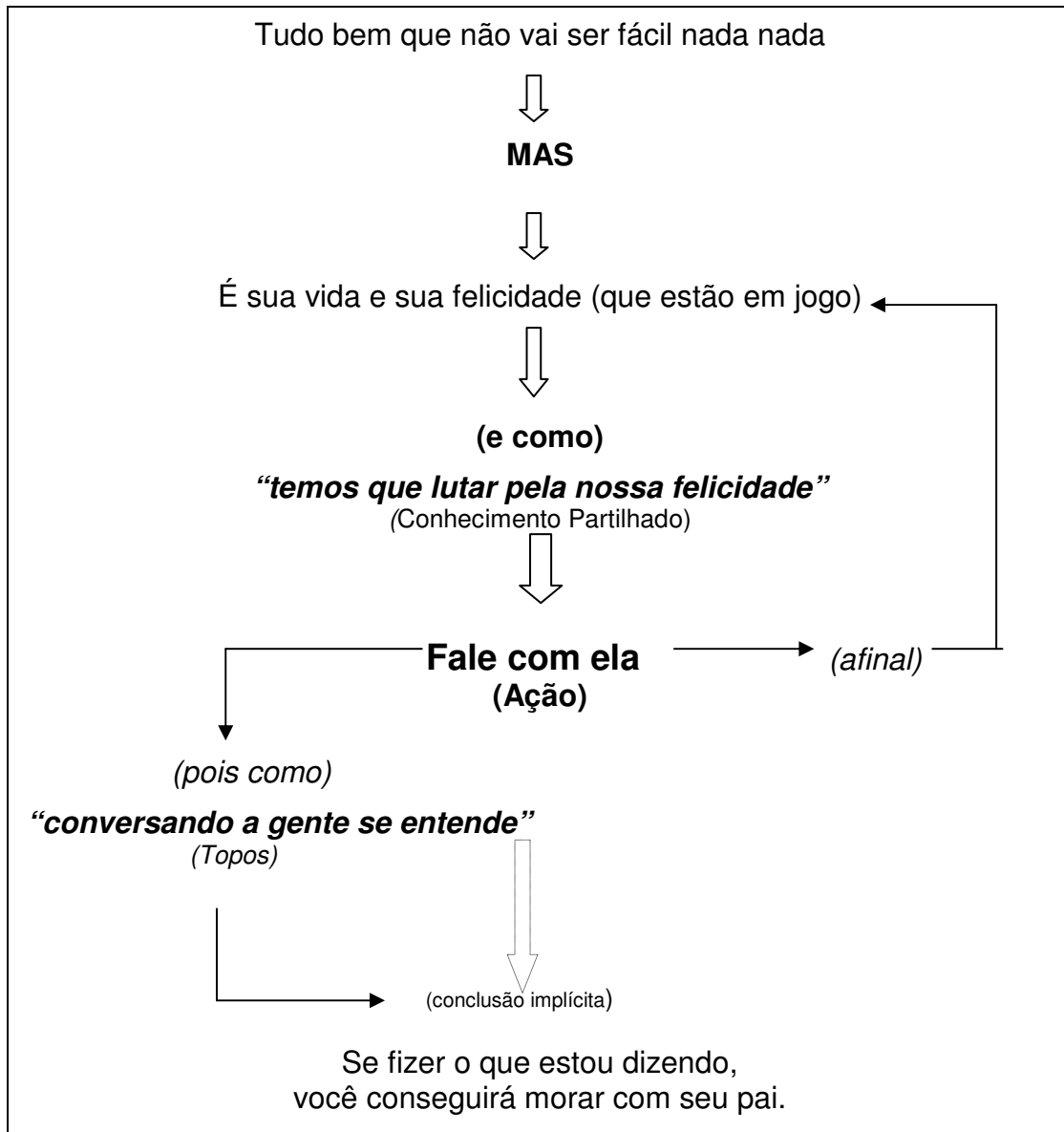
Sintetizando, temos:



Já Gabi, valendo-se do mesmo *topos* e conhecimento partilhado, constrói um texto que, em um primeiro momento, alerta e enfatiza pela repetição do termo *nada* que o aval para morar com o pai não será algo fácil de ser conquistado: “*tudo bem que não vai ser fácil nada nada*”. A escala de dificuldade poderia levar J. a não ação, no entanto, Gabi apresenta argumentos que conduzem à ação. Esses argumentos são encabeçados pelo operador *mas* e *afinal* que resgatam o *topos* e o

conhecimento partilhado já apresentados que induzem o interlocutor a crer que o melhor a ser feito, neste caso, é dialogar com a mãe.

Em síntese:



Observamos, assim, a relevância dos recursos argumentativos para a concretização do projeto de dizer da Juju e da Gabi, ou seja, para a construção de um texto que consiga convencer o interlocutor da verdade ali propagada, fazendo-o aderir à ação sugerida, conduzindo-o, então, à conclusão pretendida: se você fizer o que estou dizendo, alcançará o que almeja: a permissão para morar com seu pai.

Vejamos mais dois exemplos de *comentário prescritivo*.

(22)

Não aguento mais a minha madrasta

Postado por Fernanda Bastos em 13-03-2010 às 9:53

Na casa da R. o clima parece meio tenso:

“Não estou mais aguentando a minha madrasta. Minha mãe morreu quando eu tinha um aninho, então foi minha madrasta que me criou. Ultimamente, ela anda falando algumas coisas que me machucam muito e se eu conto isso para o meu pai, ele não acredita. O que eu faço?”

[...]

Ya% • sp • SP • 13

20/03/2010 • 15:24

Oi amor, se vc fala pro seu pai e ele n acredita grave suas conversas com ela no celular junte umas cinco q ela fla coisas q te machuquem, duvido q seu pai n vai acreditar em vc!, a e ponha senha no seu celular pra ninguem mexer! Bjocass

biia •

16/03/2010 • 19:40

Por que não tenta falar serio com seu pai, falar que tipo ele deveria acreditar em você, que você é filha dele e tal, que devia querer o melhor para você OU tenta gravar uma cvoisa que ela fala e mostra a ele OU se não tiver mais jeito, desreipeita ela também, o que ela te falar revida, xinga e tals. Beijos, e tomara que melore.

Observamos que os dois comentários, não concordando com a ação da madrasta defendem que a R. deve agir, primeiramente, para fazer o pai acreditar nela (Ya e Biia) ou, “*se não tiver mais jeito*”, atuar da mesma forma (Biia).

Em relação ao comentário da Ya, verificamos que, ao optar por iniciar seu texto com a expressão⁸⁸ “*oi amor*” e finalizar com “*bjocass*”, ela, estrategicamente, consegue construir uma atmosfera de diálogo e afeição com seu leitor, tornando-o mais próximo de seu dizer.

Além disso, Ya busca retomar, por meio do operador *se*, o dizer da R. (exposto no *post*) para, com base nessa retomada, apresentar por meio de verbos no imperativo (*grave, junte, ponha*) a melhor forma de agir frente àquela situação. Essa ação sugestão é justificada e validada por um *topos* gradual recorrente em nossa sociedade: “*para acusar alguém é preciso ter provas*” – quanto mais provas

⁸⁸ Optamos por destacar a estratégia de proximidade neste texto, não quer dizer, contudo, que os outros textos que também apresentaram estes elementos não realizaram esta função, muito pelo contrário.

possuímos, mais conseguiremos acusar alguém; quanto menos provas possuímos, menos conseguiremos acusar alguém:

R.: Eu conto para o meu pai que minha madrasta fala coisas que me machucam e ele não acredita.

↓ (retomada de um dizer)

Ya: Se você fala para o seu pai e ele não acredita

↓

Ação Sugerida: **Grave** suas conversas com ela no celular, **junte** umas cinco que ela fala coisas que te machuquem [...] e **ponha** senha no seu celular para ninguém mexer

↓ (pois, como)

Topos: para acusar alguém é preciso ter provas

↓

Conclusão: Se fizer o que te digo, **duvido** que seu pai **não** vá acreditar em você.

Verificamos que Ya busca, explicitamente, persuadir a R a crer não só na legitimidade da ação sugerida, mas, igualmente, na certeza de seus resultados. Isso é demonstrado por meio do modalizador *duvido*, por meio do qual Ya questiona a perspectiva de R. sobre a atitude do pai depois da concretização da ação:

R.: Eu conto isso para o meu pai [e] ele não acredita;

Ya: Faça o que estou dizendo e *duvido* que ele não vá acreditar em você!

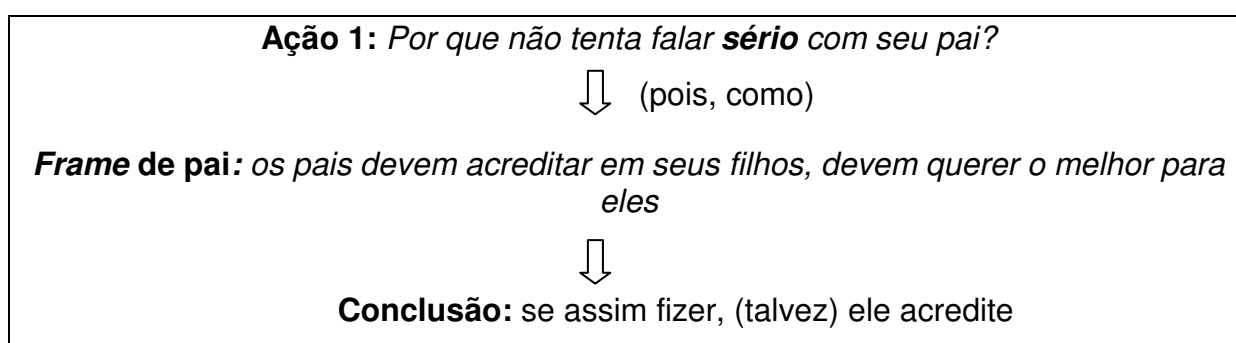
Em relação ao comentário da Bia, observamos que ela também busca construir uma atmosfera de proximidade com a R, verificada no modo pelo qual ela opta por finalizar seu texto: “*beijos e tomara que melhore*” com o objetivo de ganhar a confiança do outro para a realização da ação sugerida.

A sugestão de ação baseia-se no *topos* também empregado pela Ya (“*para acusar alguém é preciso ter provas*”), e em um *frame* de pai expresso no próprio

texto: “*ele deveria acreditar em você, que você é filha dele e tal, que devia querer o melhor para você*”.

Apoiando-se, então, em tal *frame* e no *topos*, Bia confecciona um texto apresentado ao interlocutor três possíveis formas de agir frente àquela situação, todas elas utilizando verbos no imperativo *tenta falar, tenta gravar, mostra, desrespeita, revida, xinga*.

A primeira ação sugerida decorre da crença de que R, até agora, não falou adequadamente com seu pai (expresso pelo advérbio de modo: **sério**):

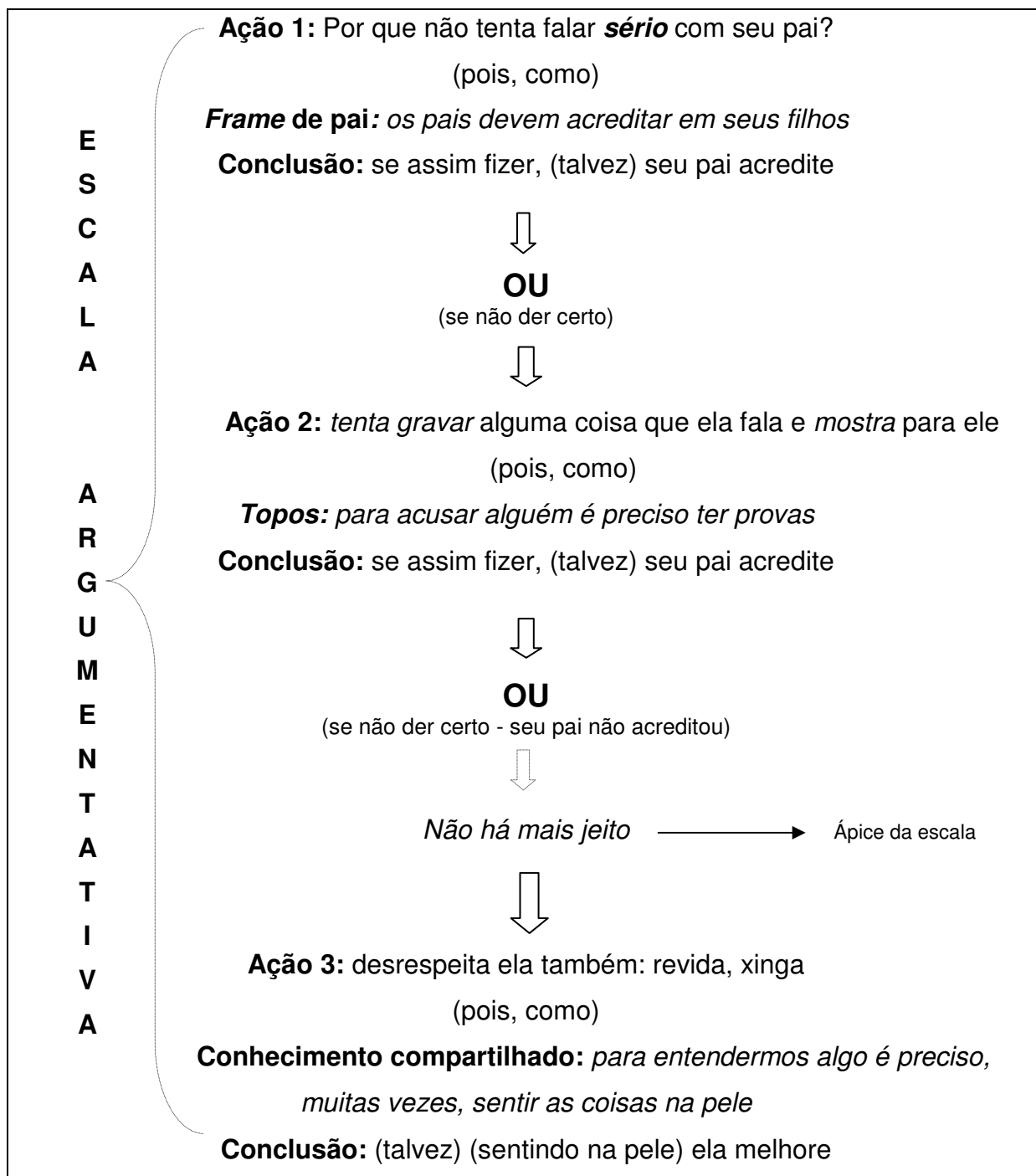


Todas as ações sugeridas pela Bia são apresentadas por meio de uma escala argumentativa, materializada e enfatizada (caixa alta) pelo operador *ou...ou*.

Como comenta Guimarães (2007, p. 99), do ponto de vista argumentativo, o *ou [...] ou* “articula argumentos que vão na mesma direção e que, pelo fato de se não funcionar um argumento funciona o outro, dá à argumentação um caráter mais forte, quase irrefutável”.

Assim, conseguimos verificar que, trabalhando também com a possibilidade da primeira ação não dar certo, Bia argumenta a favor de mais duas possíveis ações: uma (Ação 2) ainda buscando convencer o pai; outra (Ação 3) já desistindo de convencê-lo (ápice da escala: “*se não tiver mais jeito*”), mudando o foco para a madrasta.

Essa mudança de perspectiva é validada por meio de um outro conhecimento compartilhado em nossa sociedade que, dentre outras formas, poderia ser assim expresso: para entender algo é preciso, muitas vezes, sentir as coisas na pele.



Observamos que as duas produtoras constroem um texto buscando não só responder à temática do *post*, mas, por meio dessa resposta, instigar o leitor a crer na validade do dizer ali expresso, induzindo-o, pela utilização de vários recursos argumentativos, à realização das ações prescritas.

Por fim, vejamos os dois últimos comentários dessa categoria que tratam de um tema, muitas vezes, delicado nas relações familiares: a escolha da futura profissão.

(23)

Meu pai quer que eu seja médica, mas quero fazer modaPostado por Fernanda Bastos em 16-12-2009 às 10:10

Como são tempos de vestibular, achei o papo da A. caía bem aqui no blog:

“Estou brigada com o meu pai. Ele está super zangado porque ele quer que eu faça medicina e quero fazer moda. O que devo fazer para mostrar para ele que a vida é minha e tenho o direito de fazer o que eu quiser com ela?”

[...]

Anny •••

20/12/2009 • 21:02

Converse com eles e diga que você naum leva geito pra isso e que voce naum se sentiria feliz fazendo o que voce naum gosta

Élen •• PR •

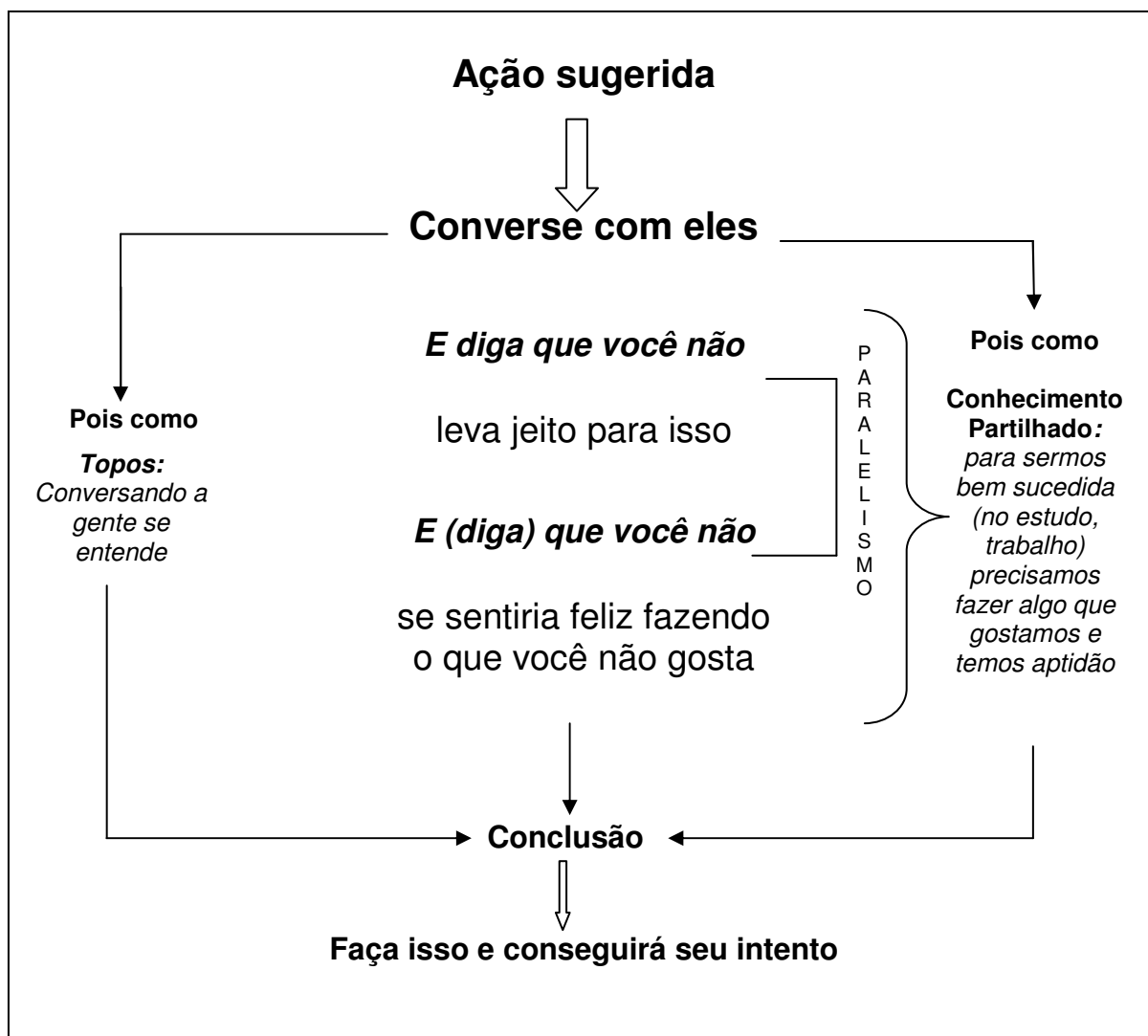
16/12/2009 • 10:17

Se você tem certeza de que é isso que você quer, mostra pra ele que você tem talento, mostra uns desenhos, ou se você não tem tanta certeza assim, procura pesquisar as matérias que você provavelmente vai estudar nesse curso, verifica se você se identifica realmente com o curso, e não custa dar uma olhada em medicina, e em outros cursos =*

Ao se posicionarem perante a temática do *post*, os dois comentários, embora estruturados de formas diferentes, buscam, por meio do seu dizer, convencer a A. da verdade ali propagada, persuadindo-a a aderir à ação sugerida.

No primeiro comentário, verificamos que a produtora prescreve por meio de verbos no imperativo (converse, diga) uma ação que é validada por: **1)** o *topos* “*conversando a gente se entende*”, **2)** por um conhecimento partilhado socialmente: de que para sermos bem sucedida (no estudo, trabalho) precisamos fazer algo que gostamos e temos aptidão. Esse conhecimento é expresso por meio de um paralelismo de construção textual que soma, pelo operador *e*, dois argumentos para a conclusão pretendida.

Por meio da ativação desse conhecimento partilhado, a produtora busca apresentar alguns conhecimentos de mundo que podem servir de argumentos para a concretização do intento da A.: conseguir fazer moda.



Já Élen, valendo-se do mesmo conhecimento partilhado, constrói um texto prescrevendo, por meio de verbos no imperativo e do operador *ou*, duas formas de agir perante o problema exposto. Essas formas são apresentadas por um paralelismo que expressa duas condições opostas, que, por sua vez, levam a duas ações distintas. A primeira condição tem como consequência uma ação que comprove ao pai a aptidão de A. para a moda, pela demonstração do seu talento por meio de desenhos. A segunda condição nega a primeira, sugerindo, primeiramente, uma investigação das disciplinas do curso. Essa sugestão de ação remete à comprovação da identificação ou não com o curso.

A possibilidade de não identificação com o curso de moda, embora não esteja explicitada textualmente, é ponderada por Élen ao sugerir outra ação para A encabeçada pelo uso do operador *e*: considerar a sugestão do pai (*e não custa dar uma olhada em medicina, e em outros cursos*).

Se você tem certeza de que é moda que quer fazer



Ação 1: *Mostre* a seu pai que você tem talento (por meio de desenhos, por exemplo)



Conhecimento Partilhado: (pois como) para sermos bem sucedida (no estudo, trabalho) é preciso fazer algo que temos aptidão (e gostamos/nos identificamos)



Conclusão 1: se provar que tem talento, você poderá conseguir o aval do seu pai

OU

Se você não tem tanta certeza assim que é moda que quer fazer



Ação 2: *Pesquise* as matérias do curso de moda, ***verifique*** se você se identifica com o curso.

E

Ação 3: *Olhe* o curso de medicina e outros cursos



Conhecimento Partilhado: (pois como) para sermos bem sucedida (no estudo, trabalho) é preciso fazer algo que temos aptidão (e gostamos/nos identificamos)



Conclusão 2: Você poderá descobrirá que não é moda que quer fazer, podendo ser, inclusive, medicina.

Pelo o exposto, verificamos que o *comentário prescritivo* é um gênero que, por possuir uma determinada organização textual e conteúdo temático, configura-se como um gênero apropriado para a transmissão de um *plano* sobre como agir em determinada situação com vistas à obtenção de determinado resultado.

Tal plano de ação, advindo do posicionamento do locutor e dos conhecimentos de mundo e lugares comuns de uma coletividade, é o que norteia a produção textual-argumentativa do comentário, cujo objetivo principal é a orientação para a realização e normatização das práticas que envolvem os temas dos *posts*.

CONCLUSÃO

Impulsionados pelo desenvolvimento da Internet, os blogs se proliferaram e se expandiram para os mais variados setores da comunicação humana. Nessa expansão, o blog foi, gradativamente, perdendo sua característica técnica inicial – uma página estruturada e mantida por um especialista em programação que buscava publicar uma lista de *links* interessantes a serem navegados – para se tornar um *locus* popular de publicação de textos *online*.

A facilidade de publicação de conteúdos estimulada pela criação de *softwares* que tornaram automática e gratuita a postagem, somada à percepção da Internet como um lugar em que todos os dizeres são possíveis, já que o anonimato garantiria a preservação da identidade do sujeito, fizeram com que milhares de pessoas, principalmente as mais jovens, criassem seu próprio blog ou, então, se conectassem a um, para publicarem textos nos quais comentam assuntos diversos (suas vidas, política, religião, culinária, entre outros), criando, pela interação constante, uma comunidade interligada por interesses comuns.

Em decorrência de seu crescimento para os mais variados fins e das diversas possibilidades de publicação permitida pelos blogs, muitos teóricos passaram a conceituá-lo ora como um diário *online* (gênero no qual as pessoas escrevem sobre si mesmas, sobre suas vidas e ações cotidianas), ora como um suporte textual (devido à possibilidade de manifestação de mais de um gênero no mesmo *locus*).

Contudo, analisando as práticas da *blogosfera*, constatamos que essas definições são reducionistas não só porque conceituam o blog tendo como base um entre tantos processos interativos possíveis, mas, igualmente, porque desconsideram o verdadeiro suporte do blog: os *softwares*, que além de permitirem sua emergência, podem alterar sua forma de manifestação.

É por isso, então, que, apoiando-nos nos pressupostos de Bonini (2003a, 2003b), optamos por conceituar o blog como um *hipergênero*, ou seja, como um gênero virtual ou digital que, por *alocar-se* em um *software hipermidiático*, configura-se como um gênero híbrido, formado pela junção (sobreposição) de outros gêneros, materializados ora explícita ora implicitamente por meio de *links*.

Além disso, ao analisarmos os blogs apresentados neste estudo (o blog do *Tas*, o blog *Caminho da Lua*, o blog *Papo de Amiga*), bem como os demais existentes na grande rede, constatamos que, mesmo divergindo em relação às

temáticas e interesses, todos eles mantêm traços estáveis que permitem irmaná-los, tais como: a estrutura composicional, seu contexto de uso, a escrita mais subjetiva e menos monitorada, o compartilhar de pontos de vista, a interação por meio de *links*, por isso defendemos que o blog seja um *hipergênero* organizado em *constelação*.

Essa conceituação foi fundamental para entendermos o blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*, focalizado neste estudo. Analisando-o, observamos que, além de ser constituído pela postagem inicial, que pode ser formada por gêneros diversos, o blog da *Capricho* apresenta outros gêneros em sua constituição: o gênero descritivo (exposição do seu propósito e nome), o e-mail, o *link* dos comentários (que, também, podem trazer uma diversidade de gêneros: debates, discussão, conversa) e os *links* que levam a outros sítios, como o *link* que leva ao perfil de Fernanda Bastos (mantenedora do blog) e o *link* da imagem do blog, que conduz o leitor a postagens anteriores. Todos esses gêneros convergem, coerentemente, para a constituição formal, funcional e interacional do blog.

Além do mais, por vincular-se a uma revista de grande circulação nacional, o blog *Papo de Amiga* classifica-se como um *blog organizacional reflexivo* (PRIMO, 2008a). Tal rotulação se dá por dois motivos: **1)** o blog se caracteriza pela construção de uma postagem que expressa, textual e explicitamente, a opinião da Revista frente aos problemas, dúvidas e preocupações enviadas por suas leitoras; **2)** todas as publicações do blog são feitas *em nome da* e *pela* Revista *Capricho*, ou seja, desde a seleção do “problema” a ser exposto e comentado na postagem até o que é publicado nos comentários está, de certa forma, sob o seu comando e responsabilidade.

Por ser um *hipergênero*, o blog *Papo de Amiga* permite, em um mesmo espaço, a materialização de diversos gêneros formados por sequências ou tipos textuais, que são formas de organização linguística caracterizadas pelo conteúdo temático, objetivos, posição do produtor e do interlocutor e das características da superfície linguística.

Destarte, partindo do nosso *corpus* de análise e classificando os gêneros tendo em vista a sequência que representa o esquema fundamental do texto, identificamos, no blog da *Capricho*, três sequências dominantes que, por sua vez, permitiram a ocorrência de três gêneros distintos para a materialização da opinião no blog: o gênero argumentativo (comentário argumentativo *stricto sensu*), o gênero

narrativo (comentário (relato) de experiência vivida) e o gênero injuntivo (comentário prescritivo).

Nossas análises mostraram que, no comentário argumentativo *stricto sensu*, as adolescentes, se posicionando na perspectiva do conhecer, buscaram, por meio do seu texto, construir um dizer que apresentasse e justificasse logicamente uma ideia ou valor, levando o interlocutor a crer na validade do texto, aderindo, assim, às sugestões propostas.

No comentário (relato) de experiência vivida, as adolescentes, se colocando na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo, construíram um texto que relatasse uma experiência vivida dentro da temática da postagem e, desta forma, as apresentam como um ser experiente e, por isso, credível. Assim, muito mais que simplesmente contar um acontecimento experimentado e/ou um episódio relacionado à temática, as adolescentes buscaram apresentar um texto dotado de valor testemunhal que, por se basear na certeza/verdade de um conhecimento, favoreceu a validação de seus argumentos, persuadindo o interlocutor à conclusão pretendida.

No comentário prescritivo, as produtoras, se posicionando na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação, buscaram produzir um texto que transmitisse um plano de ação que induzisse à concretização de determinado objetivo, ou seja, apresentou-se, textual e argumentativamente, *o que e como fazer/agir* perante a situação postada para, desta forma, conseguir resolver um determinado problema, obter o aval da mãe/pai, entre outros.

Portanto, apoiando-se na característica do blog (*hipergênero*) e orientadas pela temática do *post*, as adolescentes expuseram sua orientação axiológica moldando seu texto no gênero textual que julgaram mais adequado para levar a bom termo seus propósitos comunicativos. Desta forma, optar por um em detrimento do outro foi uma escolha estrategicamente condicionada não só pela própria estruturação do blog, mas, principalmente, pelas possibilidades que esses gêneros tinham em contemplar os objetivos das produtoras: agir sobre as outras leitoras.

Essa tentativa de persuasão foi materializada, textualmente, por algumas estratégias argumentativas, tais como:

- Verbos de opinião: que implicaram um julgamento pessoal fundado sobre uma experiência, por exemplo, *eu acho*, *eu penso*;

- Intertextualidade: que apresentou um texto ou um fragmento de texto que serviu de argumento a uma tese que estava sendo defendida;
- Polifonia: que introduziu outras vozes no texto visando ora a sustentação de um ponto de vista, ora a refutação e posterior construção de um outro posicionamento;
- Operadores argumentativos: que não só interligaram as ideias do texto fazendo progredir o fluxo informacional, como também sinalizaram a argumentação e, desta forma, o posicionamento da produtora;
- Indicadores modais: que indicaram, por meio de advérbios e adjetivos, o modo pelo qual um determinado conteúdo deveria ser interpretado (com certeza, com dúvida, entre outros);
- Classes e escalas argumentativas: que apresentaram enunciados cujos conteúdos representaram argumentos, fortes ou fracos dentro de uma escala, capazes de levar a uma determinada conclusão;
- Conhecimento de Mundo, *frames*, esquemas e planos: que visaram não só validar determinada ideia tendo como base os conhecimentos armazenados sob determinado rótulo, mas também influenciar o outro a agir de acordo com os *esquemas* e *planos* externalizados por meio do texto;
- Conhecimento partilhado e *topos*: que, ao ocorrerem implicitamente e serem fundamentados no senso-comum (verdade aceita pela maior parcela da população), buscaram legitimar o comentário produzido, tornando-o, pela ideia do universal, indiscutível. Além disso, a utilização do *topos* favoreceu, pela ativação de lugares comuns, a aceitabilidade dos argumentos, conduzindo à conclusão desejada.
- Sequenciadores: que organizaram o espaço e o tempo textual dos comentários.

Nossas análises mostraram que, embora os textos produzidos no blog necessariamente fossem materializados em um *link* denominado *comentário* que, pelo seu significado e pelo estudo das sequências tipológicas e do agrupamento de gêneros, infere que são textos compostos por sequências predominantemente argumentativas (daí serem textos opinativos), não foi só por meio do *comentário argumentativo stricto sensu* que as adolescentes expuseram suas considerações

acerca da postagem. Houve, como já dito, igualmente a utilização de sequências narrativas (o *comentário (relato) de experiência vivida*) e de sequências injuntivas (o *comentário prescritivo*), que, embora não fossem compostos por sequências predominantemente argumentativas, conseguiram expor o posicionamento das adolescentes, conduzindo as leitoras para determinadas conclusões com exclusão de outras.

Portanto, conhecendo as características predominantes de cada gênero, as adolescentes construíram textos argumentativos, relatos e textos prescritivos que conseguiram contemplar seus intentos comunicacionais, expondo o horizonte axiológico pretendido, prescrevendo, por meio do dizer, a adoção de alguns comportamentos, ideias, valores o que, por fim, asseverou a tese já defendida por Ducrot e Anscombe (1981): a argumentação é inerente à linguagem, ocorrendo, pois, em todas as manifestações linguísticas, ou seja, em todo e qualquer gênero textual.

Por todo o exposto, concluímos que a internet configura-se como um campo vastíssimo para estudos na área da linguagem, pois, além de milhares de textos serem, diariamente, produzidos e compartilhados, essas produções e os gêneros virtuais que as materializam são recentes, merecendo, pois, a atenção dos estudiosos da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A lingüística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008. p. 215-233.
- AGUIAR, Kátia Fonseca. **Ciberesferas públicas**: os blogs como espaços de discussão política, 2006. Disponível em: < www.bocc.uff.br/pag/aguiar-katia-ciberesferas-publicas-blogs.pdf >. Acesso em: 23 out. 2009.
- ALONSO, Julio. Blogs e empresas. In: ORDUÑA, Octavio I. et al. **Blogs**: revolucionando os meios de comunicação. Tradução de Vértice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 99-137.
- ANDRADE, Alaíse Maria Carrijo Ramos e. **Blog jornalístico**: a constituição do sujeito jornalista-blogueiro e do leitor digital. 2008, 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca,SP, 2008.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ANTUNEZ, José Luis. O impacto da aparição do sistema de gerenciamento de conteúdo (CMS). In: ORDUÑA, Octavio I. et al. **Blogs**: revolucionando os meios de comunicação. Tradução de Vértice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 21-40.
- AQUINO, Felipe. **Por que sexo só no casamento?** O ato sexual é a celebração do amor conjugal. ago. 2007. Disponível em: <www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=6562>. Postado em 27/08/2007. Acesso em: 16/11/2009.
- ARAUJO, José Paulo de. Caracterização do cibergênero *homepage* corporativa ou institucional. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 135-167, jan/jun. 2003.
- ARAUJO, Júlio César. **A organização constelar do gênero chat**. Disponível em: <www.julioaraujo.com/download/organizacao_constelar_do_chat.pdf >. Acesso em: 13 abr.2010.
- ARAUJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. Questões de estilo no gênero chat aberto e implicações para o ensino de língua materna. In: ARAUJO, Júlio César. **Internet e ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 78-92.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria E.G.G. Pereira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARBISAN, Leci Borges. Uma proposta para o ensino da argumentação. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 111-138, 2007.

BARGER, Jorn. **Robot wisdom weblog**. Disponível em: <<http://www.robotwisdom.com/>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 1999. p. 21-42.

BARTHES, Roland. **Théorie du texte**: Encyclopaedia Universalis. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/theorie-du-texte>>. Acesso em: 09 ago. 2011.

BASTOS, Fernanda. **Para os problemas reais, amigos reais**. fev. 2008. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/75413/comment-page-1/>>. Acesso em: 15 maio 2010.

_____. **Meu pai vai ter um bebe!**. jul. 2009. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/meu-pai-vai-ter-um-bebe/comment-page-2/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Meus pais brigam muito e acho que eles vão se separar**. jul. 2009. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Minha mãe não me dá liberdade**. ago. 2009. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Como contei para os meus pais que perdi a virgindade**. out. 2009. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Como contar para os meus pais que eu estou namorando?** nov. 2009. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Meu pai quer que eu seja médica, mas quero fazer moda**. dez. 2009. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Minha mãe diz que eu sou gorda**. jan. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Meu pai leu minhas conversas de MSN com o gatinho**. fev. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Minha mãe me pressiona para eu perder o BV**. fev. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Não aguento mais a minha madraستا**. fev. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Tenho uma namorada e não sei como contar para os meus pais.** abr. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Meus pais não me deixam namorar, e eu não gosto de ficar. Como faz?** abr. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Quero transar mas tenho medo que a minha mãe descubra.** maio 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Minha irmã me põe para baixo.** maio 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Tenho medo de contar pra minha mãe que quero morar com o meu pai.** jun. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

_____. **Como convencer minha mãe a me deixar dormir na casa do gatinho?** jul. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 26 ago. 2010.

_____. **O pai da minha amiga quer que a gente se separe.** jul. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 26 ago. 2010.

_____. **Minha mãe não confia em mim.** ago. 2010. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/blogs/papodeamiga/>>. Acesso em: 26 ago. 2010.

BATISTA, Patrícia Pereira. Do diário ao *blog* confessional: continuidade ou surgimento de uma nova prática? **Contemporânea**, Ed. Esp., v. 6, n. 3, p. 105-118, 2008. Disponível em: <www.contemporanea.uerj.br>. Acesso em: 20 fev.2010.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: _____. **Gêneros Textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 19-46.

BAZERMAN, Charles ; PRIOR, Paul. A participação em mundos socioletrados emergentes: gênero, disciplinaridade, interdisciplinaridade. In: _____. **Escrita, gênero e interação social**. Tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2007. p. 150-197.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. **New foundations for a science of text and discourse**: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society, 1997. Disponível em: <http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm>. Acesso em: 30 jul. 2011.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang. **Introduction to Text Linguistics**, 1981. Disponível em: <http://www.beaugrande.com/introduction_to_text_linguistics.htm>. Acesso em: 30 jul. 2011.

BENITES, Sonia Aparecida Lopes. **Contando e fazendo a história**: a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

BENTES, Anna Christina. *Linguística Textual*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2006. p. 245-287.

BEZERRA, Benedito Gomes. Gêneros Introdutórios mediados pela *web*: o caso da *homepage*. In: ARAUJO, Júlio César. **Internet & ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 113-125.

BLOGGER. Disponível em: <www.blogger.com>. Acesso em: 15 jun. 2010.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. 1, p. 205-231, 2003a.

_____. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. **Revista Delta**, v. 19, n.1, p. 65-89, 2003b.

_____. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 208-236.

_____. Reflexões em torno de um conceito psicolinguístico de tipo de texto. **Revista Delta**, v.15, n. 2, p. 301-318, 1999.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras**: dizer e argumentar. São Paulo: Contexto, 2010.

CAIADO, Roberta Varginha Ramos. A ortografia no gênero weblog: entre a escrita digital e a escrita escolar. In: ARAUJO, Júlio César. **Internet & ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 35-47.

CAIROLI LOPES, Priscilla; POLLI, Maria Cristina. Os adolescentes e a escrita íntima em *blogs*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1, 2005. São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2005. Disponível em: <www.proceedings.scielo.br>. Acesso em: 15 fev. 2010.

CAMINHO da lua. Disponível em: <www.caminhodalua.blogspot.com> . Acesso em: 11 jun. 2010.

CAMPOS, Cláudia Mendes. O percurso de Ducrot na Teoria da Argumentação na Língua. **Revista da ABRALIN**, v. 6, n. 2, p. 139-169, 2007.

CAPITAL INICIAL. **Não olhe pra trás**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/capital-inicial/88462>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

CAPRICHOS, Site. <Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/home/>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

CASTRO, Maria Alice Soares de. **Introdução à linguagem HTML**. São Carlos: Universidade de São Paulo, SP, 2003. Disponível em: <<http://www.icmc.usp.br/ensino/material/html/intro.html>>. Acesso em: 15 abr. 2010.

CASTRO, Luiza. **O que será de mim?** jun. 2010. Disponível em: <www.caminhodalua.blogspot.com>. Acesso em: 12 ago. 2010.

CHAGAS, Jurema. Blogs e a nova narrativa biográfica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7, 2006, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina, 2006. p. 1-8.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. In: GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni Puccinelli; OTONI, Paulo (Org.). **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 2002, p. 39-90.

_____. **Coherence as a principle in the interpretation of discourse**. 1983. Disponível em: <<http://www.reference-global.com/doi/abs/10.1515/text.1.1983.3.1.71>>. Acesso em: 2 ago 2011.

CIPRIANI, Fábio. **Blog corporativo**. São Paulo: Novatec, 2006.

CITELLI, Adilson. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 2003.

_____. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2005.

CORDEIRO, Isabel Cristina. **Argumentação e leitura: uma relação de complementaridade**. Londrina: UEL, 2007. 325f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Curso de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

CORRÊA, Ediléa Felix. Gêneros textuais no contexto digital & educacional. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS – SIGET, 4, 2007, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina, 2007. p. 926-932.

CORREIA, João Carlos. **A fragmentação do espaço público: novos desafios ético-políticos**, 2004. Disponível em: <www.bocc.uff.br>. Acesso em: 20 fev. 2010.

COSTA, Iara Bemquerer. Contribuições ao debate sobre a relação entre gênero textuais e suporte. **Revista Letras**, Curitiba, n. 75/76, p. 183-196, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CRIE um blog. É grátis. Disponível em: <<https://www.google.com/accounts/ServiceLogin?service=blogger&passive=1209600>>

&continue=http://www.blogger.com/home&followup=http://www.blogger.com/home<mpl=start#s01>. Acesso em: 12 jul. 2010.

DANTAS, Daniel; GOMES, Adriano Lopes. Questões de Letramento e de gênero do discurso em *blogs*. **Revista Gatilho**, ano 4, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/ARTIGO1.-Questes-de-letramento.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. Intergenericidade e agência: quando um gênero é mais que um gênero. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, 2007, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina, 2007. p. 1695-1707.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 35-60.

DUCROT, Oswald. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo. **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 13-38.

_____. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Princípios de semântica lingüística**: dizer e não dizer. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari, Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 258-290.

DUCROT, Oswald; ANSCOMBRE, J. C. **Provar e dizer**: leis lógicas e leis argumentativas. Tradução de Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1981.

ESCOBAR, Juliana Lúcia. Blogs e interação mútua: uma visão contextualizada. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/files/others/intercom-Blogs%20e%20intera%C3%A7%C3%A3o%20m%C3%BAtua.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar edições, 2003. p. 45-85.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

FELIS, Cláudia Cristina Gatti. **Interação na Internet**: os blogs como uma nova forma de usar a linguagem. Londrina: UEL, 2008, 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

FERREIRA, Aletéia; VIEIRA, Josiany. A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos *posts* comerciais. **E-Compós – Revista da**

Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 10, 2007. Disponível em: <www.compos.org.br>. Acesso em: 15 nov. 2009.

FIORIN, José Luís. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p.161-193.

FIORIN, José Luís; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FRASSON, Regina Mafalda Denardin. A intertextualidade como recurso de argumentação. **Letras**, Santa Maria, n. 4, p. 85-96, 1992.

FUMERO, Antonio. **Un tutorial sobre blogs: El abecé del universo blog**. Disponível em: <<http://unileon.pbworks.com/f/blogotutorial.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

GARCEZ, Lucília. Vygotsky e Bakhtin – um diálogo. In: _____. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 45-69.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 120-134.

GIORA, Rachel. **Notes towards a theory of text coherence**, 1985. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~giorar/files/Giora1985_notes.towards.text.coherence.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2011.

GOMES, Ana Lucia Sampaio Ferreira. **Argumentação escrita e as crianças: um estudo sobre a capacidade de julgamento de texto argumentativo**. Rio de Janeiro: 2003. 84 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Aprendizagem) - Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GRICE, H. P. **Logic and conversation**, 1975. Disponível em: <http://www.ifbl.tu-dresden.de/die_tu_dresden/fakultaeten/philosophische_fakultaet/iph/thph/braeuer/lehre/grice_ss_2009/LogicAndConversation.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2011.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2007.

GUIMARAES JUNIOR, Mário José Lopes. **A cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade**. 1997. Disponível em: <www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>. Acesso em: 23 jan. 2010.

HEINE, Palmira Bahia. Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 1, p. 149-174, 2008.

HERRING, Susan C. et al. **Woman and children last**: the discursive construction of *weblogs*. Indiana: Indiana University, 2004. Disponível em: <http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/women_and_children.html>. Acesso em: 18 abr. 2010.

HEWITT, Hugh. **Blog**: entenda a revolução que vai mudar seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson do Brasil, 2007.

JOSÉ, Célio. **Deus está agindo**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/celio-jose/deus-esta-agindo.html#ixzz1Ba7w4iak>>. Acesso em: 3 fev. 2011.

KARNOPP, Lodenir Becker. Linguística Textual. In: FLORES, Onici (Org.). **Teorias do texto e do discurso**. Canoas: ULBRA, 2006. p. 17-60.

KOCH, Ingedore G. V. **Introdução à Lingüística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006b.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore G. V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contextos, 2003.

_____. Linguística Textual: Quo Vadis?. **Revista Delta**, edição especial, 2001.

_____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, Ingedore G. V.; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* na Internet. Campinas: UNICAMP, 2005, 269f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005a.

_____. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b. p. 110-119.

LEDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Anunciando livros em ambiente digital: estudo preliminar dos gêneros introdutórios. **Revista ao pé da letra**, Recife, v. 10, n. 1, p. 11-28, 2008.

LEITÃO, Selma; ALMEIDA, Eliana G. da S. A produção de contra-argumentos na escrita infantil. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, p. 351-361, 2000.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002a.

_____. A arte da vida: diários pessoais e *webcams* na Internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador, 2002b. **Anais...** Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP8lemos.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOBO, Luiza. **Segredos públicos**: os blogs de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOPES, Luís Carlos. **Crenças e tecnologias**: ensaios de comunicação, cibercultura e argumentação. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). **Gêneros Textuais**: reflexões e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 73-83.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MALINI, Fábio. Por uma genealogia da blogosfera. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 13., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. p. 1-14. Disponível em: <www.intercom.org.br>. Acesso em: 12 dez. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte nos gêneros textuais**. Versão Online, 2003. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

_____. Gêneros Textuais: Configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.).

Gêneros Textuais: reflexões e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.

_____. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **A coerência no hipertexto**. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/Marcuschicoerhtx.doc>>. Acesso em: 18 jan. 2009.

MARSHALL, Débora. **Pesquisadores da linguagem no ciberespaço:** um estudo sobre o gênero *homepage* pessoal. Santa Maria: UFMS, 2005, 148f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

MARTINS, Ana. **A textualização da viagem:** relato vs. narração, uma abordagem enunciativa. Porto: Universidade do Porto, 2010.

MEN, Cleonice. Tipo textual injuntivo: exemplos em revistas impressas de negócios. **Estudos Semióticos**, n. 3, 2007. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe3/2007-eSSe3.C.MEN.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2009.

MURTA, Aidalice Ramalho. **A argumentação no discurso publicitário:** a estratégia da pergunta. Belo Horizonte: PUC, 2005, 108f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas (PUC), Belo Horizonte, 2005.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.) Introdução. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2006. p. 15-20.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. *Weblogs:* a exposição de subjetividades adolescentes. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P (Org.). **Foucault e os domínios da linguagem:** discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 201-214.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários públicos, mundos privados**. Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações contemporâneas. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. 214f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

_____. **De onda em onda:** a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces, 2003. Disponível em: <www.bocc.uff.br/pag/oliveira-rosa-meire-De-onda-onda-pdf>. Acesso em: 23 jan. 2010.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Octavio I. et al. **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. Tradução de Vértice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 1-20.

PALADINO, Valquíria da Cunha et al. **Coesão e coerência textuais: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2006.

PAZ, Carolina Rodrigues. A cultura blog: questões introdutórias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, p. 66-72, 2003.

PEREIRA, Ana Cláudia Barreiro Gomes. Blog, mais um gênero do discurso digital? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS - SIGET, 4., 2007, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina, 2007. p. 516-523.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **Argumentação: história, teorias, perspectivas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: avaliação estatísticas dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 21., 2008a, Natal. **Anais...** Natal, 2008. Disponível em: < http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2011.

_____. Os blogs não são diários *online*: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, p. 122-128, 2008b.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. Comunidades de blogs e espaços conversacionais. **Revista Prisma.com**, n. 3, p. 230-272, 2006. Disponível em: <<http://prisma.cetac.up.pt>>. Acesso em: 15 jan.2010.

_____. **Blogs como espaços de conversação**: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. Disponível em: <www6.ufrgs.br/limc/PDFs/conversação.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2010.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, 2003.

RECUERO, Raquel da Cunha. Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.11, p. 19-27, 2004a Disponível em: <<http://revistaeletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 08 set. 2009.

_____. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2004b.

_____. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Tiago da Silva. *E-mail e blog: 'gêneros textuais' ou veículos de comunicação?* **Hipertextus**, v. 2, 2009. Disponível em: <www.hipertextus.net/volume2/Tiago-Silva-RIBEIRO.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2010.

RODRIGUES, Catarina. Blogs regionais como espaços de cidadania e participação. **Revista Prisma.Com**, n. 3, p. 165-188, 2006a. Disponível em: <<http://prisma.cetac.up.pt>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

_____. **Blogs e a fragmentação do espaço público**. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2006b. Dissertação (Mestrado em Estudos em Comunicação) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2006.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L. et. al. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

RYPL, Mariana Martinez. **O sentido construído pelas relações dentro do discurso**. Porto Alegre: PUC, 2010. 111f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SADE, Liliane Assis. O cibergênero *homepage* e suas funções sociais e comunicativas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS - SIGET, 4, 2007, Santa Catarina. **Anais...**, Santa Catarina, 2007. p. 1243-1252.

SALATIEL, José Renato. Estudo sobre comunicação em web 2.0: mídias modulares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 1997, Santos. **Anais...** Santos: INTERCOM, 2007. Disponível em: <www.almanaquedacomunicacao.com.br>. Acesso em: 20 mar. 2010.

SANTOS, Noemi Luciane dos. **Os operadores na argumentação do discurso**. Porto Alegre: PUC, 2010. 196f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SARTORI FILHO, J. P. **Blog**. Disponível em: <www.sobresites.com/blog>. Acesso em: 30 jul. 2011.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p.19-34.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise de interioridade psicológica. In: **Antroposmoderno**, 2003. Disponível em: <www.antroposmoderno.com/antroposmoderno-imprimir.php?id_articulo=1147>. Acesso em: 26 abr. 2010.

_____. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. **Revista em questão**, v. 11, n. 1, p. 35-51, 2005. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao>. Acesso em: 12 jan. 2010.

SILVA, Jan Alyne Barbosa e. *Weblogs: múltiplas utilizações e um conceito*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO., 26, 2003, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003>. Acesso em: 20 jan. 2010.

SILVA, Marcela Regina Vasconcelos da. A abordagem dos comandos em gêneros de cunho injuntivo: uma análise de livros didáticos de português. 2007. Disponível em: <www.colegiopaulopaiva.com.br/art05.pdf>. Acesso: 12 mar. 2009.

SILVA, Walleska Bernardino. **A relação entre referenciação e argumentação**. Uberlândia: UFU, 2008. 193f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

SOUZA, Aguinaldo Gomes. Gêneros virtuais – algumas observações. **Revista Letra Magna – Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa**, Linguística e Literatura, ano 4, n. 7, p. 1-16, 2007.

_____. Software e gênero digital: o caso do e-mail acoplado em uma plataforma www. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 22, 2008, Maceió. **Anais...** Maceió, 2008.

_____. **O suporte dos gêneros digitais**. Disponível em: <www.souza.pro.br>. Acesso em: 19 nov. 2009.

SOUZA, Aguinaldo Gomes; CARVALHO, Eduardo Paulo Monteiro de. Uma noção de suporte virtual. **Revista Hipertextus**, v. 1, 2007.

SOUZA, Marcelo Athayde de. **Blog do Tas**. Disponível em: <<http://marcelotas.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 maio 2010.

SOUZA, Wander Emediato de. Retórica, argumentação e discurso. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso –FALE/UFMG, 2001. p. 157-177.

TAS, Blog do. Disponível em: <<http://marcelotas.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual. **Revista do GELNE**. Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 32-37, 2002a.

_____. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino da língua materna. In: BASTOS, N. M. (Org.). **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: EDUC, 2002b. p. 201-214.

_____. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Alfa**. São Paulo, v. 51, p. 39-79, 2007.

XAVIER, Antônio Carlos. **A era do Hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Universitária, 2009.

XAVIER, Antônio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz. *E-fórum* na Internet: um gênero digital. In: ARAUJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 30-38.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. Retórica e argumentação. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010. p. 196.